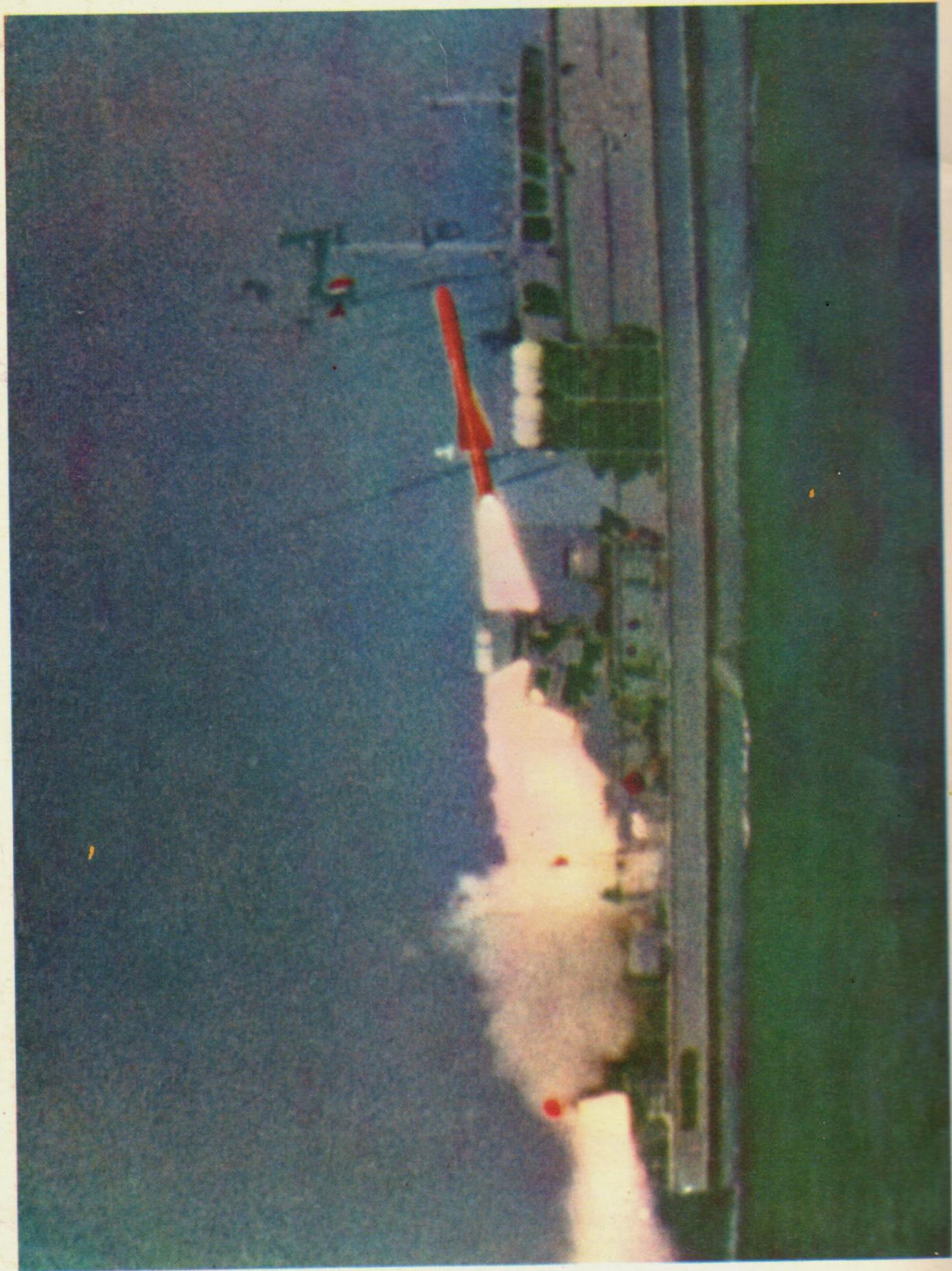


A FRAGATA



1973





A FRAGATA

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL
ANO XXIII — FEVEREIRO, 1974 — N.º 21



A FRAGATA

REDAÇÃO

COLÉGIO NAVAL — ANGRA DOS REIS, RJ

Diretor:

Luiz Carlos de Carvalho ROTH

Assessor:

Francisco Eduardo Neves NOVELLINO

Redator-Chefe:

Álvaro Maurício BERTHO dos Santos

Secretários:

Carlos Alberto PÉGAS Ferreira

Luiz Alexandre Marques PEIXOTO

Desenho:

LUIZ Antônio CARVALHO

Fotografia:

Allpio Cezar ZAMBÃO da Silva

Colaboradores:

CARVALHO COSTA — ARRUDA — SABOIA

— LOPES — MOLINA



COLÉGIO NAVAL GRÊMIO DOS ALUNOS

Presidente:

Abdon Baptista DE PAULA Filho

Vice-Presidente:

ODAIR Fernandes Aguiar Filho

Diretor Literário:

Francisco Roberto Portella DEIANA

Diretor do Departamento Técnico:

Frederício AYRES Pereira Corrêa da Silva

Diretor Recreativo:

Rodolfo Henrique de SABOIA

Diretor Financeiro:

Floriano Saad MAZINI

Diretor de Esportes:

Plínio SOARES JUNIOR



SUMÁRIO

Apresentação — <i>al. Lopes</i>	2
Mensagem do Sr. Vice-Presidente da República — <i>Als. Carvalho Costa e Roth</i>	5
Palavras do Sr. Diretor	6
Aula Inaugural — <i>Prof. Gilberto Alves da Silva</i>	7
Guerra Revolucionária — <i>C.F. Sérgio de Oliveira Queiroz</i> ..	11
Caleidoscópio Musical das Américas — <i>als. Saboia e Bertho</i> ..	13
Dia a Dia — <i>Als. Pêgas — Peixoto — Odaír e Roth</i>	17
Começou a Guerra, acaba quando? — <i>Al. Deiana</i>	29
A realidade de Itaipu — <i>Al. Novellino</i>	30
Ensaio sobre o Futuro — <i>Al. Bertho</i>	33
Viagem de Instrução 73 — <i>Al. Novellino</i>	39
O Poderio Naval entre guerras — <i>Prof. Frota</i>	41
Vida a Dois Mundos — <i>Al. Lopes</i>	47
IX NAE — <i>Al. Soares Junior</i>	48
O Foguete Modelismo no CN — <i>Al. Arruda</i>	52
... e a Escola, Nosso Destino — <i>Al. Roth</i>	54
A Turma que Sai — <i>Al. Novellino</i>	58
O Baile da Âncora no Clube Naval — <i>Al. Roth</i>	69
Encerramento do Ano Letivo de 1973 — <i>Al. Novellino</i>	65
Homenagem ao Diretor do CN	69
A Foto da Missa de Formatura na Candelária	70
Agradecimentos	72
A Turma de 1972	73

UMA EDIÇÃO GUYMARA EDITORA LTDA.

Serviços Editoriais:

GUYMARA EDITORA LTDA.
Av. 13 de Maio, 23 - Gr. 2.025
Fones: 237-5717 e 235-4655
RIO DE JANEIRO, GB.

Serviços Gráficos:

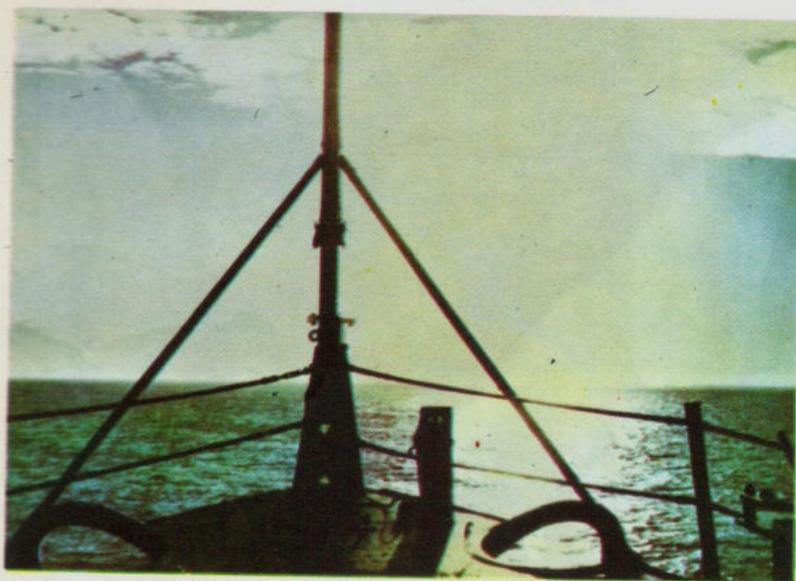
CASA EDITORA VECCHI S.A.
Rua do Resende, 144
RIO DE JANEIRO, GB

Fotolitos:

STUDIO SANTA MONICA LTDA.
Rua Visconde de Inhaúma, 57 - 1.º
Fone: 223-3622
RIO DE JANEIRO, GB

Diagramação

EDUARDO J. GONÇALVES



Apresentação

A FRAGATA hoje é um testemunho, amanhã será um documento.



FRUTO de um esforço desinteressado e comum, a revista que ora apresentamos resume as primeiras características de nossa nova forma de vida, com a jarda. Alguns ficaram pelo caminho, bem o sabemos, mas para os muitos que concluíram com êxito sua missão no Colégio Naval, A FRAGATA aqui está, como um diário de bordo, registrando os bons e maus momentos, os dissabores suplantados pelas alegrias que conduziram à vitória final.

Para nós o importante, o de real significado, não é podermos passar agora à Escola Naval, não é conseguirmos ser declarados Guardas-Marinha. Não! Para nós o que conta é, única e simplesmente, o amanhã. Pois sabemos que, estando preparados para um novo dia, estaremos sempre prontos. Sempre a postos.

A FRAGATA existe para contar o início desta história, que pode terminar com o sacrifício maior, qual seja, o de nossas próprias vidas; preço tão alto, quanto elevado é o sentido da missão a que nos impomos cumprir.

A Redação



A FRAGATA

D. PEDRO II NOSSO PATRONO



D. PEDRO II — NOSSO PRIMEIRO IMPERADOR NATO

**“NÃO CONHEÇO MISSÃO MAIS NOBRE DO QUE
ESSA: DIRIGIR AS INTELIGÊNCIAS MOÇAS E
PREPARAR OS HOMENS DO FUTURO.”**

A FOTO: Eram notórios a sua predileção, o seu carinho e o seu amor pela Marinha de Guerra que durante seu Império chegou a ser uma das maiores do mundo.

Sendo ele o comandante-em-chefe das forças de terra e mar dava-lhe o direito de usar qualquer dos uniformes das Forças Armadas, que ele alterava e ao qual acrescentava as insígnias imperiais. Pode-se observar que num quadro em que o Imperador está com o uniforme de Coronel de Voluntários da Pátria, o sabre que ele porta é de Marinha.

AL. ROTH



ALMIRANTE AUGUSTO HAMANN RADEMAKER GRÜNEWALD

MENSAGEM DO SR VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA



GABINETE DO VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Rio - 17. XII. 1973

A turma de 1972 do Colégio Naval.

O Colégio Naval honra as tradições da Marinha. Ele inicia o jovem na carreira naval, aproximando-o do mar e de sua gente, ensinando-lhe o linguajar marinhaeiro e as características da vida marítima.

"A Fragata", órgão oficial dos alunos, fora o seu aspecto literário, social ou informativo, tem sido um dos meios adequados a essa aprendizagem.

A turma 72, galgou o primeiro patama e atingiu o patam superior, que é a Escola Naval, e, certamente, entrará pelo portão da carreira de Oficial de Marinha. Profissão de vocação, porque é de desprendimento. Profissão de sacrifício, porque é de dificuldades. Exige entusiasmo constante e dedicação integral. Sem dúvida, essa turma será uma "Esperança da Armada".

Augusto Hansson Odeunder Guimarães

A MENSAGEM DO DIRETOR DO COLÉGIO NAVAL AOS ASPIRANTES DE 1974

CMG HUGO STOFFEL



CADA edição de *A FRAGATA* deseja marcar a passagem pelo COLÉGIO NAVAL de uma turma de alunos. Pretende mostrar suas atividades, retratar suas emoções e exprimir suas idéias.

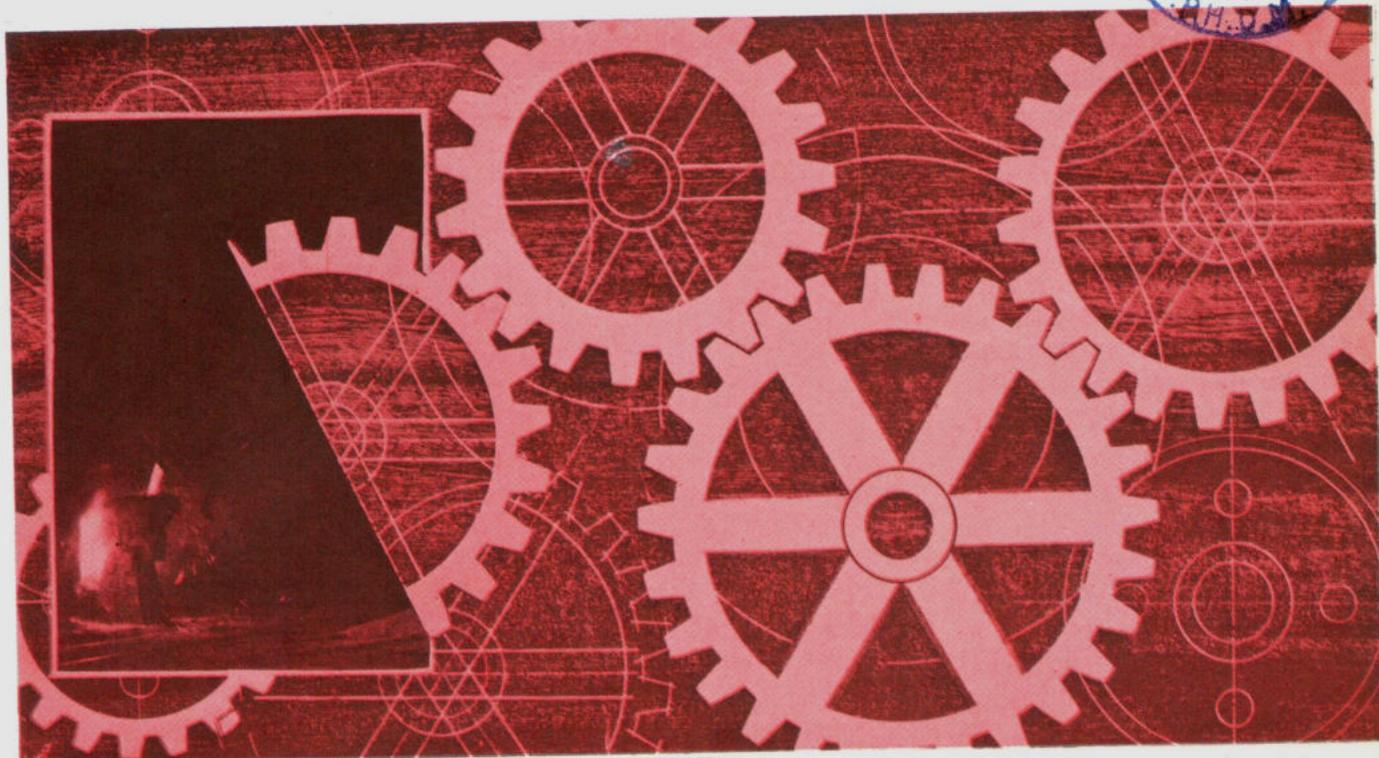
Como as outras edições que a esta antecederam, espera-se que a atual possa servir de repositório de boas lembranças, de preciosas memórias das boas coisas que sucederam aos Alunos durante os dois anos do curso.

Ao Diretor, a quem é dada a oportunidade de deixar aqui nesta página uma mensagem, cabe tradicionalmente a tarefa de desejar aos novos Aspirantes — pois que serão Aspirantes quando estiverem lendo estas linhas — uma viagem segura nos mares incertos do futuro.

Inicialmente, gostaria de deixar registrada a impressão favorável que marcou a passagem da Turma de 1972 por este COLÉGIO. Atribuo grande parte de crédito pelos sucessos no ano de 1973 à boa orientação que os Oficiais Alunos, em particular, e aos Alunos do 2.º ano, de modo geral, souberam dar à vida do Corpo de Alunos. É difícil a metamorfose do calouro de um ano em veterano da turma mais antiga, no ano seguinte. Mesmo assim, a liderança exercida pelo 2.º ano de 1973 foi bastante segura e comedida, permitindo aos novos alunos encontrar um ambiente favorável e amistoso para a sua adaptação à vida da Marinha. Este bom desempenho é um sinal de grande pendor para a carreira que abraçaram. Que sejam muito felizes!

Quanto ao futuro, cabe encará-lo com confiança. Não haverá obstáculos inabordáveis para aqueles que têm a coragem de enfrentá-los. A maior dificuldade das novas gerações de Oficiais será decorrente do inexorável aumento de responsabilidades da Marinha do Brasil nos anos que virão. Novos navios mais complicados que os atuais, novas missões mais difíceis que as de hoje, novos mares onde marcar a presença do Brasil.

Estamos certos de que os moços de hoje estarão a altura da Marinha do Brasil de amanhã.



POLÍTICA DE INTEGRAÇÃO NACIONAL

(Resumo da aula inaugural do ano letivo de 1973)



Rodovias e aço: fatores essenciais à integração das regiões.

1) Introdução:

A “Política de Integração Nacional” é sem sombra de dúvida a grande realização do Brasil Atual, polarizando as atenções do país e aglutinando esforços do Governo e do Homem Brasileiros.

Essa política é um fato recente, embora em outras épocas já se tenha percebido a necessidade de urgência de sua execução. Efetivamente, a “Marcha para o Oeste”, a “transferência e interiorização da Capital Federal” são exemplos de que já de algum tempo a Política de Integração consistia tarefa urgente e inadiável.

Foi, no entanto, a partir de meados de 1970, com a visita que fez o Presidente Médici ao Nordeste, que a Política de Integração Nacional transformou-se na meta prioritária do Governo e na esperança e anseios da população brasileira da chegada de dias melhores.

Num discurso do Presidente recolhemos fragmentos que retratam todo um drama nacional e seu inconformismo:

... — “*Vim ver a seca de 70 e vi o sofrimento e a miséria de sempre*”...

— “*Só digo é que tudo isso tem que mudar*”...

— ... “*É preciso que eu diga que houve quem me aconselhasse a que não viesse aqui*”...

II) Alguns Antecedentes:

O Brasil é um país de dimensões continentais com cerca de 9.000 km de fronteiras marítimas e 16.000 km de fronteiras terrestres aparentemente solicitado por forças antagônicas: a atração marítima e a continental. Esse aparente antagonismo pode ser apreciado quando ouvimos frases aparentemente conflitantes: — “*O destino do Brasil está no mar*” (Rui Barbosa) e “*O verdadeiro sentido da bra-*

silidade está no Oeste" (Getúlio Vargas).

Na realidade, o problema não pode ser equacionado em termos de "conflitos" e sim, de "desigualdades", de "disparidades".

Um retrocesso histórico nos mostra que o centro de gravidade sócio-econômico do país vem se deslocando desde o Nordeste com o açúcar, passando para "As Minas Geraes" com o ouro e pedrarias, depois para o Vale do Paraíba do Sul e adjacências com a cafeicultura e atualmente situa-se na área do chamado "Quadrilátero do Poder Nacional" cujos vértices são as cidades do Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte e Brasília.

A migração desse centro de gravidade no correr do tempo mostra-nos que sempre houve no Brasil, em determinado momento, um produto econômico que prevalecia sobre os demais — o chamado "Produto-Rei" dos "Ciclos Econômicos" e a projeção de uma região do país sobre as demais. Efetivamente as condições do desenvolvimento sócio-econômico brasileiro não foram, nem são as mesmas em todo território nacional.

As desigualdades das condições sócio-econômicas são plenamente perceptíveis quando verificamos em nosso país duas áreas perfeitamente distintas: o "Sudeste", que constitui o chamado "Núcleo" ou "Core-Área" — "Área Coração" a única que no seu todo pode ser considerada desenvolvida e a ela já se considera, pela facilidade de ligações o "Sul", e a área "periférica" incluindo o Norte, o Nordeste e o Centro Oeste, regiões de economia decadente ou estagnada até então.

Freqüentemente, considerando essas circunstâncias, diz-se que o Brasil é um "vasto arquipélago" de difícil comunicação entre as diferentes "ilhas". Configura-se o país como um vasto arquipélago com "centros regionais" convergindo para um "centro nacional" — o Quadrilátero do Poder Nacional.

Enquanto o Sudeste, a Core-Área com apenas uns 10% da área do país, concentra 45% da produção brasileira, nos restantes 90% do espaço brasileiro diluem-se 55% da população. Realmente, logo de início, o contraste "Homem-Terra" é gri-

POLÍTICA DE INTEGRAÇÃO NACIONAL

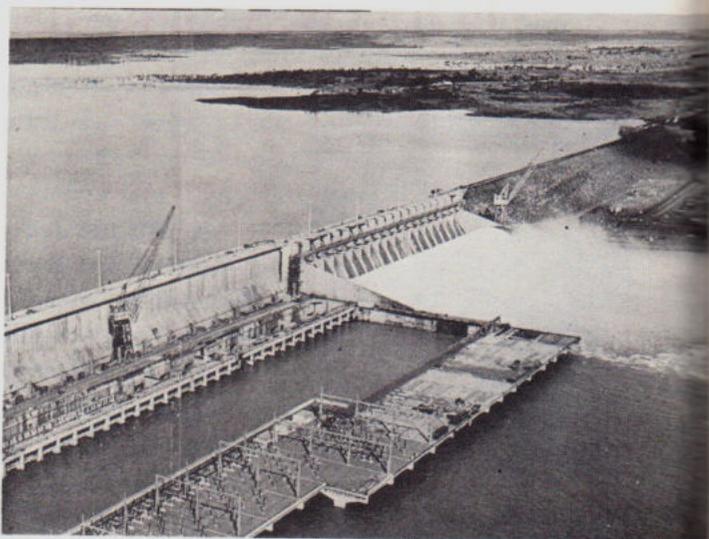


Área coração

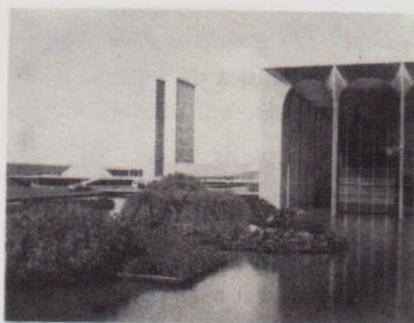
tante a ponto de se dizer que "o Brasil é o país dos homens sem Terra e da Terra sem homens" . . . 50% do território nacional é ocupado apenas por 3,8% da população e 3/4 de nossas fronteiras são ainda praticamente inacessíveis (*)

Deixando momentaneamente o aspecto demográfico-espacial dos contrastes nacionais, passemos a enfatizá-los no campo econômico através de mais alguns exemplos: o Sudeste consome 85% da energia elétrica gerada no país, totaliza 75% do valor da produção industrial nacional! A macrocefalia econômica do Sudeste se evidencia quando observamos que nessa área se concentram o parque siderúrgico Nacional, a maior capacidade de refino dos derivados do petróleo. A totalidade da indústria automobilística nacional. . .

Tornam-se quase ocioso a demonstração do óbvio: o desenvolvimento sócio-econômico do Sudeste é flagrante em relação às demais áreas do país. É preciso, no entanto, que se considere o elemento central de todas essas considerações: o Homem. Ele é o elemento primordial que até agora não fora considerado.



Ilha Solteira: — Hidrelétrica dá resposta a um desafio do desenvolvimento.



Brasília fechou o polo da "área coração".

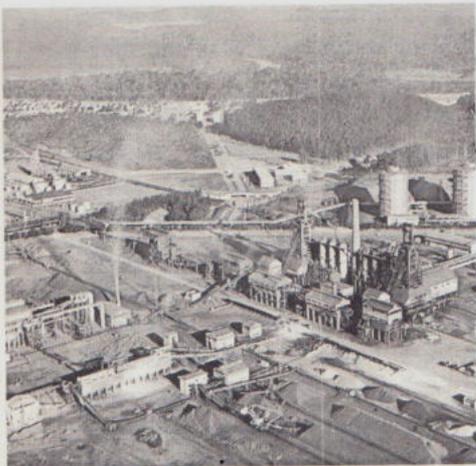
Sócio-economicamente ele apresenta "necessidades" de duas categorias: as necessidades "primárias" ou "elementares" e que são vestuário, alimentação e habitação e as "secundárias" como educação, recreação, ostentação social etc. A grande meta do Homem é, sem dúvida, o atingimento do "status do Bem-Estar". Que é "Bem-Estar"? "Bem-Estar" é o "estado de quem possui além do absolutamente indispensável" ou o "Estado de quem

consome além do absolutamente indispensável.”

A expressão “*Sociedade de consumo*” é uma redundância porque toda Sociedade é “*consumidora*”. Que consome a sociedade? “*Bens de consumo*” (alimentos, roupas, remédios) e “*serviços*” (transportes, tele-comunicações etc). A diferença, a grande diferença, está na capacidade maior ou menor de consumo do homem. O consumo de “*bens*” e o oferecimento de “*serviços*” ao homem além de suas necessidades constituem o atingimento do Bem-Estar.

É exatamente essa diferença de potencialidade de consumo que estabelece a diferença, mais que isso, que abre um abismo entre dois grupos da humanidade: os que dispõem da maior capacidade da produção e consumo de bens e serviços (os “*Desenvolvidos*”) e os que dispõem de pequena capacidade produtiva e que são fracos consumidores (a maior parte da população mundial, os “*subdesenvolvidos*” ou integrantes do “*Terceiro Mundo*”, massificação da pobreza e da miséria. . .)

Reduzindo-se as proporções do fenô-



A Usina Intendente Câmara (Usiminas) maior produtora de chapas de aço não revestidas, lidera as exportações.

meno mundial, miniaturizando-se tal estado em relação ao Brasil, observamos, numa certa área, um maior poder aquisitivo da população, um prevalectimento freqüente da “*oferta*” de bens e serviços sobre a “*procura*” (Sudeste-Sul); noutras, um baixo poder aquisitivo, uma procura maior que a oferta, uma fraca sociedade consumidora (Nordeste, Norte e Centro-Oeste) . . .

É tempo de haver uma conscientiza-

ção da situação, de uma tomada de posição em termos de opção: resolver ou não o problema. Não é possível mais permanecermos numa tradicional inércia confiados e embalados por idéias como:

— “*A terra é de tal maneira graciosa que em querendo nela dar-se-á tudo*” . . ., “*Gigante deitado eternamente (sic) em berço esplêndido*” . . ., “*O Brasil é o país do futuro*” . . . Essas frases tão repetidas, tão manipuladas podem constituir-se jóias literárias, mas estão tão distantes da verdade, da realidade como toda a humanidade está do Bem-estar. . .

III) *Que é a Política de Integração Nacional?*

Procuramos demonstrar que as condições sócio-econômicas do país não são as mesmas que o poder aquisitivo, que a riqueza nacional não se distribui de maneira uniforme. Numa palavra, a Política de Integração Nacional objetiva, através do desenvolvimento sócio-econômico atenuar, diminuir essas disparidades, esses desequilíbrios regionais, dando ao país um desenvolvimento “*harmônico*” e “*global*”. Não nos iludamos. Definir é simples. Realizar é tarefa de titãs, é levantar um gigante de seu secular berço embalado pela inércia, pelo conformismo, pela indiferença.

O processo não pode ser obra de um brasileiro, de alguns ou de muitos brasileiros e sim, de todos os brasileiros. Governo e povo aglutinados e polarizados em torno do ideal comum acima, muito acima do ideal e do interesse de cada um.

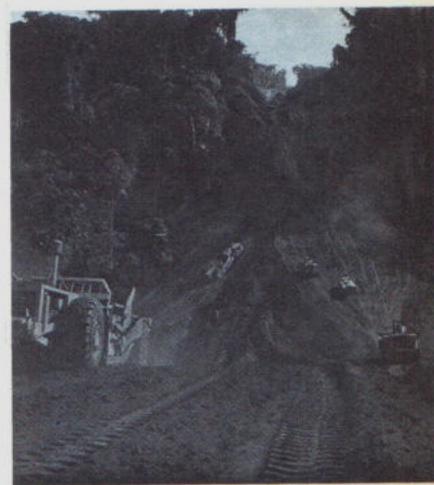
“*Desenvolvimento*” não é artigo importado. Não existe um exemplo, um só, de um país que não tivesse se desenvolvido apoiado numa base eminentemente nacional. . .

A *Política de Integração Nacional* é um processo auto-gerado que envolve complexos aspectos sócio-econômicos e político-estratégicos.

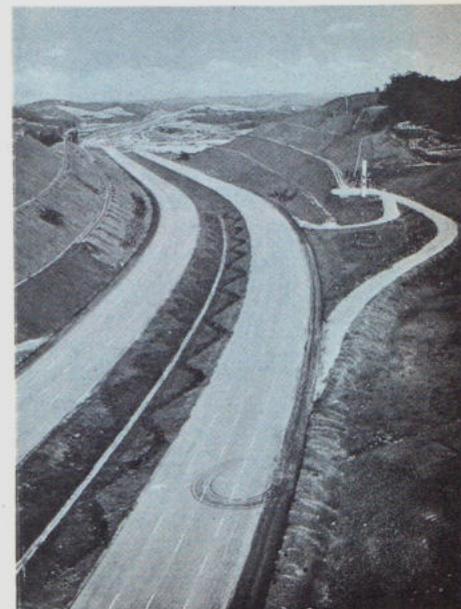
IV) *Como se faz a Política de Integração Nacional?*

Não existe uma fórmula em que se aplicam valores e dali se extrai um resultado. Já vimos que o passo inicial é a “*conscientização*” da situação. É a tomada de posição. É a opção. Depois o “*planejamento*”. Que é “*planejar*”? Não sa-

bemos definir. . . “*não planejar*” sabemos: é improvisar. . . A Política de Integração Nacional não é apenas um planejamento de integração espacial com a construção de vias para ligação de áreas mais distantes. É também a Integração social com alfabetização, melhoria das condições sanitárias, melhoria das condições de mercado de trabalho e aumento do poder aquisitivo. “A Integração Social é feita em dois sentidos. Tanto no sentido “*horizontal*”, incorporando e intimizando na sociedade nacional as *populações marginalizadas pela distância e carência de comunicações*, como no sentido “*vertical*” reduzindo os *desníveis sociais na distribuição da renda e promovendo a educação*” (TORLONI — obra citada).*



“Transamazônica” — obra pioneira de integração da fronteira norte com a Core-Área.



“Estrada dos ‘Imigrantes’” a mais sofisticada é o corredor de exportação da região sul.



A Indústria petroquímica típica de região em desenvolvimento das áreas petrolíferas.



Sondagem de petróleo da plataforma continental.



O Aço de Volta Redonda iniciou o processo de integração com a indústria automobilística.



A ligação da perimetral Amazônica com Brasília já é realidade.

Já houve quem dissesse, e muito bem, que “desenvolver os caminhos é um dos melhores caminhos para o desenvolvimento”. Efetivamente, a implantação de vias integra espacial e sócio-econômica. Asseguram as vias, a circulação das massas econômicas e permitem, possibilitam a oportuna aplicação do poder militar resguardando a Soberania Nacional.

Estão sendo implantadas no país, à custa de grandes esforços, as chamadas “vias da Integração Nacional” como a Perimetral Norte, a Porto Velho-Manaus, a Brasília-Acre, a Cuiabá-Santarém, a Transamazônica como que “vertebrando a até então massa inerte da Amazônia”. Sobre a Transamazônica nos permitiremos um enfoque mais detido.

A Transamazônica é a obra inicial e que sintetiza o espírito da *Política de Integração Nacional*. Sua construção assinala o início efetivo dessa política. A Amazônia até então tivera suas fronteiras perfeitamente delimitadas, mas efetivamente não fora conquistada: existia apenas a moldura mas o quadro não... A Transamazônica permitirá, com mão de obra ociosa do Nordeste a fixação efetiva do homem na região, a “*Humanização daquela Paisagem*”... Possibilitará um mais eficiente aproveitamento dos recursos naturais até então latentes e não aproveitados, como as excepcionais jazidas ferríferas da Serra dos Carajás no Estado do Pará. Promoverá um desenvolvimento da navegação fluvial que será enfatizada com o desenvolvimento harmônico de um sistema rodo-fluvial de transportes. Dificuldades de toda sorte, pessimismo, alegações de que haverá *rompimento do equilíbrio ecológico* não foram motivos suficientes para detimentos.

A Amazônia que até então aparecia como um latifúndio improdutivo e anti-social, objeto inclusive de especulações internacionais, vê suas fronteiras vivificadas e a valorização do homem da região.

A Transamazônica é exemplo eloqüente da *Política de Integração Nacional*, mas não é o único. Não apenas a construção de vias concorrentes para a Integração. Ela é promovida pela institui-

ção de órgãos como a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), como a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), o PROTERRA (Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agro-Indústria do Norte e do Nordeste), o PRODOESTE (Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste) e tantos outros.

Em todas essas instituições observa-se a intenção de um processo de “*intimização*” do binômio *Homem-Terra* com a valorização de seus termos.

A política de *Integração Nacional* não pode ser obra de um Governo apenas, de um homem só. Ela arregimenta esforços de civis e militares, de velhos e jovens. Aparentemente desses tínhamos esquecido. Aos jovens, no entanto, cabe uma parcela fundamental no processo com suas participações no *Projeto Rondon*, na *Operação Mauá* (OPEMA).

A aglutinação de esforços de todo o país transformou a *Política de Integração Nacional* no objetivo nacional prioritário dentro do plano global de desenvolvimento.

O desenvolvimento é um processo essencialmente dinâmico e o Brasil, afortunadamente por seu governo e seu povo, por ele optou. É um processo dinâmico em que se observam várias e distintas etapas: já atingimos o “*take-off*” algum tempo atrás e estamos caminhando para uma outra etapa denominada “*marcha para a maturidade*” (ROSTOW, obra citada). No “*take-off*” que é o “*arranco*” ou “*decolagem*” para o desenvolvimento a situação é irreversível na escalada para esse desenvolvimento e nada há de impedir que o Brasil e os brasileiros nessa trajetória cumpram seu destino...

* BIBLIOGRAFIA

- ANDREAZZA, MÁRIO — “Transamazônica” Pronunciamento feito na Câmara dos Deputados, em 1.º de julho de 1970.
- GALACHE E ANDRÉ — “Brasil Processo e Integração”, 1972.
- GRACIANO, MÁRIO LUCAS — “Transporte, Integração e Desenvolvimento”, Ministério dos Transportes, 1971.
- PALERMO, ALFREDO — “Estudo de Problemas Brasileiros”, 1972.
- TORLONI, HILÁRIO — “Estudo de Problemas Brasileiros”, 1972.
- ROSTOW, WALT — “Etapas do Desenvolvimento Econômico”, 1964.

GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Capitão-de-Fragata Sérgio Roberto Castro de Oliveira Queiroz

EM decorrência de entendimentos com a Diretoria de Ensino da Marinha, esteve no Colégio Naval, em 13 de junho, equipe de instrutores da Escola de Guerra Naval, proferindo palestra, para o Corpo de Alunos, sobre Guerra Revolucionária e Operações Psicológicas.

Na oportunidade, foi ressaltada a importância de que se reveste, nos dias atuais, para os militares, de um modo geral, o conhecimento das principais técnicas de que se valem os movimentos revolucionários de inspiração ideológica para a conquista do mundo livre, instrumentos que são de uma forma de imperialismo que procura, não só a submissão política e econômica dos países que pretendem dominar, como a da mente e dos espíritos de suas populações.

O significado do conhecimento e reconhecimento do fenômeno torna-se mais relevante no caso dos alunos das escolas de formação de oficiais, não só pela sua condição de jovens, sujeitos aos efeitos maciços da propaganda do mundo de nossos dias, como, principalmente, pelo que o futuro lhes reserva, no contexto da problemática nacional de segurança.

Sem dúvida alguma, o assunto Guerra Revolucionária é um dos mais complexos e controvertidos dos nossos dias, o que seria suficiente para merecer, se não o nosso estudo mais profundo, ao menos certa meditação. Apesar da incredulidade dos céetidos, que se negam a aceitar qualquer interpretação mais profunda dos inúmeros exemplos que a história, exaustivamente, nos tem mostrado, a realidade aí está, flagrante e iniludível, a nos apontar a existência e a essência da ameaça. As conturbações mais graves que vive o mundo atual encerram, ao lado de movimentos reivindicatórios que muitas vezes se respaldam em motivos justos, uma gama de procedimentos táticos padronizados, cuja elaboração, bem como a execução das ações decorrentes, revelam uma experiência e um **know-how** que transcendem do âmbito dos paí-

ses em que supostamente são geradas, traindo a existência de uma direção e coordenação de âmbito supra-nacional a reger tais acontecimentos.

No decorrer da exposição da Escola de Guerra Naval, foram apontados os principais recursos de que se valem os mo-



Comandante Queiroz num momento da palestra.

vimentos revolucionários da atualidade, para consecução do seu duplo propósito: destruição da sociedade e a construção de uma outra, erigida sobre as cinzas dos valores derrocados e sustentada por uma ideologia imposta. Exemplos foram apresentados de como as técnicas revolucionárias têm sido aplicadas, com maior ou menor sucesso, nos diversos países.

Encerrou-se a palestra com uma apresentação da atual realidade brasileira, onde, graças à interrupção da escalada subversiva, em 31 de março de 1964, as dimensões do problema, que àquela época era crítico, foram confinadas pela ação decisiva, no campo da se-

gurança e, sobretudo, do Desenvolvimento, desencadeada pelos governos que se seguiram. Foram, entretanto, alertados os alunos para o fato de que, embora o perigo iminente tenha sido afastado, a ameaça, de modo algum, foi totalmente eliminada. A ação clandestina de grupos extremados, divergindo por vezes em táticas, coerentes, contudo, em seu propósito comum, é bastante conhecida, principalmente quando se manifesta em atos violentos de aparente inconseqüência, condenados pelo repúdio popular. Menos perceptível nos seus propósitos, contudo, é certo tipo de propaganda insidiosa, que se utiliza de meios de comunicação da massa e, de forma velada, procura minar gradativamente os valores básicos da sociedade em cujo seio atua. Para ela deveremos estar sempre atentos, pois que a sutileza com que é elaborada desaconselha a adoção de medidas repressivas mais severas que lhe ponham cobro, as quais certamente seriam consideradas incompreensíveis pela imensa maioria mal avisada. Assim, as alusões aparentemente despreocupadas sobre o uso de tóxicos, a permissividade a envolver obras supostamente artísticas e sua aceitação por uma crítica demasiado condescendente, o humorismo negativista e mórbido, o protesto unidirecional, se bem que atendam também a escusos interesses imediatistas, podem ser considerados como poderoso instrumento de preparação de guerra ideológica.

Cabe a nós, como cidadãos e como militares, conhecermos a medida exata da ameaça com que o perigo se apresenta. E da nossa atitude, frente a este antagonismo, como a todos os demais, dependerá o prosseguimento do Brasil em sua trilha de progresso, imuna às investidas que visem a despersonalizá-lo como nação, quaisquer que sejam suas origens. **JF**



CALEIDOSCÓPIO MUSICAL DAS AMÉRICAS



Movimento musical no Brasil
Foto: Alexandre Liesecke in Calendário
Brasileiro 74 da APP.



ALS. MAURÍCIO BERTHO
E RODOLFO SABOIA

1. A CHEGADA DOS NEGROS

A vinda do elemento africano originário das possessões européias na África iria iniciar uma nova era de transformações sociais e econômicas nas Américas. E dessas transformações sociais surgiu uma nova forma de expressão musical.

A saudade da terra natal em que viviam livremente fizeram nascer no negro um sentimento de tristeza e melancolia, representado no sul pelo *Banzo* e no norte por um grito de lamento que mais tarde se fundiria com a música européia dando origem ao *Blues* e ao *Jazz*.

É necessário dizer que a influência negra no sul notou-se apenas na colonização portuguesa, enquanto que nas colônias espanholas o nativo indígena foi quem marcou as tradições culturais. Entretanto essa influência no Brasil mostrou-se de forma diferente da dos Esta-

dos Unidos já que houve uma completa adaptação do escravo ao colonizador. Assim, enquanto que nos Estados Unidos nascia uma música depressiva o *Blue*, no Brasil surgia algo alegre e expansivo — o *Samba*.

Mas um outro tipo de música formou-se nos guetos de Nova Orleans, o *Jazz*, talvez a maior contribuição negra para a cultura dos Estados Unidos. Era uma música sensual e alegre, uma espécie de desabafo contra a tristeza imperante. Quanto aos guetos em que nasceu, eram chamados de "o bairro da luz vermelha", ou seja, dos bordéias de Nova Orleans que um sociólogo descreve como "uns quarenta ou cinquenta quarteirões de sexo e música".

Da mesma forma que os brancos norte-americanos descobriram o *Jazz* só em 1920, o primeiro *Samba* brasileiro foi gravado apenas em 1917.

2. O SAMBA E O RIO COMO CENTRO MUSICAL

Maior representante da atração internacional no carnaval, o *Samba* era primordi-

almente um ritmo de dança denominado *Semba* que significa na língua angolosa umbigo. Isto devido ao fato de que o negro ao querer parar de dançar o *Semba* dava uma umbigada em alguém que seria o seu substituto na roda de dança.

Supõe-se que a evolução topográfica do *Samba* seja a vinda da Bahia para o Rio com uma tomada de forma na Praça 11, cultivado no Estácio, subindo o morro da Mangueira e, posteriormente, descendo para a planície. É, portanto, errado dizer que o *Samba* teria "descido dos morros".

O primeiro *Samba* editado foi "Pelo Telefone" (1917) que Donga (Ernesto dos Santos) tomou a iniciativa de gravar, mas que, na verdade, foi colaboração de vários adeptos do "*Partido Alto*" e do "*Samba Rasgado*".

O papel do Rio de Janeiro como orientador de músicas e de apresentador de *shows* foi fundamental para que o *Samba* se estabelecesse por completo nesse centro cultural brasileiro. E não só ele, mas o *Baião*, a *Tropicália* e os novos ritmos baianos nasceram em outras regiões, também tomaram vulto no

Rio. Já a *Bossa-Nova* é nativa da própria cidade.

Sem dúvida o *Baião*, criado em 1946 por Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, nos trouxe uma grande contribuição rítmica, tendo êxito numa época em que a música nacional amolecia pela má interpretação dos cantores nacionais famosos.

Com a iniciativa de vários nomes da imprensa em meados da década de vinte, foi-se formando todos os anos uma espécie de competição entre "*Escolas de Samba*" criadas em diversos subúrbios do Rio — era o início do carnaval de hoje. Mas, logo dificuldades foram notadas já que uma Escola não podia cruzar-se com outra que "o pau comia", ocasionando inclusive mortes.

Apesar disso tudo, as *Escolas de Samba* evoluíram e transformaram-se em verdadeiros *ranchos*, mantendo seu repertório de *Samba*, com enredos e certas características americanizadas (Tipo Harlen).

Quanto ao sentido das letras, o *Samba* começou pela crítica à política, passou para o auto-elogio no tempo de *Noel Rosa*, a exaltação pa-

triótica durante a guerra e hoje encara os problemas sociais.

A industrialização, não só do *Samba*, mas de toda a música popular brasileira será possivelmente responsável pela calamidade que está caindo sobre nós — só valores

estritamente comerciais são divulgados enquanto que grandes nomes da nossa música são obrigados a fazer sucesso no exterior. Exemplos não faltam: *Sérgio Mendes*, *Tom Jobim*, *Egberto Gismonti*, *Eumir Deodato* e agora (incrível!) artistas como *Milton Nascimento*.

3. A MÚSICA DA AMÉRICA ESPANHOLA

Parece que não só a música brasileira sofre um período de estagnação, mas os países de língua castelhana há muito em nada contribuem para a arte musical americana. Desde os idos do *Bolero* e do *Tango* nada mais houve de criativo, talvez porque não haja o tempero negro nessa cultura.

Entretanto, é necessário salientar os trabalhos de *Astor Piazzola* e de *Gato Barbieri* na música Argentina. Este último é, inclusive, o autor do tema musical do filme "O Último Tango em Paris".

Convém lembrar que a música *pop* de hoje recebeu muita influência dos mais variados ritmos latinos.



A importância dos ritmos latinos na música *pop*.

4. O FOLCLORE

Por terem vastas regiões semi-independentes uma das outras, as Américas sofrem uma espécie de retalhamento cultural todo especial. Assim é que várias expressões culturais se formaram em um só país de uma só língua.

É o caso do *Baião*, *Choro*, *Frevo*, *Maxixe* e *Modinha* no Brasil e do *Country* e *Western* dos Estados Unidos.

Tais músicas pouco sofreram influências externas e depois de um certo desaparecimento voltaram de uma maneira fulminante tanto ao norte quanto ao sul. Os maiores responsáveis por este enascimento são *Luis*

Gonzaga no Brasil e *Bob Dylan* nos EUA.

Com "Mr. Tamborim Man", *Bob Dylan* tornou-se definitivamente o poeta do movimento jovem, enquanto que



BOB DYLAN: A raiz de todo o movimento.

do outro lado do Atlântico os *Beatles* faziam algo sem fronteiras que revolucionou toda uma época. Mas nem por isso e nem pelos sons posteriormente criados, a estrela de *Dylan* nem dos seus seguidores perdeu seu valor. *Arlo Guthrie* e *Joan Baez* comprovam isto. O primeiro aliás é um exemplo de uma tradição folclórica familiar já que seu pai, *Woody Guthrie*, foi o maior influenciador de *Dylan*.

É importante salientar que as letras a partir de *Dylan*

tomaram um aspecto mais social e de protesto que influenciaram até os chamados "bem comportados" *Beatles*, sendo a música "*Eleanor Rigby*" precursora desse movimento.

Um real comprovante de que a cultura musical folclórica nas Américas tem certo paralelismo é a de que, entre nós, *Luis Gonzaga* foi o primeiro a protestar contra o modo de vida do nordestino. E o seu filho continua no mesmo caminho, só que num âmbito mais nacional.

5. NASCE O ROCK



JOHNNY WINTER: um dos maiores guitarristas de Blues & Rock dos E.U.A.

Na década de 50 a juventude americana viu-se frente a frente com uma enormidade de problemas sociais causados pelo súbito progresso pós-guerra.

Essa situação começou a criar uma série de costumes nunca antes tão explorados. As roupas, o linguajar danças e ritmos mais fortes, tudo uma espécie de exortação ao sexo, antes reprimido.

Uma nova música começa a se formar nas pequenas gravadoras americanas — forte, vibrante, explosiva. Era o *Rock'n Roll*, uma nova mensagem completamente

contrária aos sons melosos que imperavam na época e que ainda tiveram sucesso no Brasil por muito tempo.

Entretanto, não foi apenas o grito de revolta dos jovens do norte que gerou a nova música. Ela, como qualquer outro tipo de arte, necessitou de uma estruturação e evolução que conseguiu o seu clímax no ambiente agitado dos anos 50.

A estruturação do que mais tarde seria o *Rock'n Roll* começou quando gente como *B.B. King*, *Howling Wolf* e *Albert King* resolveu adaptar o *blues* ao frenético



JANIS JOPLIN — Sua morte, como a de outros, foi um alerta para a moderação dos meios de contestação.

som das guitarras elétricas: era o "Rhythn & Blues. É bem curioso como esta música foi tomando para si um enorme número de adeptos, mesmo depois da ascensão do Rock e perdendo a característica de ser interpretada só por negros, o que não aconteceu nem com o Soul nem com o Jazz. Janis Joplin, dizia B.B. King, "canta os blues com tanto sentimento quanto uma negra". Hoje são expoentes deste ritmo Johnny Winter nos EUA e John Mayall na Inglaterra (os dois são brancos).

Assim chegamos à conclusão de que o centro de toda a cultura musical norte-americana é o grito negro, o Blues, que adaptado a instrumentos europeus também deu origem ao Jazz.

Com o aperfeiçoamento crescente da indústria do disco, o "Rhythmn and Blues" foi adaptado a compactos de 45 rpm e surgiu o Rock'n Roll, pai de toda uma variedade de sons modernos a que se dá o nome genérico de Rock.

Logo surgiram grandes ídolos: Elvis Presley, Bill Haley, Eddie Cochran e Little Richard que com seus gritos e gingados representavam as novas tônicas da vida moderna. Sendo esta cada vez mais depressiva, houve uma certa

atitude de contra-ataque levantando acima de tudo o pavilhão da liberdade, acompanhado de uma grande dose de niilismo. E já não é tão pequena a lista dos mártires dos rebeldes sem causa e das condições modernas de vida. James Dean e Marilyn Monroe, no cinema, Janis Joplin e Jimi Hendrix, na música, são exemplos disso através destas duas décadas tão conturbadas.

Já no início dos anos 60 surgiu em Liverpool, Inglaterra, um dos maiores fenômenos musicais de todos os tempos; os Beatles, que talvez pela sua própria naturalidade formaram uma página à parte e toda especial na música moderna.

Comunicavam-se através de um som a princípio juvenil, depois totalmente espirituosos e nem tanto alienado como de seus conjuntos contemporâneos.

Concomitantemente, o cenário popular da música brasileira ainda se mantinha conservador, meio atônito ao



PAUL SIMON: no início de sua carreira, com ART GARFUNKEL, colaborou no nascimento e evolução da música jovem.

que acontecia nos outros centros culturais. O Rio mantinha-se ainda o centro de todas as tendências artísticas e um programa de televisão, organizado por Jair de Taumaturgo, começou a apresentar os cantores da "Jo-

vem Guarda" que, apesar de nada acrescentar à nossa música, não deixou de ser um elo entre nós e o movimento jovem do mundo inteiro. E, já por duas décadas, o Rock vem sendo um sim-

bolismo cósmico e espiritual de toda uma geração, gritado e sofrido por super-astros, talvez modernos deuses mitológicos que sofrem e têm fraquezas como todos os homens.

6. A TERCEIRA DÉCADA. O SOM DE HOJE



CHICAGO — Um dos grupos de Rock americano que mantém suas tendências acentuadamente jazzísticas.

A partir de 1967, ano em que os Beatles terminaram sua fase de influência total na música pop mundial e passaram a fazer um trabalho mais pessoal e espiritual, uma grande gama de jovens músicos viu as portas abertas para o sucesso e procuraram galgá-lo das mais diversas formas possíveis.

Sobre essas formas de comunicação musical influíram uma série de conceitos culturais existentes em cada artista, em cada região. Assim sendo, apesar do "crack" com a separação dos Beatles, o canto inglês continua mais forte do que nunca — livre, sujeito a uma série de contribuições clássicas enriquecedoras.

Enquanto um super-grupo britânico é algo fantásticamente vibrante e coreográfico com espantosas tendências musicais, uma banda

americana continua hermeticamente fechada e outras ideológicas não enquadradas no Blues e no Jazz. Há excessões como Alice Cooper e Frank Zappa.

Os caminhos seguidos pelos grupos musicais depois de 1967 podem ser separados em quatro ramos não isolados de transformações padronizadas: o Rock-Pesado ou Acid-Rock, a ambiguidade sexual como sistema de vida, a influência da música dita erudita e os atingidos pela nostalgia dos velhos tempos do Rock'n Roll.

Em abril daquele ano era lançado pelos Beatles o álbum "Sergeant Pepper's", todo calcado na euforia psicodélica que surgira na Califórnia baseada na filosofia hippie, o flower-power. Sergeant Pepper's foi o último disco da fase extrovertida do quarteto.



SLY AND FAMILY STONE — Grupo que fundiu o Acid-Rock ao Soul, tendo inclusive se apresentado em Woodstock.

No entanto, os costumes dos hippies criaram base para uma música que a longo prazo se tornaria mais importante que o próprio LP dos Beatles. Surgiu um som nubívolo feito por mentes sob o perigoso e imaginativo efeito das drogas, principalmente do LSD. Era o Acid-Rock, que teve seu apogeu no festival de Woodstock.

Semelhante ao Acid-Rock, o Heavy-Rock tornou-se o mais vibrante dos rocks e gerou grandes conjuntos no cenário musical dos Estados Unidos: Jefferson Airplane, Iron Butterfly e o Vanilla Fudge. Mas já nessa época Londres se tornara a capital da música e o Heavy-Rock foi estupendamente assimilado por conjuntos de grande significado como o The Who e Cream.

Desde o seu surgimento no festival de Monterrey até às mortes de Jimi Hendrix e Janis Joplin, os sons do Rock-Pesado atraíram as atenções mundiais já que os Beatles partiram para um trabalho de introspecção, mas que agora reconhecemos como uma das páginas mais lindas da canção de todos os tempos. Porém, depois do desaparecimento dos dois astros, esse estilo rítmico caiu em uma total decadên-

cia e tornou-se lugar comum em muitos e pobres grupos. Só alguns conjuntos britânicos conseguem manter no Heavey-Rock aquele ritmo contagiante que tão bem conhecemos.

Os movimentos de libertação sexual do Womens's Lib e do Gay Power criaram mais uma maneira de expressão musical para muita gente. Os gritos para a independência feminina e a bissexualização imperaram em certos artistas como John Lennon no primeiro caso e em Alice Cooper, no segundo. São inúmeros os intérpretes do chamado Rock-Bissexual.

O próprio Mick Jagger dos Rolling Stones confessa:



MAHAVISHNU JOHN MCLAUGHLIN — Em sua total abstenção a qualquer tipo de drogas, criou um tipo de som que o colocou entre os mais importantes músicos do "progressive pop".

"Devo tudo a minha ambigüidade, à cara de rapazinho linfático desencantado, à feminilidade adotada". E é cada vez mais influente no cenário pop essa ambigüidade ideológica.

Como já foi dito anteriormente, enquanto os americanos encontram-se presos às raízes do Blues, os ingleses sempre partem a procura de novas fórmulas musicais. É a fusão dos instrumentos tradicionais de Rock com outros clássicos e a imaginação de músicos ingleses no sentido de criar novos acordes. A avalanche de sons eruditos e modernos mixados é a que surte mais efeito.

Jovens e espetaculares músicos reúnem-se em super-



Tom Jobim, grande sucesso em gravações no exterior.

grupos sofisticados que usam as mais variadas maneiras para obtenção de sons. É o caso de Emerson, Lake and Palmer, Pink Floyd (um tanto decadente), Yes, Genesis, Jethro Tull, Mahavishnu Orchestra e tantos outros conjuntos ingleses.

Não podendo acompanhar essa revolução, os americanos tiveram que continuar nas mesmas trilhas do Rock antigo, um sentimento saudosista todo especial, e do Folk. Atualmente a influência negra é completa na arte musical norte-americana, um tanto estagnada mas que não perde sua beleza e sempre tenta esporádicos meios de sair da rotina como são as tentativas de Alice Cooper, Frank Zappa e Cat Stevens.



Caetano Veloso

Todas as revoluções da década passada pegaram o Brasil desprevenido. A Bossa-Nova carioca foi a sua última criação musical e dela saíram os grandes astros nacionais. Mas o comércio de discos causou uma bancarrota geral no nosso cancionário. Nem a genialidade de Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda, nem as novas estruturas de Egbêrto Gismonti, Milton Nascimento e Hermeto Pascoal conseguiram salvá-lo.

Só conseguem sobreviver os artistas que vendem discos e como a maioria do povo brasileiro ainda cultiva músicas pobres, os melhores artistas precisam viver no que se pode, infelizmente, denominar "submundo cultural".



Chico Buarque

Estando não só a Inglaterra como agora toda a Europa comandando as ações musicais, é necessário que as Américas se libertem dos sistemas musicais que as prendem — a música negra no norte e o culto dos sons pobres no sul.



DIA A DIA

No Colégio Naval

■ PALESTRAS

■ VISITAS

■ FESTAS

■ ESPORTES

PALESTRAS

Al. Luiz Alexandre M. Peixoto

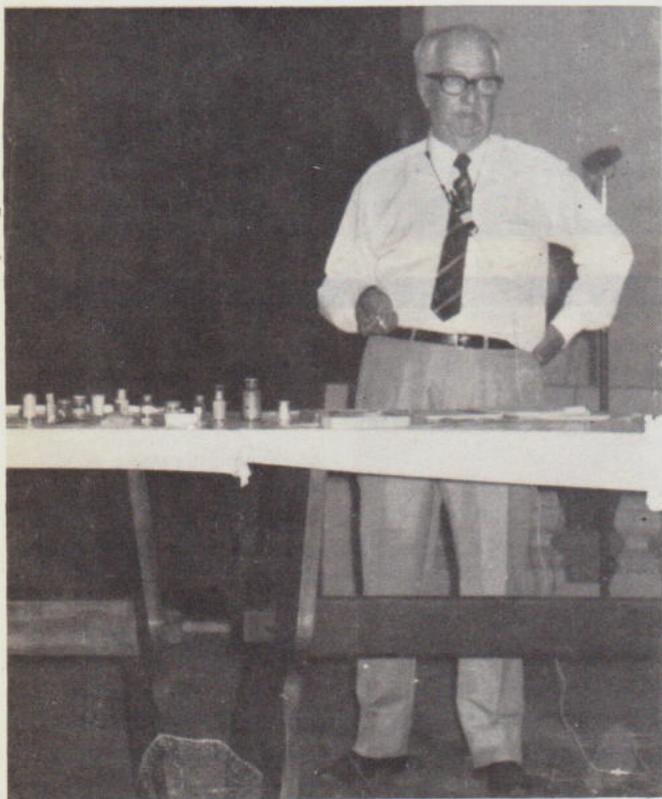
No transcorrer do ano escolar de 1973, o Colégio Naval fez realizar uma série de palestras sobre assuntos relativos à MB, visando com isso manter seus alunos dentro de uma linha de informações bastante necessária para aqueles que seguirão a carreira naval.

PROF. GUILHERME DE ANDREA FROTA



O Professor **Guilherme de André Frota** proferiu palestra comemorativa a data de 11 de junho, quando, durante a Guerra do Paraguai, desferiu-se a Batalha do Riachuelo. Numa empolgante narrativa, o conferencista nos transportou ao teatro da luta, tecendo considerações ao desempenho de nossas forças navais nesta odisséia. O Professor Frota forneceu à assistência toda uma gama de detalhes de cunho histórico, bem como dos aspectos bélicos e táticos, deixando assim, em todos os presentes, a certeza de uma verdade consciente, em que se constituíram os feitos dos nossos homens nesta batalha.

DFSP FAZ PALESTRA SOBRE TÓXICOS



A Delegacia Federal de Segurança Pública (DFSP), enviou ao CN em abril, uma equipe à fim de realizar para o Corpo de Alunos uma palestra sobre os Tóxicos.

ESCOLA NAVAL: TEMA DE PALESTRA



Em maio, o Capitão-de-Corveta **Lucimar Luciano de Oliveira**, acompanhado do Aspirante 4004 Alan, realizou uma interessante palestra, cujo tema foi a Escola Naval. A óbvia importância dos esclarecimentos prestados pelo oficial, aos alunos do CN, foi ainda mais ressaltada por uma original montagem, baseada em "slides" e música.

RENOVAÇÃO DOS MEIOS FLUTANTES

A Renovação dos Meios Flutuantes foi o assunto abordado pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra (EN) **Walter Sanches Sanches**, em setembro. O oficial incluiu uma exploração sobre o processo de equipamento de Esquadra com um navio.



VISITAS

Al. Francisco R. Portella
Deiana

Encerrando as visitas de autoridades navais aqui esteve S. Exa. o V. Alte. Joaquim Américo dos Santos Coelho Lobo, Comandante do 1º Distrito Naval ocasião em que dirigiu palavras de incentivo e entusiasmo ao Corpo de Alunos, condecorando, em seguida, o Sr. Diretor com a medalha do Mérito Tamandaré.

V. ALTE. JOAQUIM AMÉRICO DOS SANTOS COELHO LOBO



C. ALTE. PAULO GUILHERME PADILHA

Primeiramente foi a chegada de S. Exa. C. Alte. Paulo Guilherme Brandão Padilha, Diretor do Centro de Instrução Almirante Graça Aranha por ocasião dos jogos da II MERC-NAV, o que veio abrilhantar ainda mais as competições.



Chegada do Contra-Almirante Paulo Guilherme Brandão Padilha.

V. ALTE. ALVARO DE RESENDE ROCHA



Exm.º Sr. Vice-Almirante Resende Rocha, Diretor de Ensino da Marinha.

Posteriormente, fomos visitados por S. Exa. o V. Alte. Alvaro de Resende Rocha então diretor de Ensino da Marinha durante as comemorações do XXII aniversário do Colégio, passando em revista o Corpo de Alunos.



**DIA
A DIA**

BAILE DO CALOURO

Conservando a tradição de vários anos, o C.N. realizou a 31 de março o BAILE DO CALOURO, sendo convidadas para este acontecimento as Escolas Normais Carmela Dutra, Heitor Lyra e o Instituto de Educação do Estado da Guanabara.



FESTAS

Al. Carlos Alberto
Pêgas Ferreira

FESTAS

Al. Carlos Alberto
Pêgas Ferreira

FESTA JUNINA

Em junho, para a FESTA JUNINA, foi convidado o Colégio São Vicente de Paulo, que além de ser um baile animado, houve também a apresentação de quadrilha, "casamento", fogos e comidas típicas.



XXII ANIVERSÁRIO DO CN

A 15 de agosto foi comemorado o XXII aniversário do Colégio Naval. Nessa ocasião assistimos à brilhante demonstração de ginástica com armas, feita por equipe do Corpo de

Alunos e à noite foi realizado o baile com o tradicional corte do bolo pelo CF Leal — Vice-Diretor, simbolizando o aluno mais antigo, e pelo aluno René, o mais moderno.



XXII ANIVERSÁRIO DO CN



DIA A DIA



A torcida, um valioso elemento de incentivo.

ESPORTES

COMPETIÇÕES EXTERNAS

ALUNOS ODAIR F. AGUIAR FILHO e LUIZ CARLOS DE CARVALHO ROTH

TENDO em vista o preparo de nossas equipes para a NAE, competição anual entre os alunos das três forças armadas, o Colégio Naval realizou este ano várias competições esportivas e entre elas destacamos aqui os resultados principais dos jogos com a Escola de Marinha Mercante do Rio de Janeiro, Companhia Siderúrgica Nacional e Colégio Militar do Rio de Janeiro.

ESCOLA DE MARINHA MERCANTE DO RIO DE JANEIRO

ESTAS competições são conhecidas pelo nome MERC-NAV e realizaram-se nos dias 26 a 27 de Maio, aqui no Colégio. Foram disputadas as seguintes modalidades: Atletismo, Natação, Vôlei, Basquete, Futebol e Vela.

ATLETISMO

As disputas de Atletismo apresentaram como resultado final a vitória da equipe da EMMRJ por 140 a 98.

Os destaques aqui foram:

100m rasos — Paulo Salles — EMMRJ — 11,5 seg.

400m rasos — Laecio — CN — 53,7 seg.

1500m rasos — Cristóvão — EMMRJ — 4 min 42,7 seg.

revez. 4x100m — Edmar, P. Salles, Menezes, L. Batista — EMMRJ — 47,1 seg.

S. Dist. — Mello — CN — 6,17m

S. Altura — Martinho — CN — 1,65m

Arr. Peso — Carlos Sidney — CN — 13,32m

NATAÇÃO

Nesta modalidade obtivemos vitória, conseguindo a primeira colocação em todas as provas disputadas, com o resultado de 106 pontos para o Colégio contra 60 da EMMRJ.

200m livre — *Afranio* — CN — 2 min. 23,8 seg.

100m borb. — *Afranio* — CN — 1 min. 15,0 seg.

100m costa — *Afranio* — CN — 1 min. 22,4 seg.

100m peito — *Marcelo* — CN — 1 min. 23,8 seg.

100m livre — *Afranio* — CN — 1 min. 3,0 seg.

revez. 4x100m livre — *Señorans, Fidélis, Afranio, Honório* — CN — 4 min. 16,0 seg.

VOLIBOL

No vôlei conseguimos outra vitória, tendo a equipe do Colégio demonstrado suficiente preparo físico e técnico. Vencemos por 3 x 1 com sets de 15 x 9, 12 x 15, 15 x 8 e 15 x 5.

Nossa equipe foi formada por: *Proença, Cordeiro, Deluiggi, Quaresma, Botelho, Galindo, Astor, Marcus Vinicius, Helcio, Eliezer e Sampaio.*

BASQUETE

Desta vez venceu a EMMRJ pelo resultado de 45 x 31. Jogaram pelo Colégio Naval: *Miranda Filho, Coelho, Miranda, Ramos, Soares Junior, Delfos, Ferreira Horta, Ruiz, Carline, Bastos Gonçalves, Bastos e Luiz Alberto.*

FUTEBOL

Vitória da EMMRJ, 4 x 1, demonstrando assim uma equipe muito superior. Nosso time: *Isensee, Carlos Silva, Mendes, Cordeiro, Vila Nova, Jairo, Pinho, Lauriston, Maia de Oliveira, Chaves, Ricardo José, Segond, Brito, Xavier, Cecato, Aguiar e Torres.*



Aluno *Laecio*, vencedor dos 400 m.





Aluno Martinho em salto espetacular.

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL

FORAM as seguintes as competições entre o CN e a CSN, em Volta Redonda no dia 11 de junho: Atletismo, Natação e Basquete.

ATLETISMO

Vitória do Colégio por 199 x 127.

- 100m rasos — *Ailton* — CN — 11,6 seg.
- 400m rasos — *Laécio* — CN — 53 seg.
- 800m rasos — *Laécio* — CN — 2 min. 18,8 seg.
- 3000m fundo — *Cardin* — CN — 10 min. 20 seg.
- Arr. Peso — *Marcello* — CSN — 15,07 m
- Arr. Dardo — *Marcello* — CSN — 45,20 m
- Arr. Disco — *Marcello* — CSN — 36,68 m
- S. Altura — *Mello* — CN — 1,65 m
- S. Dist. — *Mello* — CN — 5,86 m

NATAÇÃO

Mais uma vitória na natação que demonstrou grande apuro técnico e preparo. Resultado final: CN-103; CSN-84.

- 100m livre — *Afranio* — CN — 1 min. 7,2 seg.
- 100m costa — *Raul* — CSN — 1 min. 16,2 seg.
- 100m rasos — *Marcelo* — CN — 1 min. 24,7 seg.
- 100m borb. — *Afranio* — CN — 1 min. 14,8 seg.
- 200m medley — *Afranio* — CN — 2 min. 50,8 seg.
- 4x100m livre — *Dumbra, Milton, Álvaro, Delunardo* — CSN — 4 min. 28,1 seg.
- 4x100m 4 estilos — *Bernardo, Marcelo, Afranio, Carelli* — CN — 5 min. 20,2 seg.

BASQUETE

Jogamos duas vezes contra a Companhia Siderúrgica Nacional este ano, uma no dia 11 de junho em Volta Redonda e outra dia 22 de setembro no ginásio do Colégio Naval.

1º jogo — CSN 41 x CN 24

A vitória não nos sorriu novamente e perdemos por uma cesta

2º jogo — CSN 44 x CN 42



COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

Foi esta a última competição antes da NAE, com a qual fizemos os últimos acertos, disputando *Atletismo, Natação, Vôlei e Basquete*. A competição de futebol foi prejudicada pela chuva e não pode ser realizada.

ATLETISMO

A vitória sorriu para o Colégio Militar que nos venceu por 8 pontos CM 89 x CN 81

100m rasos — Wader — CM — 11,0 seg.

400m rasos — Adilson — CM — 54,0 seg.

800m rasos — Dilton — CN — 2 min. 10,1 seg.

3000m fundo — Camarão — CM — 10 min. 22 seg.

4x100m revez. — Nelson, Nader, Delamário, Clemente — CM — 46 seg.

Salto Distância — Xavier — CN — 6,05 m

Salto Altura — Delmario — CM — 1,75 m

Arremesso de Disco — Carlos Sidney — CN — 30,50 m

Arremesso de Peso — Carlos Sidney — CN — 13,05 m

Arremesso de Dardo — Soares Junior — CN — 42,60 m



Aluno Bezerra em ação pelo CN, nas competições realizadas em Volta Redonda.

NATAÇÃO

Outra vez a natação venceu este ano aumentando as esperanças para a NAE.

Destaque especial para o Al. *Afranio* que mais uma vez levou a nossa equipe a vitória, conseguindo a 1ª colocação em todas as provas em que participou.

Nesta competição foi batido o recorde de natação do Colégio Naval em nado livre, com o tempo de 1 min. 1,8 seg., pelo al. *Afranio*.

100m livre — *Afranio* — CN — 1 min. 1,8 seg.

100m costa — *Afranio* — CN — 1 min. 17,0 seg.

100m peito — *Marcelo* — CN — 1 min. 23,0 seg.

100m borb. — *Afranio* — CN — 1 min. 12,1 seg.

200m medley — *Afranio* — CN — 2 min. 42,0 seg.

4x100m livre — *Brasil, Carelli, Honório, Afranio* — CN — 4 min. 21,9 seg.

4x100m 4 estilos — *Bernardo, Marcelo, Afranio, Honório* — CN — 5 min. 5 seg.

VÔLEI E BASQUETE

No vôlei a vitória coube ao Colégio Militar do Rio de Janeiro, por três sete a zero, mas desta vez, no basquete, a equipe do Colégio Naval entrou melhor preparada obtendo uma vitória com larga margem de pontos: CN 61 x CM 39.

ACADEMIA CORDEIRO



Aluno Chater, num dos combates da disputa de judô entre o CN e a Academia Cordeiro.

O TROFEU EFICIÊNCIA

AL. LUIZ CARLOS DE CARVALHO ROTH

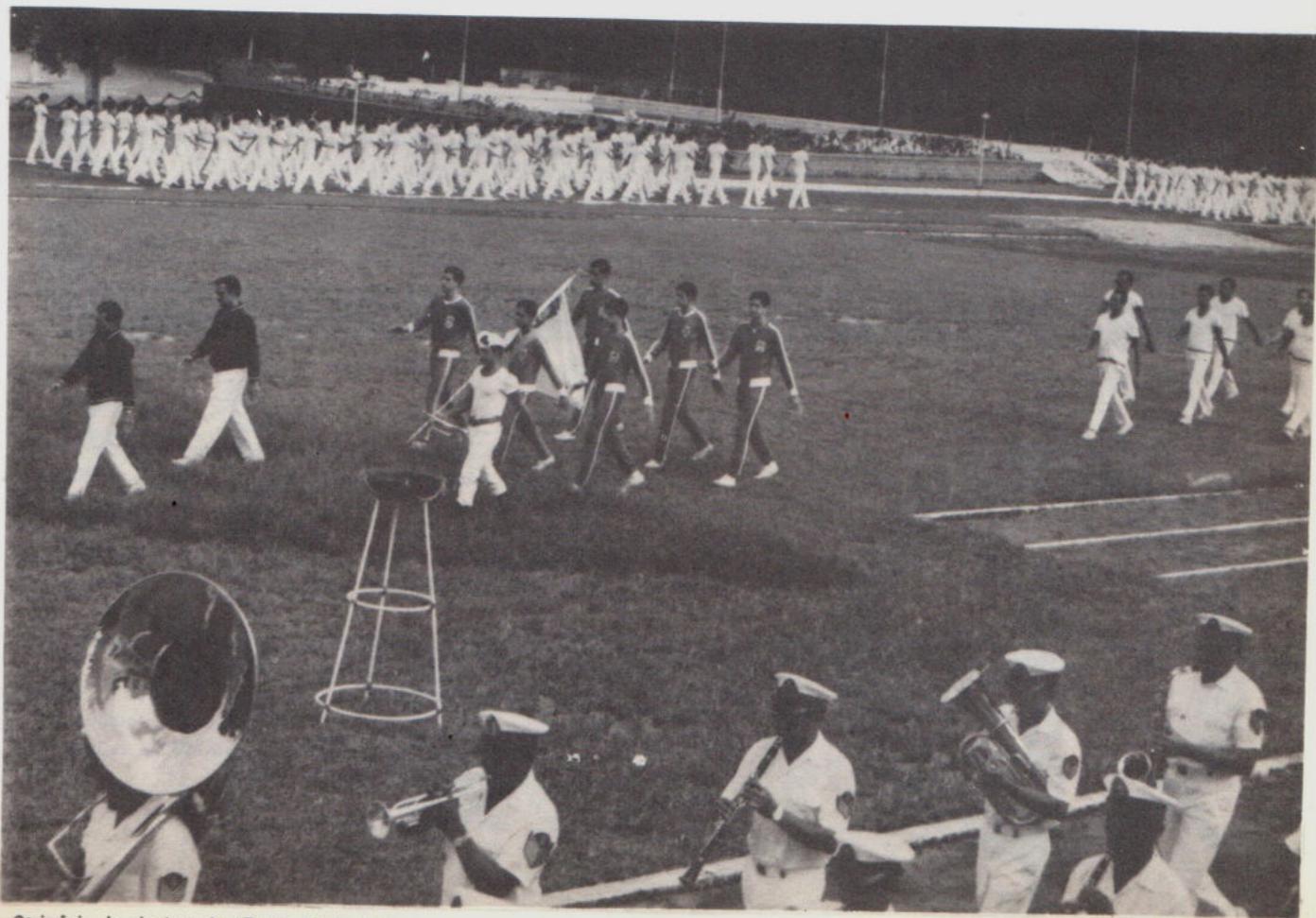


COM espírito de luta e com as esperanças de vencer, as quatro companhias que integram o Corpo de Alunos disputaram o XXI Troféu Eficiência.

Criado em 1953, esta veio a ser a mais importante competição interna do Colégio Naval.

A vencedora deste ano, desta feita bi-campeã, foi a segunda companhia, que ao final obteve vários pontos de vantagem.

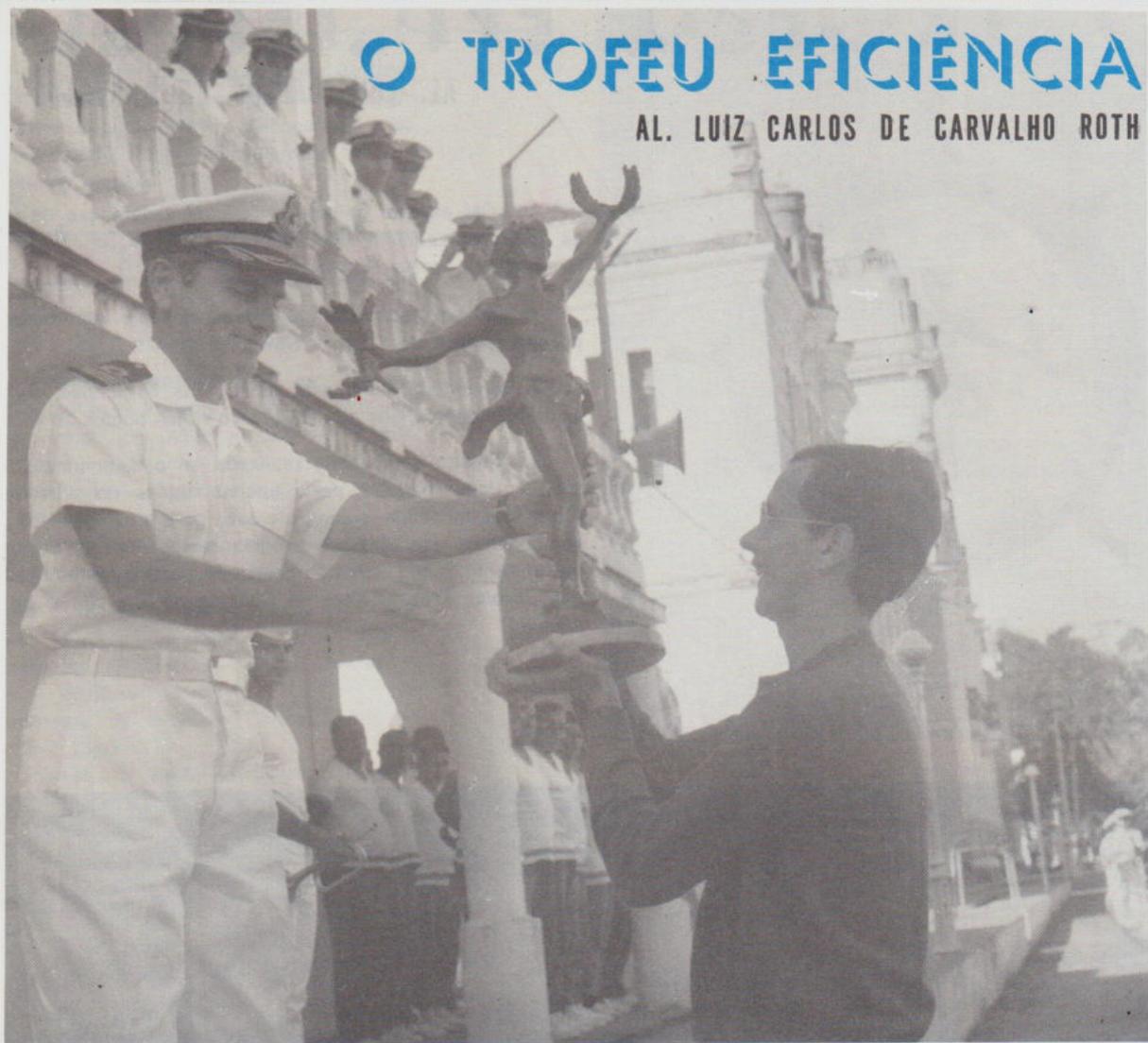
A primeira competição realizada foi o campeonato de novos, em que tomaram parte apenas alunos do primeiro ano. Aliás, essa modalidade serve de base para a seleção dos atletas componentes das diversas equipes representativas do Colégio, que durante o ano letivo se preparam para enfrentar os alunos das *Escolas Preparatórias de Cadetes do Exército e da Aeronáutica*.



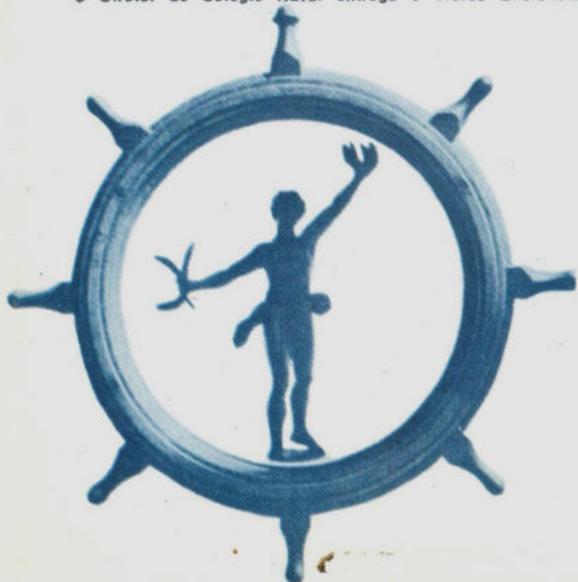
Cerimônia de abertura do "Troféu Eficiência".

O TROFEU EFICIÊNCIA

AL. LUIZ CARLOS DE CARVALHO ROTH



O Diretor do Colégio Naval entrega o Troféu Eficiência ao aluno 2 004 — Francisco Pais representante da companhia vencedora.



Destacou-se a segunda companhia, levantando o campeonato de *atletismo, futebol, voleibol, remo, tiro, natação e rústica terrestre*.

As modalidades de *rústica natatória, lance-livre e judô* foram ganhas pela primeira companhia.

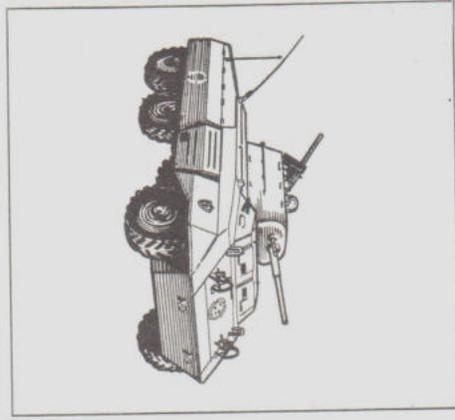
Nos jogos de salão a vitória coube à terceira companhia.

Na presença do Sr. Diretor do Colégio, foi entregue o Troféu Eficiência a *Francisco Pais*, comandante-aluno da companhia campeã, por ocasião do encerramento das atividades esportivas do ano de 1973. 

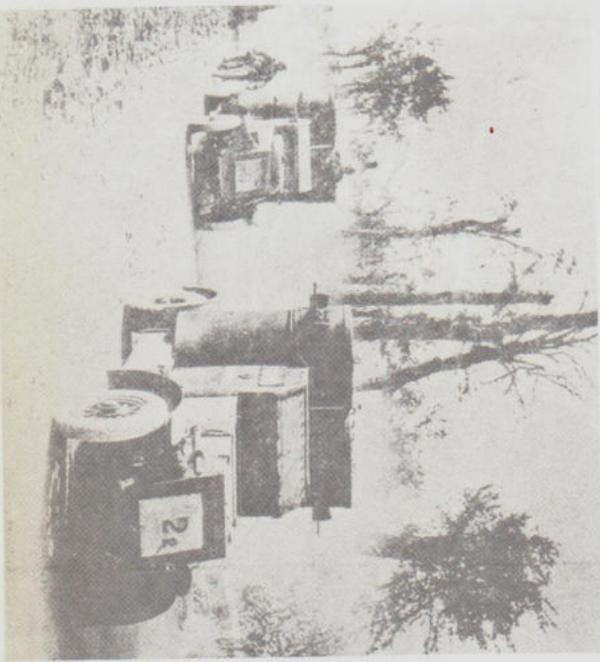
COMEÇOU A GUERRA, TERMINA QUANDO?



O LITORAL DE CAMPANIA DO SOLDADO DE HOJE INCLUI UM VARIADO EQUIPAMENTO DE DEFESA, CONTRA A GUERRA QUÍMICA, NA GUERRA, AGENAS UM MÁSCARA



28 de junho: nesse dia começou a I Guerra Mundial e também nesse dia terminou a guerra. Começou em 1914, com o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono da Áustria-Hungria, em Sarajevo (Iugoslávia). A luta prosseguiu até 1918, mas a guerra só terminou mesmo com o Tratado de Versalhes, assinado em 28 de junho de 1919.



AS ARMAS DE GUERRA SÃO APERFEÇONADAS DIA A DIA, OS PRIMEIROS TANQUES NÃO PASSAVAM DE COBROS COMUNS ADAPTADOS

LIBERDADE PARA OS PASSARINHOS



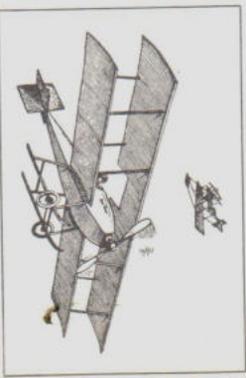
Serão preciosos mais de 10 anos para refazer toda a fauna ameaçada de extinção, mas a campanha já começou: o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal aprendeu mais de 500 passaros e soltou-os na floresta protetora de Tingá, na Baixada Fluminense.

Canário sed e r r r a, chamé-las, melros, bicos-de-lacre, trincateiros, corupitos, sabias, azulões, colicos, todos eles estão de volta a liberdade. Afinal, lugar de passarinho é no céu.

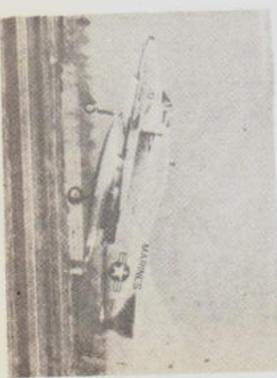
Provisoriamente não cantaremos o amor, que se refugiu mais abaixo dos subterrâneos. Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços, não cantaremos o ódio porque esse não existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro, o medo grande dos sertões, dos matos, dos desertos, o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos demagogos, cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo

Carta Anuncial de Anísio

(Congresso Internacional do Medo)



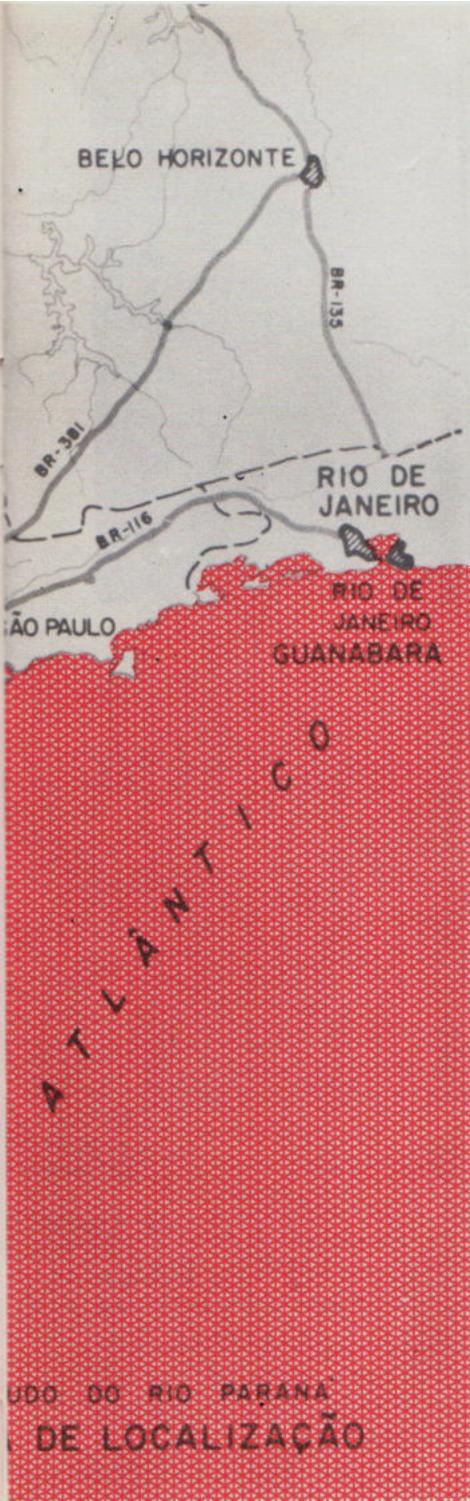
INTRODUZIDO COMO ANA DE ATUQUE DURANTE A GUERRA, ENQUANTO, COMPARADO AO DE HOJE





A REALIDADE DE

Aluno FRANCISCO EDUARDO NEVES NOVELLINO



EM 1973 o Brasil deu um importante passo em sua política energética ao assinar, no dia 26 de abril, o Tratado da Hidrelétrica de *Itaipu* com o Paraguai. É criada, através deste acordo, uma empresa bi-nacional, que se encarregará da administração, exploração e construção da usina, sendo a energia dividida igualmente entre os dois países. Para nós isto significa muito em matéria de autonomia energética; para o Paraguai, um importante passo para o seu desenvolvimento.

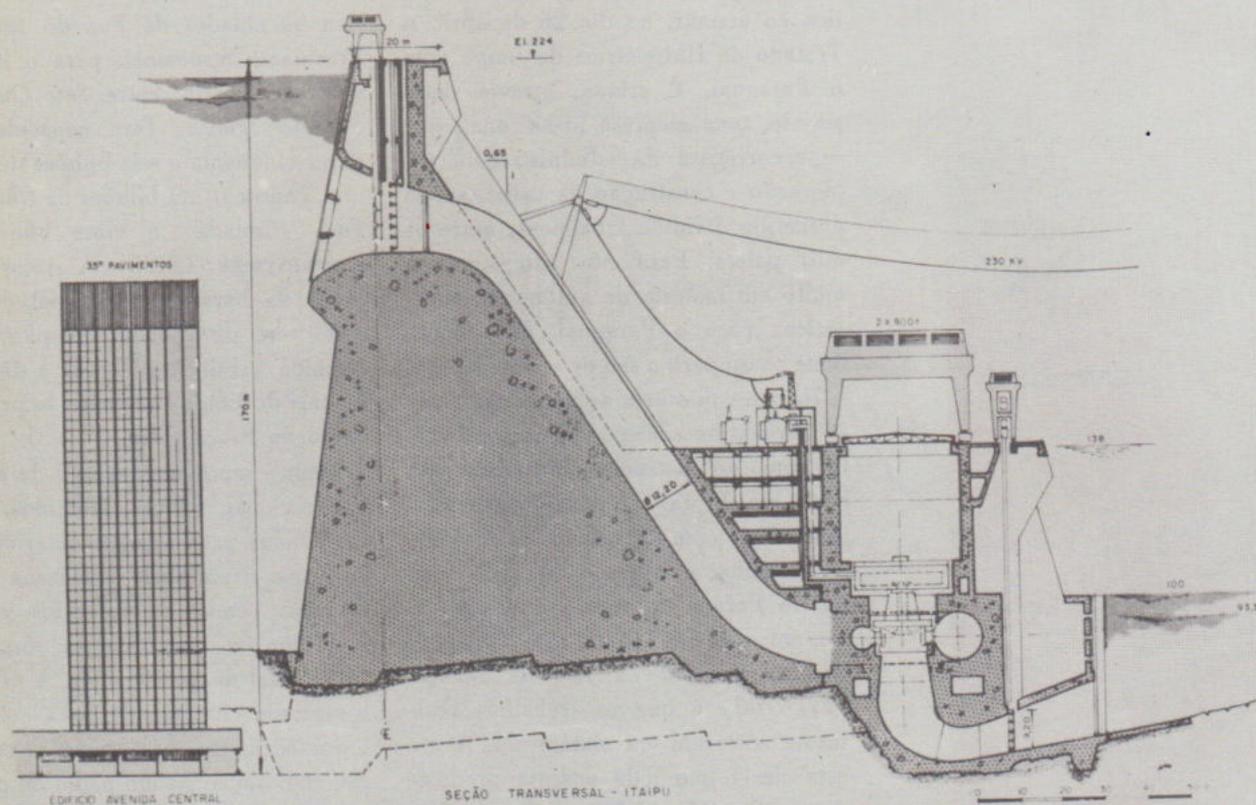
Há anos que vem se pensando, Brasil, Argentina e Paraguai, no aproveitamento do potencial hidráulico da bacia do Prata. Técnicos brasileiros, juntamente com paraguaios estudaram, no passado, a utilização do potencial do rio Paraná no trecho limítrofe do rio, entre os dois países, mas só depois que foi assinada a *Ata de Iguazu* (22/6/66) é que os trabalhos realmente entraram em andamento. A ata estabelecia que toda energia produzida no Paraná, desde o *Salto de Sete Quedas* ou de *Guaira* até a *Foz do Iguazu*, seria dividida igualmente entre os dois países, sendo atribuído a cada um deles o direito de preferência à aquisição de alguma quantidade de energia que não viesse a ser utilizada pelo outro. Em 1967 foi criada a *Comissão Mista Técnica Brasileiro-Paraguai*, que celebrou, a 10/4/1970 um convênio de cooperação com a *ELETRORÁS* e a *ANDE* (Administración Nacional de Eletricidad), destinado a regular as condições de execução dos estudos e o provimento dos recursos financeiros, para permitir a execução dos trabalhos em ritmo acelerado. A Companhia terá um diretor geral brasileiro, cabendo à *ELETRORÁS* indicar também os responsáveis pelos serviços técnico e financeiro. Os paraguaios ocuparão as diretorias jurídicas, administrativa e de coordenação.

A usina localiza-se no rio Paraná, a doze km. da ponte internacional que liga as cidades de Foz do Iguazu e Presidente Stroessner, para o lado da nascente do rio, entre *Sete Quedas* e *Foz do Iguazu*. Terá capacidade de gerar cinquenta e seis bilhões de Kwh/ano, contra trinta bilhões de *Churchill-Falls* (Canadá) e vinte bilhões de *Krasnosyarsk* (URSS). A extensão das obras da barragem principal de concreto será de 1865 m, comparável na Avenida Presidente Vargas à distância do cais do Lóide Brasileiro às proximidades da Praça Onze.

Como o aproveitamento é de caráter internacional, foram escolhidos, como consultores para a realização dos estudos, uma firma norte-americana e uma italiana, sendo os referidos estudos divididos em quatro etapas, com a duração total de quatro anos. A primeira e segunda compreenderão a coleta de todos os dados e informações existentes, elaboração de um plano de pesquisas e levantamento básicos, visando ao preparo do inventário das possibilidades de aproveitamento naquele trecho do rio. O relatório foi entregue em outubro de 1972 e inclui uma seleção das soluções consideradas como mais vantajosas. Foram estudados dez locais ao longo do trecho fronteiro, sendo apresentados cerca de cinquenta diferentes esquemas de aproveitamento, compreendendo barragens, canais e casas de força, mas os locais selecionados foram dois: *Itaipu* e *Santa Maria*. As possibilidades de construção foram de uma única barragem (*Itaipu*) ou de duas barragens (*Itaipu* e *Santa Maria*). Na terceira etapa, os resultados do inventário foram submetidos pela comissão, à apreciação dos governos dos dois países, para uma decisão final a respeito das alternativas, chegando-se à conclusão de que o projeto de *Itaipu Alta* (uma única barragem)

ITAIPU

USINA	LOCAL	POTÊNCIA
ITAIPU	PARAGUAI-BRASIL	10.000.000 KW
GRAND COULEE	ESTADOS UNIDOS	9.711.000 KW
KRASNOSYARSK	URSS	6.096.000 KW
CHURCHILL FALLS	CANADA	5.200.000 KW
ILHA SOLTEIRA	BRASIL	3.200.000 KW
ASSUÂN	RAU	2.100.000 KW



A REALIDADE DE ITAIPU

apresentaria maiores condições técnico-econômicas para execução. Seu prazo mínimo de acabamento é de oito anos. Os estudos referentes ao sistema de transmissão da energia aos principais centros consumidores do Brasil e do Paraguai, vêm sendo realizados independentemente pelos dois países, não constituindo, dessa maneira, parte integrante do estudo internacional. Com base na decisão dos governos, desenvolve-se agora a quarta etapa, que se destina à elaboração do ante-projeto e estudo do cumprimento relativo à solução adotada; seu término está previsto para fins de 1974.

Com *Itaipu*, o Brasil vai preparar uma tecnologia (mão-de-obra e *know-how*) que possibilitará futuras instalações de usinas termo-nucleares, ficando menos dependente da energia proveniente de combustíveis fósseis, principalmente o petróleo. A contribuição do potencial energético da usina na década 1980/90 será muito importante, pois além dos 50% de que tem direito, o Brasil talvez comprará grande parte do Paraguai, já que este, por muitos anos, não terá possibilidades de absorver os 50% restantes.

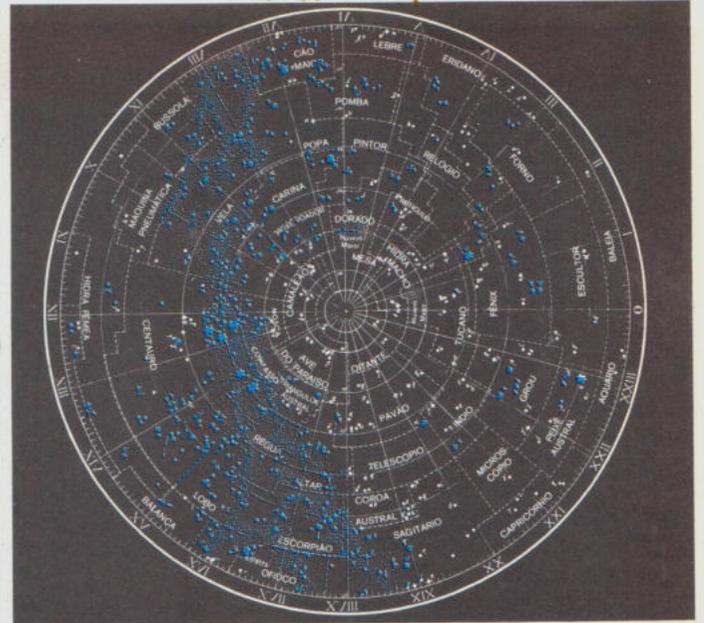
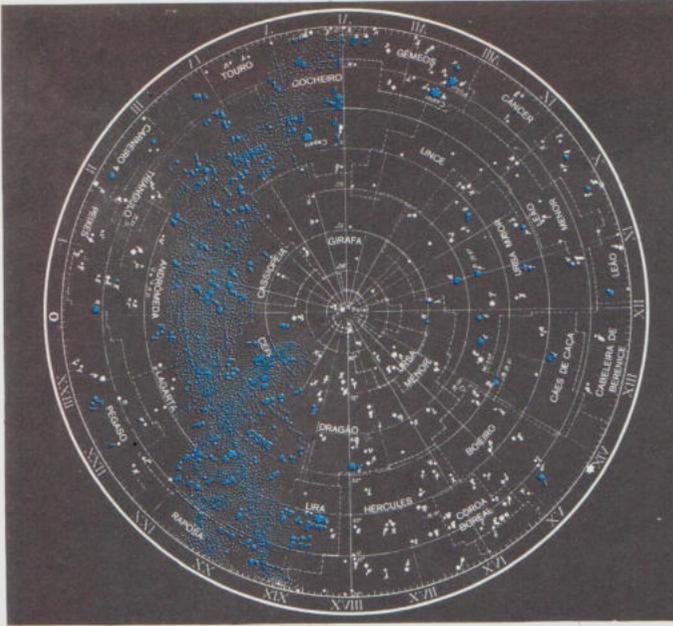
Outra vantagem importante é que *Itaipu* permitirá a navegação desde São Paulo a Buenos Aires, através de um sistema de eclusas já existentes nas

usinas da *Ilha Solteira* e *Jupiá*. Regularizará, também, a descarga principal do Rio, beneficiando a Argentina e o Paraguai, que poderão gerar uma quantidade muito maior de energia em usinas ao longo do Rio Paraná, e a navegação fluvial, mesmo durante as épocas da estiagem.

Assim sendo, todos serão beneficiados: o Brasil e o Paraguai aproveitarão agora uma riqueza que antes se perdia em direção ao mar; a Argentina terá um Rio regularizado para a navegação fluvial, podendo ainda construir as represas de *Corpus* e *Apiapé-Yaciretá* juntamente com o Paraguai, com mais segurança e maior capacidade geradora.



A FRAGATA



ENSAIO SOBRE O FUTURO

AL. MAURICIO BERTHO

Como o próprio título transmite, a meta deste trabalho é coletar objetivamente dados de obras famosas ou de mostrar previsões de modernos especialistas no gênero, sem aprofundar-nos detalhadamente em cada aspecto.

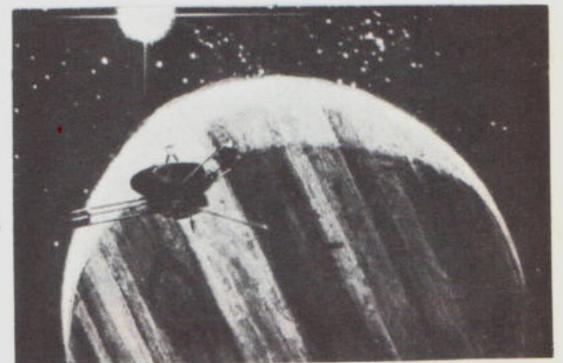
Trata-se de um apanhado geral que pode ser dividido em:

- O FUTURO QUANTO ÀS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS;
- O FUTURO QUANTO ÀS MUDANÇAS SOCIAIS.

1. AS PROFECIAS E A REALIDADE

MUITAS vezes, nestes últimos tempos, o mundo viu-se alertado por uma série de documentários sobre estudos do futuro da humanidade.

A imprensa põe sempre em foco a poluição das grandes cidades e suas psicoses populacionais, a super-população e



A aproximação do Pioneer-10 a 2.500.000 Km de distância de Júpiter, que flutua no espaço como uma bola multicor. (Foto Manchete).

a fome. Há sempre o perigo da guerra atômica.

Apesar de freqüentemente exagerarem em muitos aspectos, tais documentários são sempre úteis quanto à atenção que devemos voltar contra os males que a sociedade moderna fabrica.



E sabemos que não merecem total descrédito tais previsões.

Júlio Verne escreveu aventuras incríveis para a sua época e todos sabemos que a maioria delas tornou-se realidade.

Assim como ele, verdadeiros sábios contemporâneos nos transmitem, constantemente, suas idéias.

Vivemos numa sociedade um tanto conturbada por revoluções e ao mesmo tempo, em que se descobrem antídotos para várias doenças, pessoas sentem-se cada vez mais opri-

midas por essa avalanche de progresso que as pegaram de surpresa (os ataques cardíacos são exemplos disso).

E a principal vítima desta mudança ciclópica é a juventude.

2. JUVENTUDE ESPACIAL

LUIS Carlos Maciel, em seu livro "Nova Consciência" recentemente publicado, diz que quando estivermos na época das grandes viagens interplanetárias a juventude não terá outra escolha: terá que viver em função do espaço. E sua previsão é de que nunca haverá tantos *hippies*, reunidos em colônias de subsistência numa espécie de revolta pacífica.

Usando por base a evolução das formas de violência e o culto do niilismo feito por grande parte dos jovens desde o grito sócio-cultural da década de 50, *Anthony Burgess* nos dá em "A Laranja Mecânica" (que foi transformado em um marcante filme por *Stanley Kubrick*) uma visão da juventude de um "futuro bem próximo".

Ao contrário dos *hippies* de *Maciel*, esta se divide em grupos pressionados pelo ambiente pesado das grandes cidades e sua válvula de escape é a extrema violência — são os descendentes dos *Skinheads* ingleses e dos *Hell's Angels*.

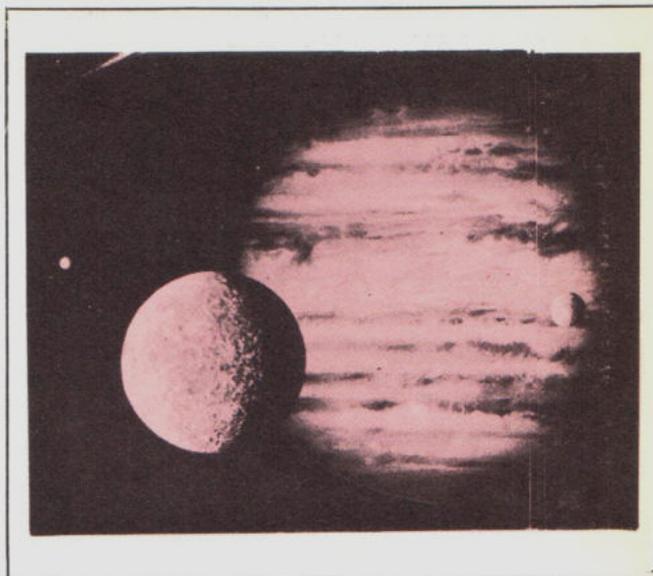
Entretanto, vários autores afirmam que a vida continuará com o equilíbrio da melhoria das relações humanas e a sofisticação das formas de violência e sadismo. A juventude se dividirá nestes dois ramos, ou os fundirá em uma só filosofia de vida.

Mas tudo dependerá do caminho que a humanidade resolver percorrer. *Buckminster Fuller*, engenheiro, filósofo e inventor da cúpula geodésica, nos dá essa idéia quando constata a influência do meio ambiente como responsável por 99% dos casos de felicidade ou infelicidade de nossas existências" e que "os efeitos mais importantes que atuam na vida dos homens se produzem nos primeiros 17 anos". Portanto, a mente jovem será como sempre foi, uma retransmissão concentrada das idéias por ela captadas.

3. AS COLÔNIAS E AS MEGALOPOLIS

SEGUNDO os futurólogos mais materialistas ou pessimistas, o futuro da vida nas cidades estará concentrado nas megalópolis tipo Nova Iorque — Washington — Chicago e Rio de Janeiro — São Paulo — Belo Horizonte com todo o complexo necessário para a vida dessas enormes regiões.

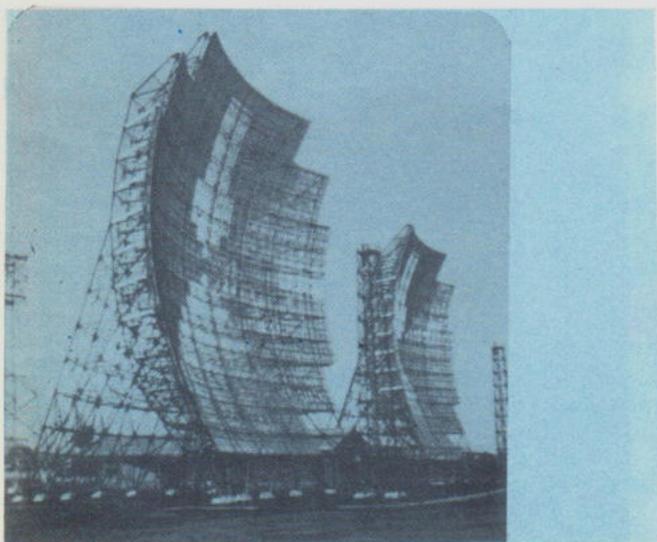
A vida será resumida em torno de vigas de aço e blocos de cimento. Virá uma avalanche de problemas humanos e urbanos.



Júpiter e seus Satélites: Calisto, Europa (em primeiro plano), e Io.



O primeiro homem a pisar na Lua, colhe amostras do solo lunar para análises, de regresso a Huston, EUA.



Os satélites artificiais, olhos e ouvidos da terra, informam, fotografam ou transmitem mensagens ou dados, que são captados por antenas como estas.

Mas as estatísticas não confirmam isso. Haverá por certo uma escassez de alimentos, mas será a tempo de permitir uma estabilização do homem em colônias espaciais.

E as migrações, hoje já registradas nos países mais adiantados, das cidades para o campo se transformarão da terra para planetas vizinhos.

Verdadeiros gênios da futurologia moderna, *Isaac Asimov*, *Robert Heinlein* e *Arthur Clark* seguem caminhos diferentes porém com muitas interseções.

A estabilização de colônias interplanetárias nos sistemas feudais, a constante mecanização do Universo e a divisão do mundo ou em regiões políticas, ou em partes vivas e mortas, pela radiação das bombas atômicas são os principais temas que aborda *Isaac Asimov*.

Em "*Poeira de Estrelas*", *Asimov* escreve um romance espacial com um ritmo forte de aventura. Só existe um pequeno espaço vital na Terra e o resto está condenado pela radiação das bombas que explodiram na guerra mundial. O universo está repartido em várias colônias feudais.

"Eu, Robô" é o mais famoso livro de Asimov e aborda a distribuição das máquinas pelo espaço e as leis que as regem.

É interessante notar que a Terra será um centro nostálgico de cultura, assim como a Grécia Antiga é hoje.

Já Robert Heinlein trata em vários livros do sentimento de independência das nossas futuras colônias extra-terrestres. O que não é tão utópico, já que em 1969 a própria ONU encarregou alguns juristas de estudarem as implicações políticas relacionadas com vários problemas do "direito espacial" e o desejo de independência dos futuros colonizadores terrestres da Lua era um dos temas analisados!

Heinlein também examina a humanidade enfrentando a primeira ameaça alienígena interplanetária em "The Puppet Masters".

De todas estas obras o que se conclui é que o imperialismo espacial será inevitável e talvez haja a mesma divisão política de formas de governo que existe hoje.

Mas Isaac Asimov prevê que seremos governados por enormes computadores que tudo dirigirão com lucidez maior que a dos homens.

4. MÁQUINA X HOMEM

O progresso das máquinas no sentido de buscar a perfeição e sua adoção cada vez maior na vida atual justifica a dúvida se no futuro nós perderemos a nossa individualidade e viveremos de acordo com as vontades frias e calculadas dos computadores.

O que é inevitável é que a máquina substitua a mão-de-obra humana. Isso pode acarretar três principais consequências:

- a era do lazer
- o desemprego total
- a volta do patriarcalismo

Com tantas máquinas em funcionamento e em substituição ao homem, este já não precisará trabalhar, nem tantas horas nem tantos dias como faz atualmente.

Mas as máquinas criam tal automatismo que as pessoas acabam agindo sem saber bem o porquê.

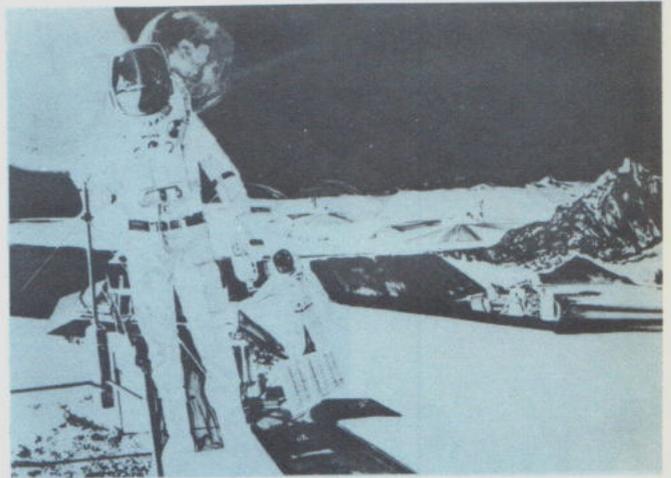
Por ocasião da Revolução Industrial do século XVIII surgiram descontentamentos por causa do índice de desemprego que ela iria causar. Contudo, isso não aconteceu se desapareceram certos tipos de mão-de-obra, por outro lado novas profissões técnicas surgiram. Assim, parece que inúmeros empregos desaparecerão futuramente, porém uma sociedade de técnica especializada despontará.

A dúvida, no entanto, persiste: esses técnicos ditarão as normas para as máquinas ou servirão às suas vontades?

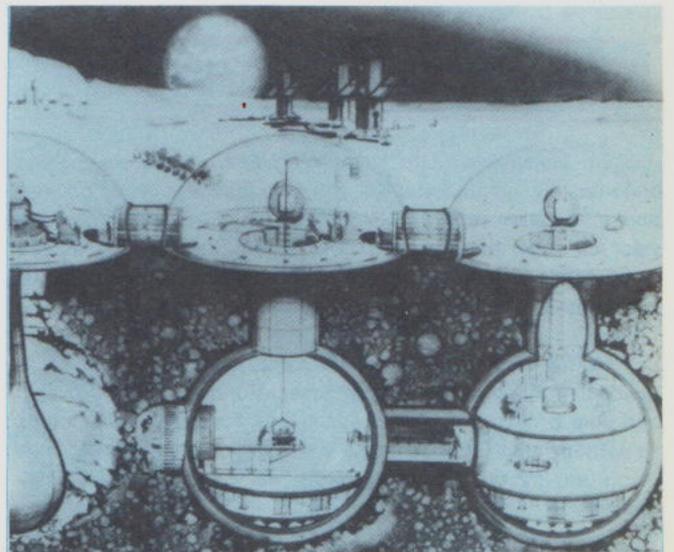
É interessante apreciar como a História sempre retorna. Parece que o medievalismo imperará no Espaço quanto à forma sócio-econômica e na Terra como sistema familiar por meio de um neo-patriarcalismo.

Isso não quer dizer que o homem voltará à sua forma de macho pré-histórico (as feministas não deixariam) mas que a sua família não precisará trabalhar, já que estará servida pelas máquinas domésticas. O patriarca trabalhará menos e ganhará mais dinheiro: máquinas não precisam de salários.

Com a semi-libertação do ambiente doméstico, a mulher conseguirá a maior independência pela qual vem lutando tanto ultimamente e muitos problemas familiares poderão ser resolvidos, isto se não existir uma revolta contra a maquinização da vida.



Usando trajes que oferecerão proteção contra o meio-ambiente hostil, os futuros colonizadores da Lua transportam equipamentos através de uma paisagem lunar pontilhada por imensas cúpulas em cujo interior é mantida uma atmosfera semelhante à da Terra.



Fazer escavações, expandi-las com explosivos, depois isolando as cavidades com balões plásticos pode vir a ser a técnica de construção dos primeiros complexos permanentes residência/trabalho.



5. O FUTURO DO AMOR

Em muitas obras de ficção científica, ou até mesmo em histórias menos importantes que nos atinge pelos "pocket-books" e pelas revistas em quadrinhos, é bem salientado o valor do super-herói do espaço acompanhado de sua amada combatendo o mal, em naves super-velozes ou nos oceanos lamacentos e insalubres que existirão na Terra poluída.

Muitos dizem que a materialização da vida está acabando com a sinceridade, com o amor. Porém, é bem provável que com o desenvolvimento social dos povos, os sentimentos se tornem mais abundantes e até atinjam os computadores, como em "2.001, Uma Odisséia no Espaço" de Stanley Kubrick.

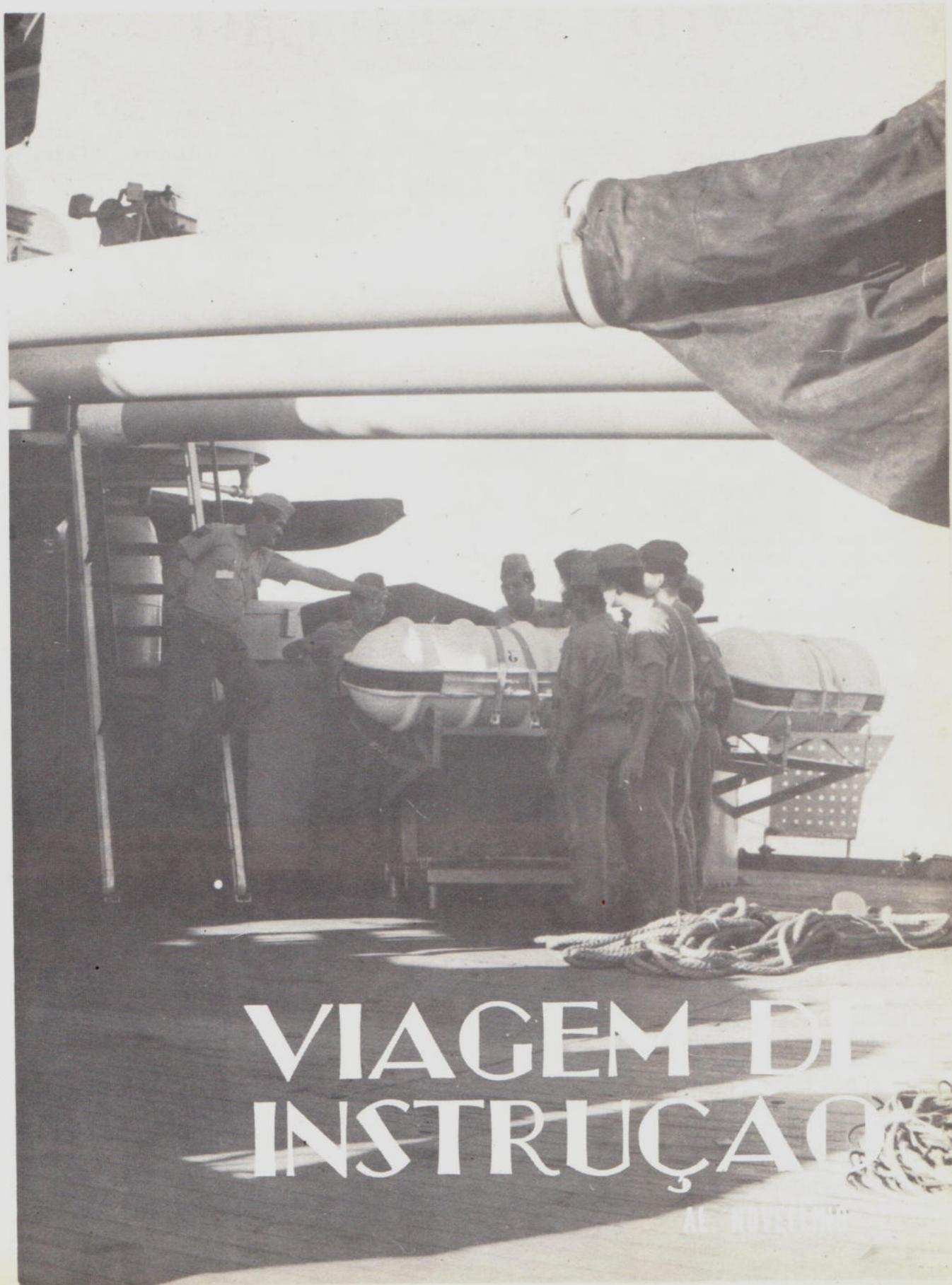
Bem interessante é a interpretação que o grande Jean-Luc Goddard dá sobre este aspecto em seu filme "O Amor no ano 2.002".

O amor feminino está separado em uma parte material e outra espiritual, sendo que elas nunca podem estar fundidas numa só mulher.

No filme, a tela assume sempre uma variação de cores que representam as radiações na Terra causadas pelas bombas atômicas. Para a radiação da bomba soviética ela assume a cor vermelha, para a europeia o verde, azul quando a radiação for americana e amarela quando for chinesa. Há, então, um encontro de um homem de outra galáxia com uma mulher do tipo material, sendo esta repugnante, pois não fala nem tem sentimentos. Ele se vê com a do tipo espiritual, porém o sexo é visto por um ângulo impossível.

Um instinto de sentimento entretanto, os faz ver que deve haver um ato que una os dois opostos: o espiritual e o material. Há uma aproximação e... surge o beijo.

Imediatamente a cor natural das coisas volta à tela e a radiação torna-se negativa. O sentimento funde-se com o corpo com a redescoberta do beijo...



VIAGEM DE INSTRUÇÃO

AL. NOBRE

VIAGEM DE INSTRUÇÃO — 73

AL. NOVELLINO

NUM dia de julho, ano de 1973, ao fim das 1.^{as} provas parciais, os alunos do 2.^o ano do Colégio Naval embarcaram num navio e foram para uma cidade. O navio era o CL TAMANDARÉ e a cidade, Salvador.

A nossa viagem de instrução estava se iniciando, de acordo com o calendário escolar, como nos anos anteriores.

Poucos dias antes da partida, nada nos despertava mais interesse do que arrumar a bagagem e zarpar. A atenção às provas foi sendo cada vez mais distanciada, e como a última coincidiu com o dia da viagem, dissemos que houve, na boa linguagem, um "arvoreu" total.

Lá estava ele na enseada. No TAMANDARÉ iríamos conhecer realmente a vida no mar. O que acontecia no interior de suas torres, a utilização dos instrumentos de bordo, a eficiência e carinho de seus homens para com o navio e, sobretudo, a camaradagem entre a tripulação.

Um navio, por maior que seja, torna-se apenas um pequeno objeto em confronto à imensidão do oceano, ficando-se por vezes isolado, sem ver terra nem mesmo no alcance máximo do radar. Por isso, desenvolve-se entre os tripulantes um grande espírito de cooperação, desde o comandante até o marinheiro menos graduado, um dependendo de todos, todos dependendo de cada um.

Assim, fomos aprendendo que a vida do oficial de Marinha é muito mais do que os anos de Colégio e Escola, mas também uma intensa dedicação e trabalho à profissão escolhida. E que no final compensa.

Muitos ainda não tinham feito uma viagem de navio (eu, por exemplo). Outros ainda não haviam tido a oportunidade de conhecer Salvador (também eu). Fizemos os dois. Conhecemos então a beleza de uma das cidades mais bonitas do Brasil descobrindo, inclusive, o que a baiana tem.

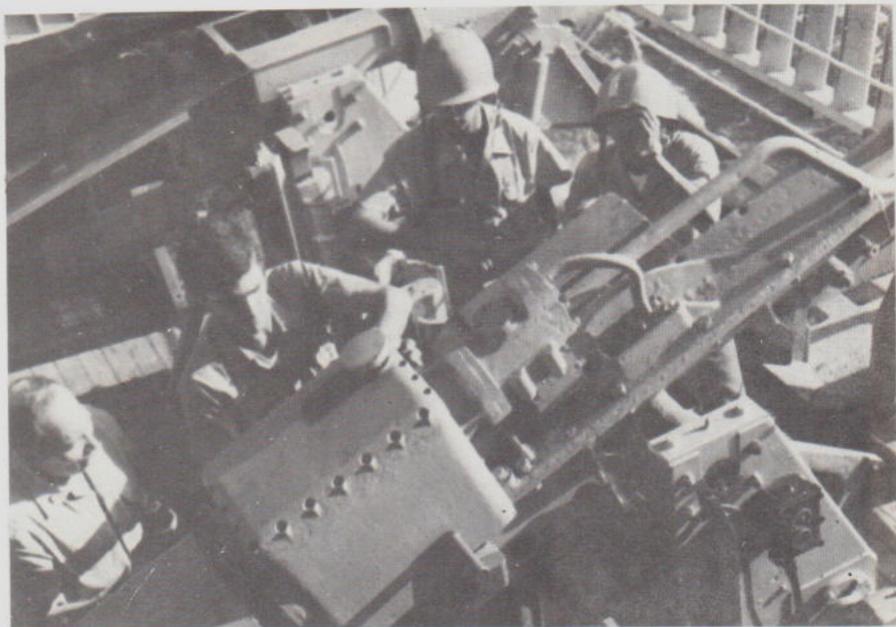
Durante toda a viagem o CT ARAGUAIA foi a nossa escolta, sempre vigilante e pronto para qualquer emergência. Entre o ARA-

GUAIA e o TAMANDARÉ apresentamos várias operações de adestramento, que compreenderam manobras, exercícios de tiro, passagens de carga leve e de pessoal.

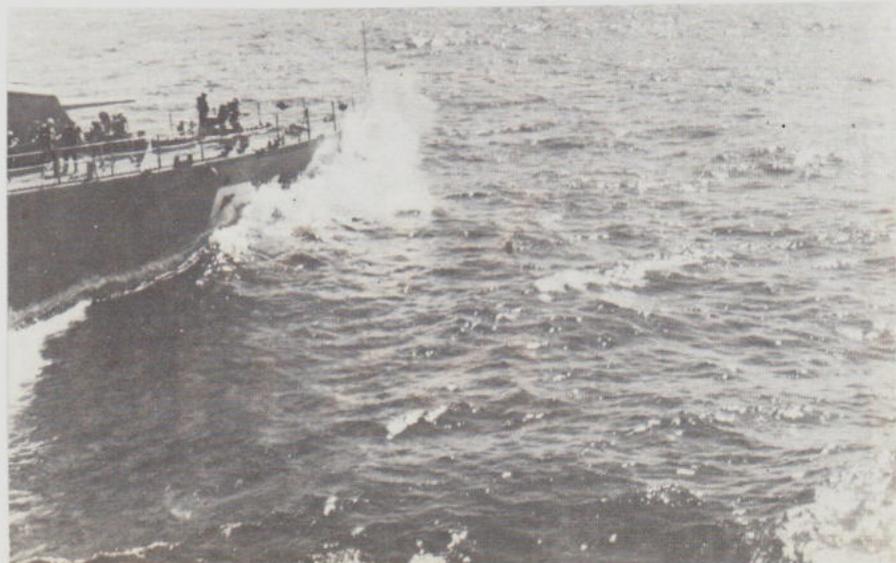
Mas foi na viagem de volta que pudemos melhor apreciar aquilo que nos fôra dado: à noite, o verdadeiro silêncio na proa, quebrado apenas pelo barulho das ondas no casco do navio; o suave amanhecer de cada dia, renovando o tempo, enquanto o mar permanecia o mes-

mo, gigante, como se estivesse ali para nos contar a história do mundo; a proximidade com a Lua, com as estrelas, consigo mesmo, nos parecendo também estar bem mais junto a Deus.

Depois, nosso único desejo era chegar em casa, revelar os filmes, entregar as encomendas e conversar com os amigos e parentes, mas trazíamos ainda conosco a impressão de uma suave brisa no rosto e o agradável balançar de um convés.



Os alunos Neves, Jacoby e Antônio Carlos sendo instruídos no manejo de uma peça de artilharia a bordo do CL "Tamandaré".



A proa do CT "Araguaia" mergulha nas ondas. A foto foi tirada de bordo do CL "Tamandaré".

PODERIO NAVAL ENTRE GUERRAS



O encouraçado "Minas Gerais", uma das mais poderosas unidades da Esquadra brasileira da época.

PROF. GUILHERME DE ANDRÉA FROTA

FICOU claro, para os líderes militares aliados, que a vitória de 1918 foi obtida graças à superioridade no mar, por mais que a tática ainda se mantivesse igual à época dos veleiros. Assim, a paz seria garantida pela superioridade de suas esquadras e não de seus exércitos. Por isso, determinaram o limite de 6 encouraçados, 6 cruzadores ligeiros, 12 destroyers e 12 torpedeiros, de preferência antigos, para a esquadra alemã, cujo conjunto

não poderia ultrapassar de 108.000 toneladas, com um efetivo de no máximo 15.000 homens. Era interdita a construção de submarinos e a existência de uma aviação naval. As fortificações costeiras de Heligoland foram desmanteladas, ao mesmo tempo que a perda de colônias para os aliados privava à marinha alemã de vários portos estratégicos e de apoio.

Acordes no que dizia respeito à desmilitarização, os Aliados enfrentaram dificuldades

enormes nas negociações de Versailhes, da qual resultou um tratado imperfeito e aceito pela Alemanha como um **diktat**, provocando rancores dos mais moderados cidadãos. A Sociedade das Nações, imaginada por Wilson, não chegou a cumprir o seu objetivo. Falta de seu próprio idealizador (America turned her back on Europe), constituía mais um atestado de discórdia entre os seus membros. A possibilidade de uma corrida armamentista causava inquietações.

PODERIO NAVAL ENTRE GUERRAS

Foi neste clima que se chegou à Conferência de Washington, em grande parte conseguida pela habilidade da administração Harding, a 29 de outubro de 1921, que tinha por objetivo limitar os armamentos navais. A Inglaterra era, sem dúvida, a primeira potência naval e desejava conservar essa posição; os Estados Unidos, que, com a guerra, se tornaram grande potência, pretendiam possuir uma marinha igual ou superior à sua antiga mãe-pátria; e o Japão se preparava para tomar conta dos portos do Pacífico, ativando um plano de construção naval de grandes proporções. Por isso, a Conferência de Washington visava impedir uma corrida entre essas três marinhas e limitar a expansão japonesa no Pacífico.

Apesar de os Estados Unidos estarem no momento com um plano de construção de 778.000 toneladas (enquanto que a Inglaterra possuía 196.000). Eles se mostraram favoráveis a um acordo, já que o próprio Congresso pensava na diminuição das despesas militares. Renomado filósofo, Balfour transformou a Conferência num sucesso britânico. Este, impossibilitado de renovar o tratado de 1902 com Londres, preferiu

ceder para preservar o futuro.

A 15 de dezembro de 1921 o Secretário de Estado Hughes anunciava que o seu país, a Inglaterra e o Japão acordavam em limitar em 525.000, 525.000 e 315.000 toneladas o conjunto de suas esquadras, numa proporção de 5.5.3 entre suas forças navais. Observe-se que nem a França nem a Itália foram convidadas a participar desses acordos. Apenas lhes foi proposta a cifra de 175.000 t, que a Itália se apressou a

aquiescer, pois não imaginava tanto, mas que provocou protestos enormes da delegação francesa, que, orientada pelo Almirante de Bonn, reivindicava 350.000 t. Grandes debates se verificaram diante da proposta de Balfour de suprimir os submarinos, acabando por aceitarem os franceses a exigência imposta, mas conseguindo um aumento nas outras categorias de navios, principalmente nos submersíveis.

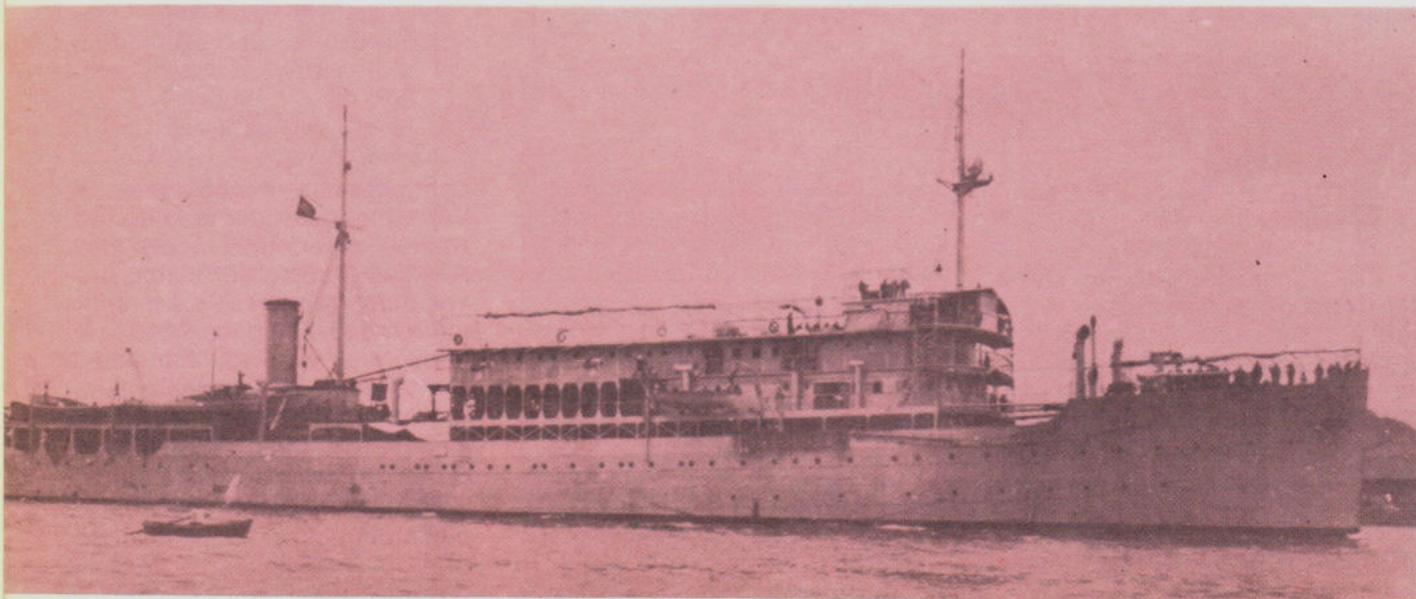
A 6 de fevereiro encerravam-se as negociações com a assinatura de um tratado que estipulava limites quantitativos e qualitativos:

Países	Navios de linha	Porta aviões	outros	
Inglaterra	525.000 t	135.000 t		
Estados Unidos	525.000 t	135.000 t		
Japão	315.000 t	81.000 t	sem limite	
França	175.000 t	60.000 t		
Itália	175.000 t	60.000 t		

	Navios de linha	Porta aviões	Cruzadores	outros
Deslocamento:				
máximo ...	35.000 t	27.000 t	10.000 t	sem limites
Calibre:				
máximo ...	406 mm	203 mm	203 mm	

A Inglaterra, Estados Unidos e o Japão acordavam também em não construir novas bases navais nem fortificações no Pacífico, com exceção da Austrália, Nova Zelândia, Ilhas Hawai

e no arquipélago japonês. Estabelecia-se o princípio das "férias navais", como um prelúdio ao desarmamento terrestre. O tratado era válido até 31 de dezembro de 1936.



Tender "Ceará".

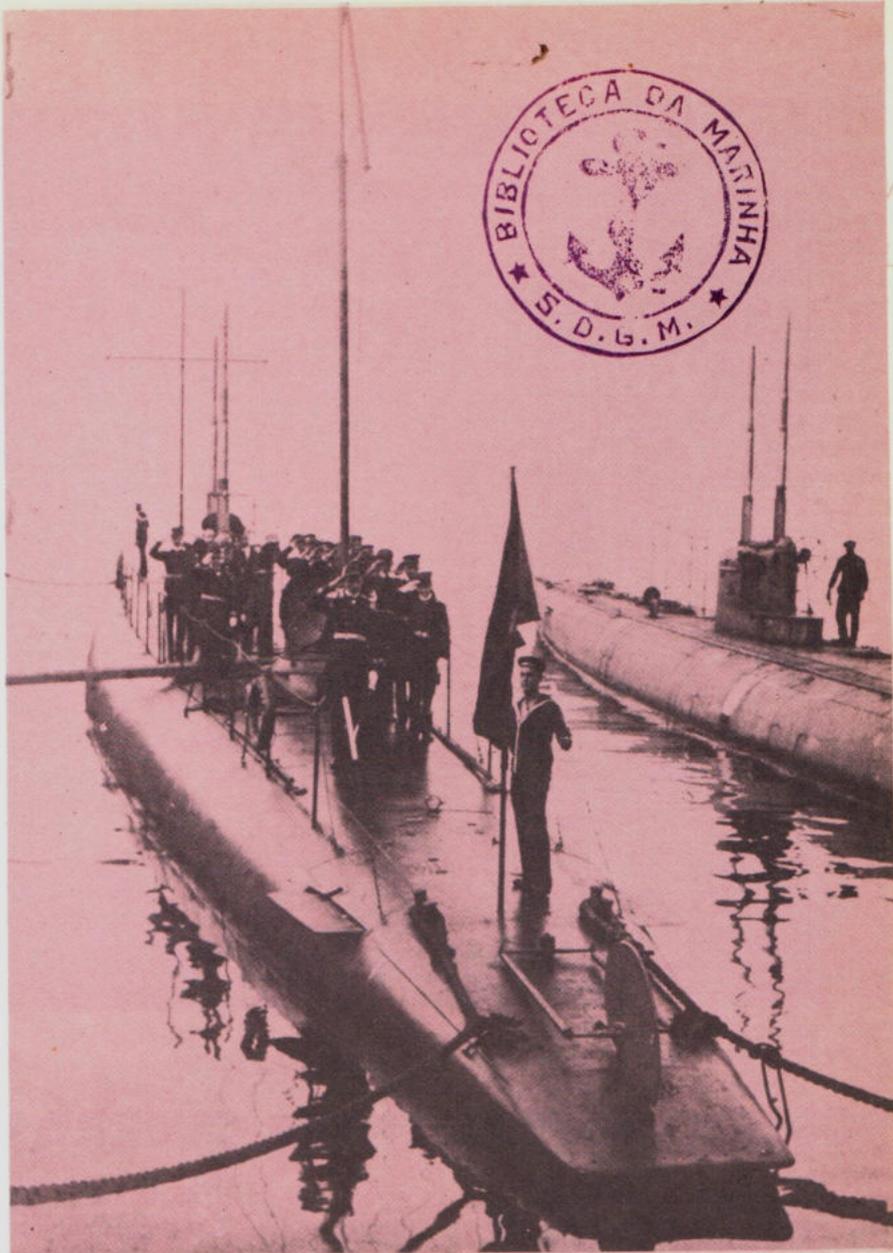
Como se pode ver, os grandes vencedores de Washington foram os ingleses e americanos, os quais conseguiram um início de desarmamento, mas sem abdicar de suas hegemonias navais. O Japão foi o grande perdedor: impedido de se desenvolver na Ásia, de estender sua influência política e econômica sobre a China, insultado pela decisão do Congresso Americano (l. l. 1924) que proibiu a imigração japonesa, curtir um amargor platônico que foi, depois, se extravasar em Pearl Harbour.

Entre 1923 e 1929 as relações internacionais foram se tornando menos tensas, ao mesmo tempo que a Europa renascia de suas ruínas, reconstruindo as regiões devastadas e reequipando a sua economia. A Alemanha, com o auxílio dos Planos Dawes e Young, reforçava o marco. O comércio internacional se estimulava ao sabor dessa paz e desses "anos de esperança". Em 1927 tentou-se unificar em Genebra as proporções de todos os tipos de navios, o que não foi conseguido. A Inglaterra dava preferência aos cruzadores ligeiros, com canhões de 152 mm.

Em 1928 os Estados Unidos tomaram a decisão de consolidar melhor a paz, assinando o **Pacto de Paris** "condenando os recursos à guerra para regulamentar as diferenças internacionais". A propaganda pacifista dominava o mundo. Ratificado por quase todos os países, esse Pacto provocou uma nova Conferência das cinco grandes potências navais em Londres.

O pensamento inglês e americano nesse ano era estender os limites de tonelagem a todas as categorias de navios, dividi-los em tantas quanto possível, pois, seria, assim, mais seguro que uma simples limitação global. A Itália e o Japão não estavam completamente contrários a esta tese. A França, agora numa situação financeira excelente depois da administração Poincaré, não se deixaria manobrar como em Washington.

A 21 de janeiro de 1930 abria-se a Conferência de Londres,

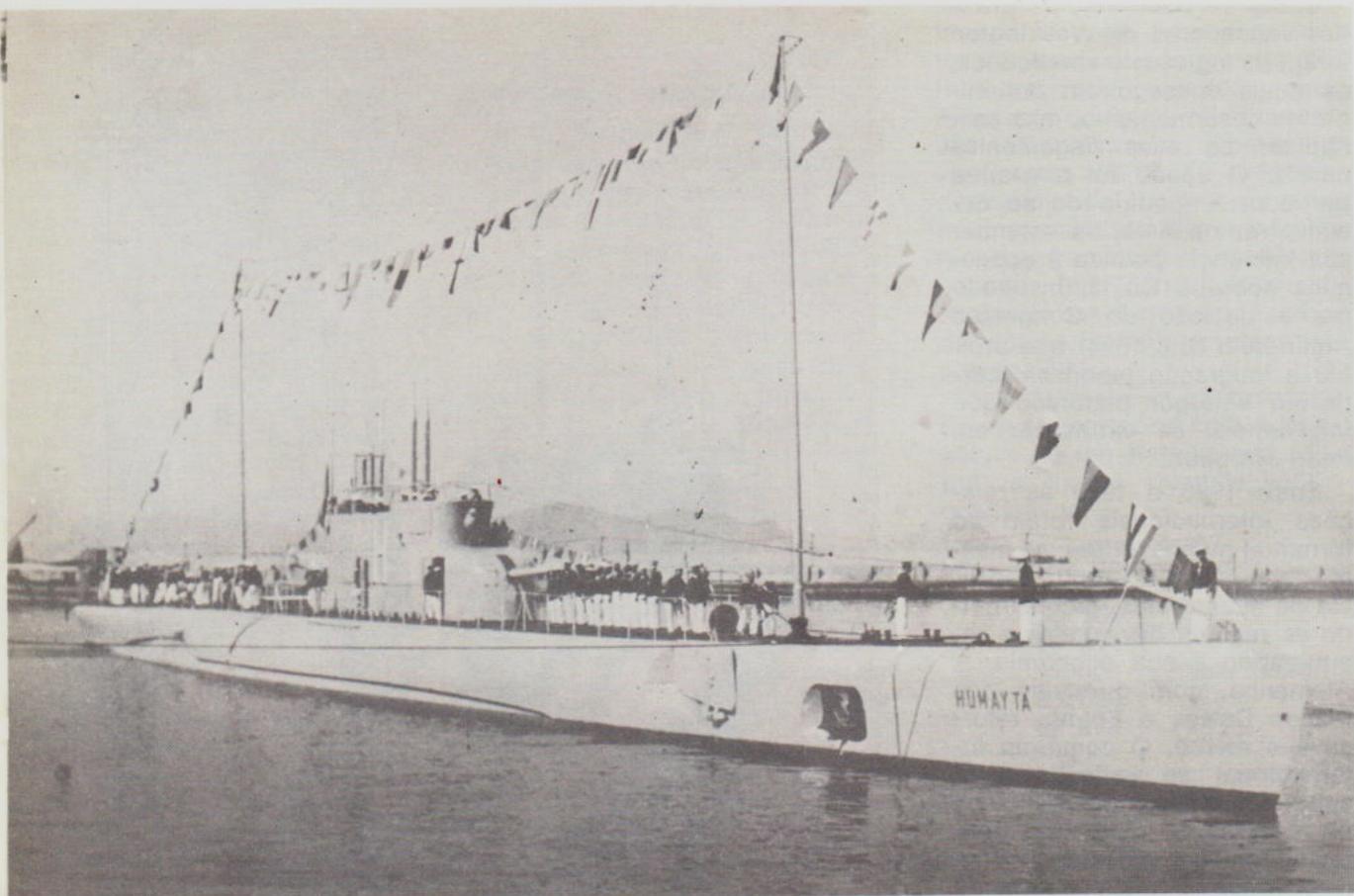


Submarino F-5.

tendo-se prolongado até 22 de abril. Dentro de uma atmosfera cordial, decidiram não fabricar nenhum novo navio, entre 1931 e 1936, mesmo para substituir os que tivessem atingido o limite de vida. Os submarinos não foram suprimidos, mas limitava-se a 2.000 t o seu peso individual, apesar de que cada um podia possuir três de 2.000 a 2.800 t. Mas foi impossível aos membros da Conferência chegar a uma conclusão sobre a redução proporcional de suas frota s ligeiras. Entretanto, a Conferência redundou em sucesso para os Estados Unidos, que obtinham a igualdade com os ingleses em qualquer espécie de navio, ao mesmo tempo

que continham o aumento da esquadra ligeira do Japão. Os franceses viam vitoriosa a tese da legalidade da guerra submarina, por eles sempre defendida.

Mas o imprevisível crack espetacular de Wall Street, em 1929, gerou uma crise econômica profunda, alterando a vida de muitas nações e permitindo a formação de ditaduras belicosas, conduzindo o mundo para um novo conflito. Greves, desemprego, miséria substituíram as esperanças da década anterior. Essa crise ao atingir o Japão provocou rápida queda do yen e ascensão da classe militar, ávida de represálias. O aumento e pobreza da população, a falta de matérias primas para



Submarino "Humaitá".

PODERIO NAVAL ENTRE GUERRAS

as suas indústrias atirou o Japão a atacar a China, invadindo a Mandchuria (18-9-1931). Foi esse o primeiro golpe efetivo contra a paz mundial e que a Sociedade das Nações não pôde impedir.

Foi essa a razão da Conferência Geral do Desarmamento, reunida em Genebra a 2 de fevereiro de 1932. Após 6 meses de trabalho, concluiu-se pela proibição dos bombardeios aéreos, interdição da guerra química e bacteriológica e diversos controles de fabricação de armamentos, que de nada adiantaram. A Conferência reunida na mesma cidade em junho de 1933, visando remediar a desordem, não atingiu seus objetivos. Ao mesmo tempo, a Alemanha reunia-se em torno de um líder carismático, Adolf Hitler, Chanceler em 30 de janeiro de 1933 e Presidente do Reich a 1 de agosto do ano seguinte. O

apoio que teve de todos e das forças políticas e para-militares do partido nazi lhe permitiram, em que pese ao caráter elementar de sua cultura, forjar uma Alemanha nova. A Itália orientou-se dentro da mesma política, mas o Duce ainda pensava em não se desfazer de seus aliados.

Os Estados Unidos, agora presididos por Franklin Roosevelt, saíam da passividade e respondiam ao esforço japonês com um programa de rejuvenescimento de sua esquadra. A Itália preparava dois grandes navios de 35.000 t, o **Littorio** e o **Vittorio Veneto** (que só entraram em serviço em 1940). Esses fatos inquietaram a Inglaterra, que não estava apta a competir. Por isso, seus diplomatas iniciaram diversas negociações preliminares da II Conferência de Londres, e cuja preocupação maior parece ter sido o li-

mite qualitativo das esquadras. Em 29 de dezembro de 1934 o Japão denunciava o Tratado naval de Washington, seguido da França a 2 de janeiro. A Alemanha repudiava o Tratado de Versalhes e iniciava um vasto programa naval, em parte apoiado pela Inglaterra, no acordo firmado a 18 de junho de 1935.

Foi sob essa atmosfera desfavorável que se iniciou a II Conferência Naval de Londres, a 9 de dezembro de 1935. As condições de sucesso eram as menos propícias. Os Estados Unidos não desejavam a alteração dos estatutos navais em vigência. Mas os outros não pensavam assim. O Japão, que pretendia a igualdade com a Marinha americana e a inglesa, e que não a obteve, anunciava a sua retirada da Conferência, efetivada a 15 de janeiro. Os demais continuaram as conversações, que se voltaram para as limitações qualitativas. Interrompida a Conferência por

causa da Guerra Civil Espanhola e pela ocupação da Renânia pelos alemães (7 de março de 1936) arrastaram-se as decisões finais para 25 de março. Os Estados Unidos e a Inglaterra comprometiam-se a aceitar o princípio da paridade para as suas esquadras, ao mesmo tempo que se determinava a comunicação prévia e recíproca dos programas navais dos estados signatários.

Ora, essa política de desarmamento naval pesou e atrapalhou o desenvolvimento das principais marinhas até 1935. E isso porque todos achavam que as batalhas navais de uma próxima guerra seriam iguais à de Jutlandia.

Depois de 1936 observa-se uma corrida febril aos armamentos navais, que chegaram a superexcitar a opinião pública internacional. Em 1938 Mussolini fez emergir na baía de Nápoles 100 submarinos diante de Hitler. Sob a direção do Almirante Domenico Cavagnari a Itália acabava os cruzadores **Trento** e **La Gallissoniere** (1929 e 1935) e ativavam a produção dos **Mas**, lança-torpedeiros ultra-rápidos.

A Alemanha iniciava a fabricação dos **U-Boot**, autorizados pela II Conferência de Londres. O organizador da Kriegsmarine, Almirante Raeder, promoveu a fabricação dos encouraçados de bolso, em número de três, do tipo **Deutschland**, os quais,

PODERIO NAVAL ENTRE GUERRAS

embora de acordo com o Tratado de Versalhes, despertavam atenção pelos seus canhões de 11 polegadas, sólida couraça e grande raio de ação, comparando-os com outros de igual categoria. Em outubro de 1936 lançava-se o **scharnhorst** (26.000 t), um de seus melhores cruzadores, seguindo-se o **Gneisenau**. Raeder organizou o **Plano Z**, um programa naval a ser realizado em sete anos para as necessidades de guerra (cujo advento ele colocava em 1945). O acordo naval entre a Alemanha e a Inglaterra (1936) facilitou o rearmamento alemão, desde que não ultrapassassem 35% da Royal Navy. Atiraram-se os alemães às construções navais, mas os seus melhores navios (**Bismarck** e **Tirpitz**) e submarinos só entraram em serviço depois de 1940. Não se preocuparam com os porta-aviões, talvez por causa da vaidade de Goering, que suprimiu a força aeronaval alemã.

Os japoneses iniciaram um plano de construir 18 submarinos gigantes, dos quais apenas 5 foram lançados. Ao mesmo tempo, fabricaram os tipos pequenos, de bolso, atingindo submersos a velocidade de 20 nós, num total de 400. A "linha marítima" sustentada pelo Almirante Yamamoto, achava que o principal inimigo não era a

China, mas os Estados Unidos.

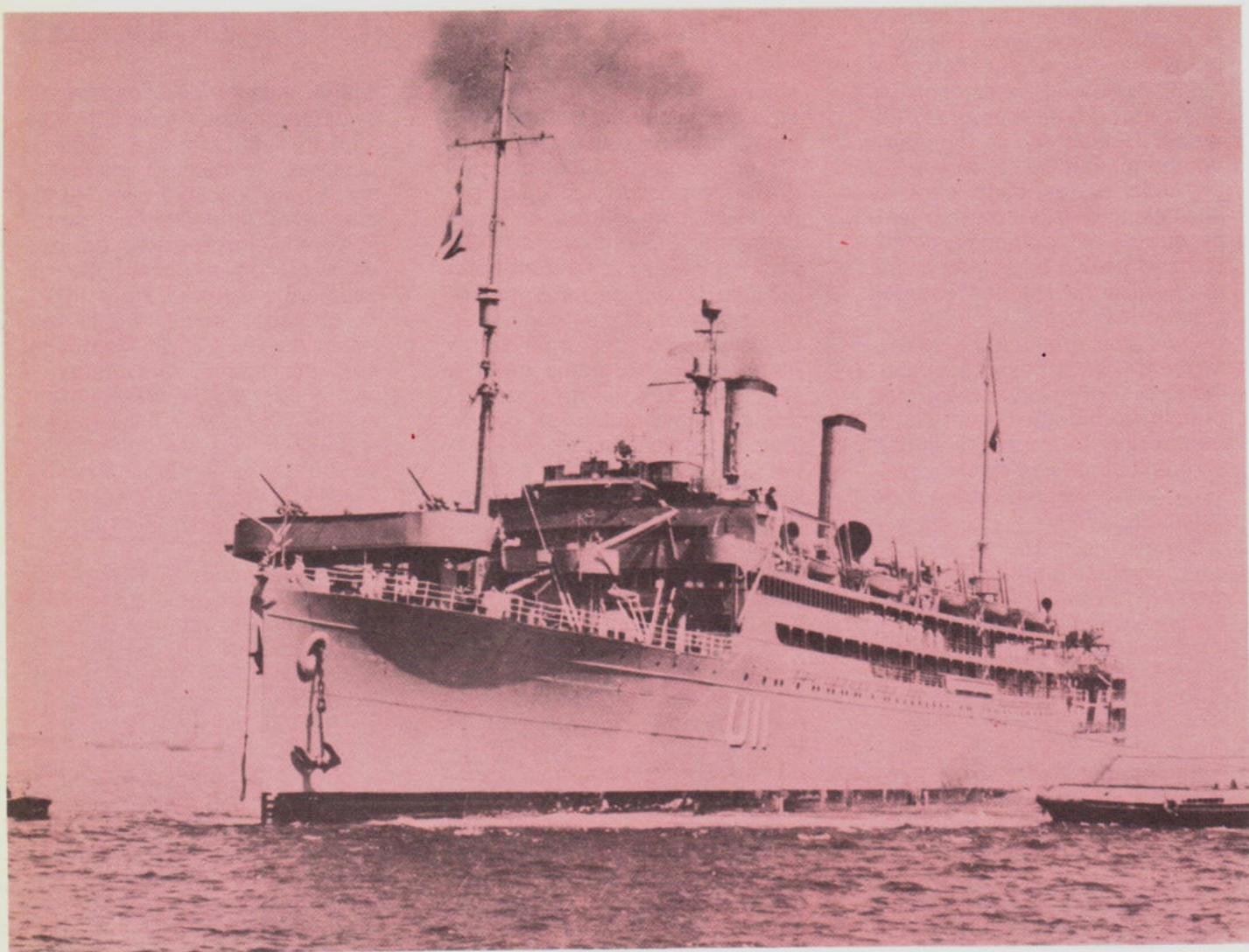
Os franceses, apoiados pelo Ministro da Marinha, George Leygues, e pelo Comandante em Chefe das Forças Marítimas, Almirante Darlan, desenvolveram um programa em que se destacou a construção de submarino **Surcouf**, de 3.800 t, do cruzador pesado **Dunkerque** (maio de 1937) e do **Montcalm**, cruzador ligeiro, que atingia a velocidade de 31 nós (dezembro de 1937). No total compreendia 7 navios de linha, entre os quais os antigos **Paris** e **Courbet**, um porta-aviões, 19 cruzadores, 72 torpedeiros e 78 submarinos.

Os americanos dedicavam-se ao plano aero-naval. Desde maio de 1919 que o General Board insistia no desenvolvimento de uma aviação naval. Exercícios e experimentos foram sendo feitos adaptando-se cruzadores ou outros navios. Durante a administração Roosevelt (1.º período) a construção naval se desenvolveu: cruzadores do tipo **New Orleans** e outros do tipo **Atlanta** e **Iowa** foram postos em serviço.

A Inglaterra preparou um programa de 6 porta-aviões do tipo **Illustrious**, mas que só entraram em serviço durante a guerra. Em 1939 a esquadra britânica possuía 15 navios de linha, 64 cruzadores, 183 destroyers e



Cruzeiro "Bahia".



N.E. "DUQUE DE CAXIAS".

PODERIO NAVAL ENTRE GUERRAS

57 submarinos. Ao mesmo tempo reorganiza as suas defesas no Mediterrâneo e aparelha

Chipre como base aeronaval. No extremo oriente inaugura, em fevereiro de 1938, a base

naval de Singapura, e adota, em abril de 1939 o serviço militar obrigatório na marinha.

O progresso da técnica não foi, contudo, espetacular. As grandes esquadras, ao romper a guerra em 1939, eram formadas por navios veteranos da 1.^a Guerra, salvo os novos já mencionados. O reforço da proteção horizontal e vertical, a melhoria da artilharia anti-aérea e aumento da velocidade, foram os modernismo inseridos. Os submarinos ganharam rapidez de imersão (menos de um minuto para 1.800 t), ao mesmo tempo que se aperfeiçoava a detecção submarina (Sonar) aparelho presente nos destróiers britânicos a partir de 1939. Os porta-aviões, considerados muito vulneráveis, pouco progrediram.



O CL "Tamandaré", uma das mais poderosas unidades de nossa esquadra, foi construído no início da II Guerra.

VIDA A DOIS MUNDOS

AL. JOSÉ ROBERTO
LOPES DA CRUZ

UM HOMEM E UMA MULHER, juntos.

Sós, distantes, isolados num pequeno mundo; o pequeno mundo de ambos dentro do grande mundo de todos.

Amaram-se.

Amaram-se vivendo a primeira e menor das existências. A mais fraca, a mais frágil, a mais linda e menos real.

Separaram-se respirando o ar conturbado, pensando na realidade tão oposta, tão dividida pelas horas e cheias de sons que podiam ou não ouvir.

De tudo ficara a promessa, restaram os laços, fitas balaouçantes, mas firmes. Fitas cor de lilás. A cor que tocava a ela, como tocavam-na os lábios, como faziam-na sentir os braços que a envolviam, o peito onde apoiava a cabeça, que arfava, o peito que a guardava. De tudo ficara a dívida de carinho, mas desobrigada de ser paga. Como a ajuda ao próximo, dada sempre que necessária numa tarefa quase que divina. De tudo ficara a lembrança, verídica, imprecívél, inatingívél ainda que apenas uma vez mais.

E da realidade tão efêmera quanto louca, fizeram um sonho. Para os outros fizeram um segredo.

A poesia das palavras trocadas nunca se chamaria absurdo, a verdade daqueles sentimentos nunca seria revelada; pois neste grande mundo, dono de suas vidas, a verdade não tem sentimentos, não distingue as pessoas, não poderia jamais jurar pela pureza de qualquer um deles.

Ver-se-ão em cada janela de casa pequena e simples, branca, coberta de telhas vermelhas engastadas. Num adeus largo pela alegria da volta, ou lento pela melancolia da partida. Encontrar-se-ão em todas as esquinas de ruas estreitas e curtas, calçadas de pedras cinzentas, iluminadas por postes antigos.

Nunca mais poderão estar juntos como antes, mas nunca estarão tão sós como podem parecer agora.

Vivem num mundo lilás, iluminado por postes antigos. Passeiam nas nuvens de seus sonhos efêmeros e loucos, calçadas de pedras cinzentas e polidas, refletindo luz. Sentem o respirar profundo e firme, mútuo, dos peitos amigos a sorverem o ar alegre, sem nenhum sinal desta melancolia que se espalha no grande mundo onde a poesia e a pureza são verdades absurdas, realidades insensíveis.

Sentem que podem fazer de suas existências fracas e frágeis, um inquebrantável vontade de consolidarem sua união de paz pelo amor.

1973 – IX NAE

AL. PLÍNIO SOARES JÚNIOR



O aluno Mello acende a pira olímpica na cerimônia de abertura da IX NAE

Mais de uma vez o Colégio Naval sediou as já tradicionais competições com as Escolas Preparatórias de Cadetes do Exército (EsPCEEx) e da Aeronáutica (EPCAr), mais conhecidas pela sigla NAE. Foi pela nona vez que nós, futuros oficiais das Forças Armadas nos reunimos e nos defrontamos num ambiente sadio, onde o mais importante não é vencer e sim competir e fazer com que os laços de amizade entre as forças se solidifiquem.

ATÉ a chegada das delegações da EsPCEEx e EPCAr, o tempo parecia que não iria corresponder com o ambiente festivo, pois chovia torrencialmente. No dia seguinte com o tempo completamente mudado foi realizada a cerimônia de abertura. Nesta mesma ocasião a taça NAE foi entregue ao representante do CDFA, pois encontrava-se em poder da EsPCEEx que a tinha conseguido por duas vezes consecutivas. No transcorrer das solenidades foram hasteadas bandeiras do CDFA, Colégio Naval, EsPCEEx, EPCAr. Logo depois houve juramento dos atletas, seguido do acendimento da pira olímpica e palavras proferidas pelo Exm^o. Sr. Brigadeiro OSWALDO TERRA DE FARIA alusivas à cerimônia, ressaltando o espírito cavalheiresco que deveria nortear as competições. Nesse mesmo tempo tivemos o prazer de presenciar uma demonstração dos novos aviões a jato XAVANTES, construídos no Brasil.

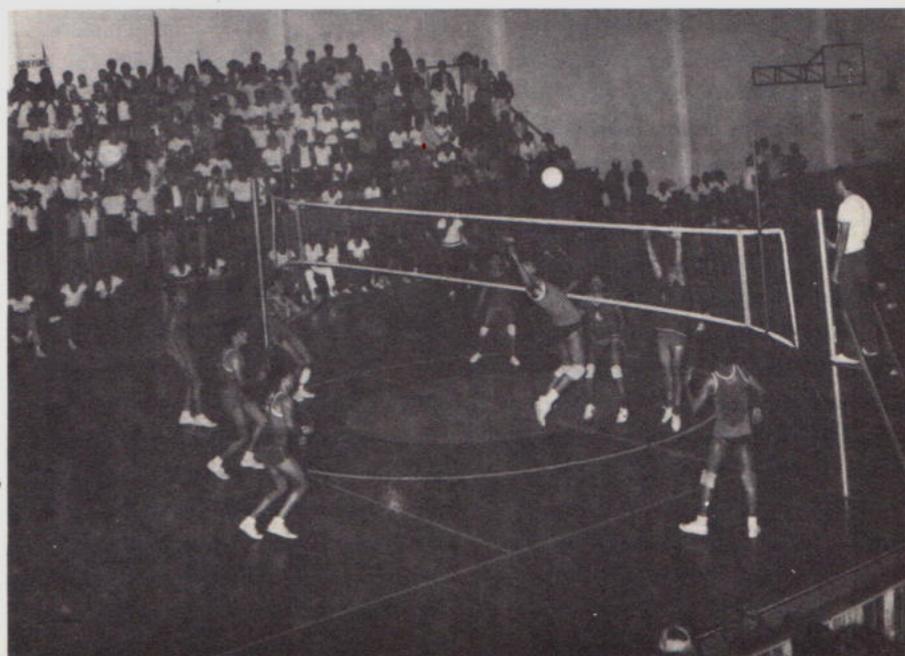
Os jogos de quadra foram realizados no moderno ginásio do Colégio, cujas obras foram concluídas no início de ano letivo.

VOLIBOL

A equipe do Colégio não participou da 1.^a rodada de jogos da quadra. Ao se defrontar com a EPCAr, nosso primeiro jogo, demonstramos visível nervosismo e começamos perdendo por 2 a 0, mas logo viria a reação, empatamos o jogo com uma "virada" sen-



Equipe de Volíbol do CN.



Momento de ação da equipe de Volíbol.

1973 - IX NAE



Aluno Honório recebendo a medalha de 1.º lugar em REVEZAMENTO 4x100, 4 estilos, do Ten.-Cel. Tigre Maia, da EPCAR.

sacional. Contudo na hora de decidirmos, praticamente com o jogo ganho por 10 a 6 no último "set", acabaríamos perdendo por 15 a 12. Apesar de no momento o desânimo ter sido quase total, ainda tínhamos chances de sagrar-nos campeões e foi o que realmente aconteceu, pois a EPCAR tinha perdido para a EsPCEX na 1.ª rodada por 3 a 2 num jogo que durou quase 3 horas. Na decisão com o Exército levamos a melhor numa partida de muita raça e técnica de ambos os lados, o que valorizou ainda mais nossa conquista por 3 a 1. Seria essa, a 1.ª taça a ser conquistada pelo Colégio Naval nesta NAE. Brilhou o sexteto comandado por QUARESMA, e que entre titulares e reservas, também contou com *Cordeiro, Astor, Helcio, Galindo, Deluiggi, Giralano, Eliezer, Sampaio, Botelho, Proença, Marcus Vinicius e Jaccoud.*

BASQUETEBOL

APÓS brilhante demonstração que o pelotão elétrico do Colégio

Naval nos proporcionou, foi realizado o jogo de basquete, entre o C.N. e a EsPCEX. Embora o Colégio sempre estivesse à frente do marcador, foi essa partida muito equilibrada até a metade do segundo tempo, quando o Exército conseguiu empatar. Mas a partir daí, nosso time passou à frente, vencendo no final por 68 a 53. O aluno *Soares Jr.*, do Colégio Naval, foi o cestinha do jogo com um total de 38 pontos.

No 2.º jogo entre EPCAR e EsPCEX mostrou-se a EPCAR ser uma equipe muito homogênea conseguindo superar a EsPCEX.

Na decisão entre o C.N. e EPCAR o 1.º tempo terminou com uma vantagem de 7 pontos pró EPCAR (34 a 27). No 2.º tempo a equipe da EPCAR mais motivada e decidida, pois se ganhasse no basquete seria campeã da NAE, aumentou o placar chegando a vencer por 93 a 60. Novamente o aluno *Soares Jr.* seria o cestinha do jogo com 28 pontos. Resta salientar que a vitória da EPCAR foi merecida,

pois apresentou-se como a equipe melhor preparada, o que valorizou sobremaneira o 2.º lugar por nós conquistado.

Participaram da equipe do CN os alunos *Soares Júnior, Luiz Del-fos, Ruiz, Luiz Alberto, Ramos, Miranda, Carline, Bastos, Miranda Filho, Ferreira Horta e Coelho.*

TIRO

ESTA competição não entraria na contagem geral dos pontos, já que seria a primeira vez a ser disputada. O primeiro resultado que foi divulgado, apontava o Exército como campeão individual e por equipe. Mais tarde, conferidos os pontos, verificou-se que o vencedor tinha sido a Marinha, sobressaindo-se o aluno *Guerra*, como campeão individual, o que possibilitou ao C.N. ganhar por equipe também.

A experiência foi muito válida, tornando essa modalidade oficial a partir da próxima NAE.

Compuseram essa equipe os alunos *Guerra, Mayer, Bandeira e José Carlos.*

JUDÔ

DESTA vez a tradição não vingou e os "judocas" da Aeronáutica que sempre se sagravam vencedores, perderam por um ponto para o Exército.

O Colégio, apesar de ter levantado o 2.º lugar por equipe, não conseguiu manter a diferença, sendo alcançado nas provas individuais pela equipe da Aeronáutica. Na contagem final ficamos em 3.º lugar, não obstante o esforço dos nossos atletas, dentre os quais destacou-se o aluno *SCHART*, campeão da categoria pena.

Foi esta a única competição vencida pelo Exército, que causou surpresa a todos, mas que foi valorizada pela alta qualificação do pessoal da Aeronáutica e da Marinha.

Scharth, Maya, Trovão, Chater, Bueno, Álvaro, Mauro Cesar, Mathias, Luiz Carvalho, Cardoso, Carlos Alberto e De Paula "brigaram" pelo C.N.

FUTEBOL

NAS competições de futebol não fomos felizes, pois as equipes da EsPCEX e EPCAR fizeram valer suas melhores qualidades técnicas. Perdemos as duas partidas que disputamos, sendo uma de 5 a 2 para a Aeronáutica e 2 a 0 para o Exército.

Na final a EPCAR levou a melhor sobre a EsPCEX vencendo por 1 a 0.

Realmente justa a vitória da Aeronáutica e conseqüentemente o título conquistado, dispondo de ótima equipe tanto individual como em conjunto.

Os atletas do CN, embora derrotados, demonstraram muita garra e vontade de vencer, o que não foi possível pelo melhor preparo dos demais. Destacaram-se os alunos Chaves, Maia de Oliveira, Carlos Silva, Cordeiro e Torres que juntamente com Mario Luiz, Dias, Segond, Isensee, Jairo, Ricardo José, Aguiar, Brito, Gonçalves, Giraldo, Cecato, Kepler, Villanova, Mario Costa, Lauriston e Killian, envergaram o uniforme azul e branco do Colégio Naval.

ATLETISMO

NO Atletismo obtivemos o 2.º lugar, sendo que a Aeronáutica sagrou-se campeã.

A equipe do Colégio mostrou-se bem preparada tendo conseguido três primeiros lugares, a saber: 400 m, salto em distância e salto em altura, além de várias segundas colocações.

Essas provas foram ganhas respectivamente pelos alunos Laecio, Ribeiro Júnior e Mello.

Nosso feito constituiu-se em grata surpresa, pois a Aeronáutica tam-

bém nessa modalidade trouxe ótimo conjunto de valores.

Tudo isso e graças aos esforços de nossos atletas: Xavier, Bodnar, Vielas, Laecio, Doege, Pinho, Conceição, Castelo Branco, Carlos Sid-

nei, Soares Junior, Souto, Mello, Ribeiro Junior, Martinho, Cardim, Ailton, Grizinsky, Bezerra, Regis, Dilton conseguimos uma honrosa colocação.



NATAÇÃO

NÃO conquistamos a NAE, mas a vitória na competição de natação, por ter sido a última prova e pelo modo que vencemos trouxe-nos, sem dúvida, sabor de vitória.

Das sete provas, somente não obtivemos o primeiro lugar em nado de peito e costas.

A conquista por larga margem de pontos demonstrou a nossa superioridade técnica e o excelente preparo dos nossos atletas.

Nesta competição sobressaiu o aluno Afrânio do Colégio Naval que venceu todas as modalidades de que participou, obtendo com isso cinco medalhas. Além dele, partici-

param os seguintes alunos: Senorans, Carelli, Oswaldo, Brasil, Fidelis, Junqueira, Marcello, Honório e Bernardo.

ENCERRAMENTO

DEVIDO ao tempo chuvoso foi realizada no ginásio, a cerimônia de encerramento.

A taça NAE desta vez foi morar em BARBACENA, sendo entregue pelo representante do CDFA a um aluno da EPCAR. Apagou-se a chama olímpica e foram cantados os hinos das três escolas. Logo depois ouvimos o pronunciamento de sua Ex.^a O Brigadeiro TERRA DE FARIAS dando por encerrada a IX NAE.

A certeza do dever cumprido, trazida pela justa e honrosa segunda colocação, foi para nós motivo de

muito orgulho, pois soubemos honrar em todo momento a gloriosa tradição esportiva do nosso Colégio



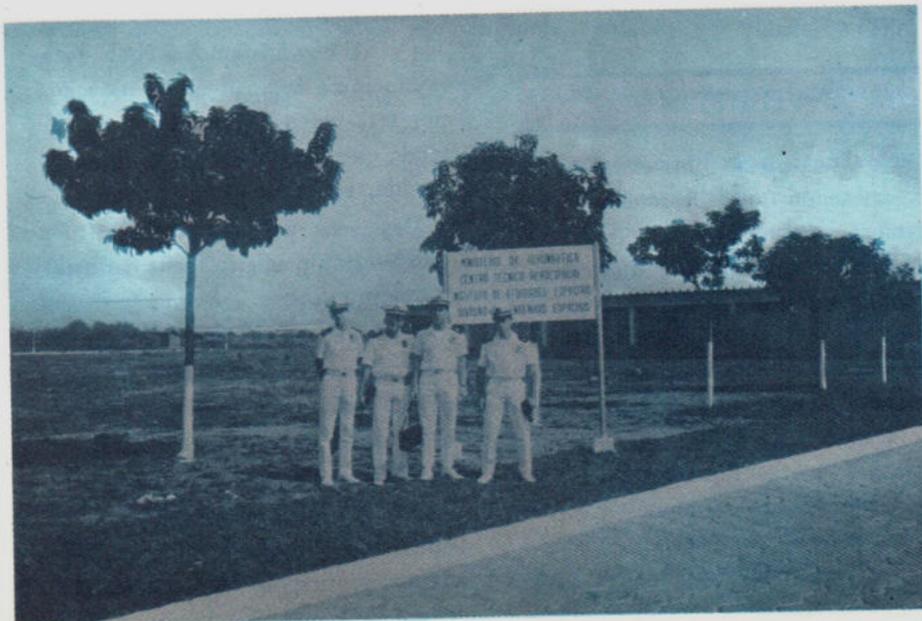
GRUPO FOGUETE MODELISMO

AL. ARRUDA

Fundado no ano de 1973 por alguns alunos, o Grupo de Foguete-Modelismo do CN despõe-se à execução de pequenos projetos para fabricação de foguetes e de seus combustíveis. Essa idéia tomou impulso graças aos dias de conferências, palestras e experiências, como os que foram passados no Centro Técnico da Aeronáutica (CTA) e no Instituto de Pesquisas da Marinha (IPQM), que abaixo são relatados com maiores detalhes.

No início deste ano, dois alunos, estando interessados na organização de uma atividade extra-curricular, foram debater com o professor da cadeira de Física do 1.º ano, Prof. Laranjeira, as possibilidades que haviam de se criar no CN, uma agremiação de estudos, que es-

sencialmente iria lidar com lançamentos de foguetes. Bem recebida a idéia dos alunos e



O FOGUETE

visto que o entusiasmo pelo assunto aumentava, foram levados os planos ao Chefe do Departamento de Ensino-CC Sergio Regal Cabral Velho. Aprovada a sua criação, também pelo Diretor do CN-CMG Hugo Stoffel, começaram as atividades do grupo.

Com o recebimento de um pequeno foguete em aço (modelo FAST), ofertado pelo Instituto de Pesquisas da Marinha, começou a vida do grupo.

O 1.º Salão Aeroespacial Internacional, levou-nos a S. José dos Campos, onde pudemos entrar em contato com cientistas e engenheiros do Centro Técnico da Aeronáutica. Isto foi de grande proveito para o grupo, pois lá tomamos conhecimento da fabricação de foguetes tanto na parte física, quanto na parte química.

Fomos recebidos no Instituto de Atividades Espaciais (IAE), pelo responsável da Pesquisa em Foguetes, Major Abner e o engenheiro aeronáutico Levi Pereira apoiou nossa idéia e iniciativa, e prometendo ajudas maiores ao grupo. Além destes, estivemos em contato com ou-

E-MODELISMO NO COLEGIO NAVAL

tros cientistas e técnicos do Centro Técnico da Aeronáutica, que nos apresentaram os projetos espaciais brasileiros como os Sonda I, II, III.

Nossa visita ao Instituto de Pesquisas da Marinha transformou radicalmente os projetos do grupo, que, a princípio, estava incerto quanto ao lançamento do foguete, anteriormente ofertado pelo mesmo instituto.

Com a presença dos professores Larangeiras (FÍSICA), José Antonio (QUÍMICA) e de dois componentes do grupo, foi feita a visita ao Instituto de Pesquisas da Marinha. Depois de nos apresentarmos ao Vice-Diretor do Instituto, orientados pelo Capitão-de-Fragata Mathias, percorremos todos os departamentos do Centro de Estudos e conhecemos os vários projetos lá desenvolvidos.

No departamento de Arma-mento, fomos recebidos pelo seu responsável, que nos mostrou os principais projetos daquele setor e, em seguida, pas-samos ao laboratório de química, onde fabricamos o combustí-vel usado em nosso foguete, além de colocarmos o mesmo em prova.

O foguete-modelismo, hoje no Colégio Naval, talvez não repre-sente tudo aquilo que deveria encerrar, entretanto uma experi-ência é deixada, o incentivo e a iniciativa foram dados, depen-dendo das futuras gerações de alunos um desenvolvimento maior de construção, lançamen-to e estudos sobre foguetes, que poderão servir de base a possí-veis engenheiros aeronáuticos que surjam em nossas fileiras.

Atualmente, encontra-se em construção nas oficinas da Verolme nosso 1.º foguete para provas de vôo, com lançamento previsto para fins de 1973 (en-cerramento do ano letivo no CN).

COMPONENTES DO GRUPO DE FOGUETE-MODELISMO DO CN:

Arruda — Presidente
Souza Moreira
Glauco
Cesar
Sávio
Fridman
Antonio Cesar

Molina — Vice-presidente
Brandão
Marcelo
Luís Carvalho
Ney Simões
Roncesvales
Ciocchi

CONSULTORES

Prof. Julio Cezar de Almeida Larangeira — Física
Prof. José Antonio de Paula Ventura — Química



FOGUETE SONDA II

...E A ESCOLA,

NOSSO DESTINO



Al. Luiz Carlos de Carvalho Roth

Reprodução fiel da Carta Régia de 5 de agosto de 1779 outorgada por Dona Maria — Rainha de Portugal — pela qual foi criada a Escola Naval. — Este documento está exarado de folhas (sem número) do livro número dois mil duzentos e trinta de Impressos da série preta, incorporado ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo.



DONA MARIA por graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, d'aquém, e d'além mar, em Africa Senhora de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. Faço saber a todos os que esta Carta virem, que tendo consideração ao muito, que importa ao Meu Real Serviço, e ao bem público dos Meus Reinos, poderem os meus Vassallos applicar-se ao estudo das Sciencias, que são indispensaveis, não só para se instruirem, mas tambem para se aperfeiçoarem na Arte, e prática da Navegação: Hei por bem que na Minha Corte, e Cidade de Lisboa se estabeleça huma Academia Real de Marinha para hum Curso de Mathematica, o qual será composto das partes seguintes: da Arithmetica; da Geometria; da Trigonometria Plana, e Esferica; da Algebra, e sua applicação á Geometria; da Statica, e Dynamica; da Hydrostatica, Hydraulica, e Optica; e de hum Tratado completo de Navegação: havendo huma Inspeção sobre a mesma Real Academia, a qual pertencerá ao Inspector Geral da Marinha; e regulando-se o sobredito Estabelecimento na fórma, que sou servida ordenar nos Estatutos seguintes.

O PASSADO

A história da Escola Naval divide-se em dois períodos: o português, até 1808, e o brasileiro, de 1808 aos nossos dias.

O período português teve início a 5 de agosto de 1779, graças aos esforços do Ministro Martinho de Mello, quando foi baixada a Carta-Régia, outorgada por D. Maria — Rainha de Portugal, instituindo, na cidade de Lisboa, a Academia Real de Marinha, para o aperfeiçoamento da Arte e da Prática de Navegação. Nela se estudavam Aritmética, Geometria, Trigonometria Plana e Esférica, Álgebra e sua aplicação à Geometria e no Cálculo Diferencial e Integral, Estática, Dinâmica, Hidrostática, Hidráulica, Ótica e um tratado completo de Navegação. Veio da primeira Escola Náutica do mundo, passando a chamar-se Academia Naval Portuguesa.

O ano de 1808 marca para aquela Escola o início de um novo período de atividades nunca interrompido: sua transferência para o Brasil.

Quando D. João VI resolveu transferir a Corte Portuguesa para o Brasil, trouxe com ela um séquito de 15.000 pessoas em uma Esquadra de 16 naus, que aportou na Bahia a 22 de janeiro de 1808. Em seguida o príncipe assinou o decreto da Abertura dos Portos do Brasil às nações amigas de Portugal, apenas 6 dias depois de sua chegada, isto é, no dia 28.

A 8 de março de 1808 o Rio de Janeiro recebia D. João e sua comitiva, dela fazendo parte a Academia Real de Guardas-Marinha, embarcada na nau "Conde D. Henrique" com todo o seu corpo docente e discente, a biblioteca, os instrumentos, a tradição, os costumes, etc.

Não havendo local apropriado para as novas instalações da Escola de Navegação, a Academia ficou, de 24 de março a 5 de maio de 1808, num quartel provisório da Rua dos Ourives, sendo depois instalada no Mosteiro de São Bento, onde ficou até 1832. Muito embora o Brasil, a essa altura, já houvesse feito a sua independência, a Escola continuou sendo portuguesa de coração, havendo-se, inclusive, rebelado contra o movimento de nossa emancipação política.

Só se tornou uma instituição genuinamente brasileira, quando a Companhia de Guardas-Marinha prestou o juramento de fidelidade ao Brasil, realizado em ato solene a 7 de abril de 1823. Este ato é uma página das mais belas dos anais da velha Academia, na qual vamos encontrar, entre

outros, a figura legendária de um português de nascimento, que se tornou, porém, tão brasileiro como o melhor dos brasileiros — BARROSO!

Durante o curso dos acontecimentos que precederam a Independência, a Escola continuou como instituição imperial, com os mesmos estatutos portugueses, de 1795, até 1839, quando foram por outros substituídos, permanecendo, por algum tempo, anexada à Academia Militar, da qual se separou um ano depois, sendo transferida para a antiga sede no Mosteiro de São Bento.

Em 1839 a Escola Naval é instalada no navio "D. Pedro II", daí saindo em 1849, devido ao estado precário do barco, para um prédio no largo da Prainha, onde hoje fica a Praça Mauá.

Nessa ocasião foram efetuadas várias reformas e incluído no currículo o estudo de Artilharia e Oceanografia, além de uma viagem de instrução anual para os Guardas-Marinha.



Antigo pórtico de entrada da Fortaleza de Villegaignon.

Em 1864 começou a guerra do Paraguai, e mais uma vez a Escola sofre uma mudança, para a fragata "Constituição".

Devido à velhice dessa embarcação, que lhe servia de sede, a Escola foi, em 1883, transferida para a Ilha das Enxadas.

Durante as revoltas que se seguiram à Proclamação da República, nas quais perdeu a vida SALDANHA DA GAMA, a Escola virtualmente deixou de existir, voltando a funcionar somente no ano de 1895.

Em 1914, Angra dos Reis, foi o local escolhido para a instalação da Escola Naval. Em virtude das dificuldades que então esse local apresentava e por não estar preenchendo as finalidades necessárias à Escola, voltou ela para sua antiga sede da Ilha das Enxadas, em 1921.

As instalações da Escola em Angra são hoje o Colégio Naval, onde se preparam os candidatos à Escola Naval.

No ano de 1932, um incêndio destruiu grande parte da Escola, causando enormes prejuízos e inutilizando arquivos e documentos datados da criação da Academia Naval Portuguesa.

Finalmente em 1938, foi concluído na Ilha de Villegaignon o conjunto de prédios que são hoje habitados pelos que cursam a Escola Naval. Desde então vem sofrendo esta Escola, tanto nas instalações como nos currículos, várias modificações para atender à constante atualização do progresso.

As diversas sedes da Escola Naval foram:

- 1808 à 1832 — Mosteiro de São Bento.
- 1832 à 1833 — Largo de São Francisco.
- 1833 à 1839 — Mosteiro de São Bento.
- 1839 à 1849 — Nau "D. Pedro II".
- 1849 à 1869 — Edifício do Largo da Prainha.
- 1867 à 1880 — Fragata "Constituição".
- 1880 — Arsenal de Marinha da Corte.
- 1881 à 1914 — Ilha das Enxadas.
- 1914 à 1921 — Enseada Batista das Neves (Angra dos Reis)
- 1921 à 1938 — Ilha das Enxadas
- 1938 até nossos dias — Ilha de Villegaignon.

O PRESENTE

A Escola Naval, após inúmeras mudanças e transformações, acompanhando a evolução dos tempos, permite ao Aspirante de hoje viver num ambiente que lhe proporciona todos os recursos para estar sempre atualizado com o desenvolvimento tecnológico do mundo, com o avanço

das ciências e com o progresso do homem no campo universal.

Atualmente o currículo foi ampliado com várias matérias técnicas, pois a Escola Naval está preparando os seus alunos para a função de Engenheiro Operacional.

Assim o curso da Escola Naval consta não só de assuntos que visam ao ensino das diversas atividades cotidianas na vida naval, como também dos necessários conhecimentos para o trabalho dos engenheiros mecânicos e técnicos em eletricidade nos arsenais.

Nos dois primeiros anos de Escola, são dadas as noções básicas de Marinharia e Navegação, além das matérias específicas, tais como Resistência dos Materiais, Mecânica, Física, etc.

A partir do terceiro ano, escolhido o corpo em que o Aspirante irá ingressar (que pode ser o da Armada, de Fuzileiros Navais ou de Intendentes da Marinha), a formação profissional é bastante intensificada, com a inclusão do ensino de Astronomia e Navegação para a Armada, Táticas e Manobras para os Fuzileiros Navais, e Logística, Contabilidade, Processamento de Dados, etc., para os Intendentes.

Além disso a Escola Naval dispõe de um Planetário, um moderno laboratório de Línguas, com aulas extracurriculares de vários idiomas, para os que desejarem aprofundar-se no estudo lingüístico, e também de laboratórios de ensaios mecânicos, de eletricidade e eletrônica, dotados de máquinas do mais alto padrão tecnológico. Possui ainda sistema de Processamento de Dados que permite resolver os mais complexos problemas, estando o Computador IBM — 1130 à disposição de qualquer aluno.

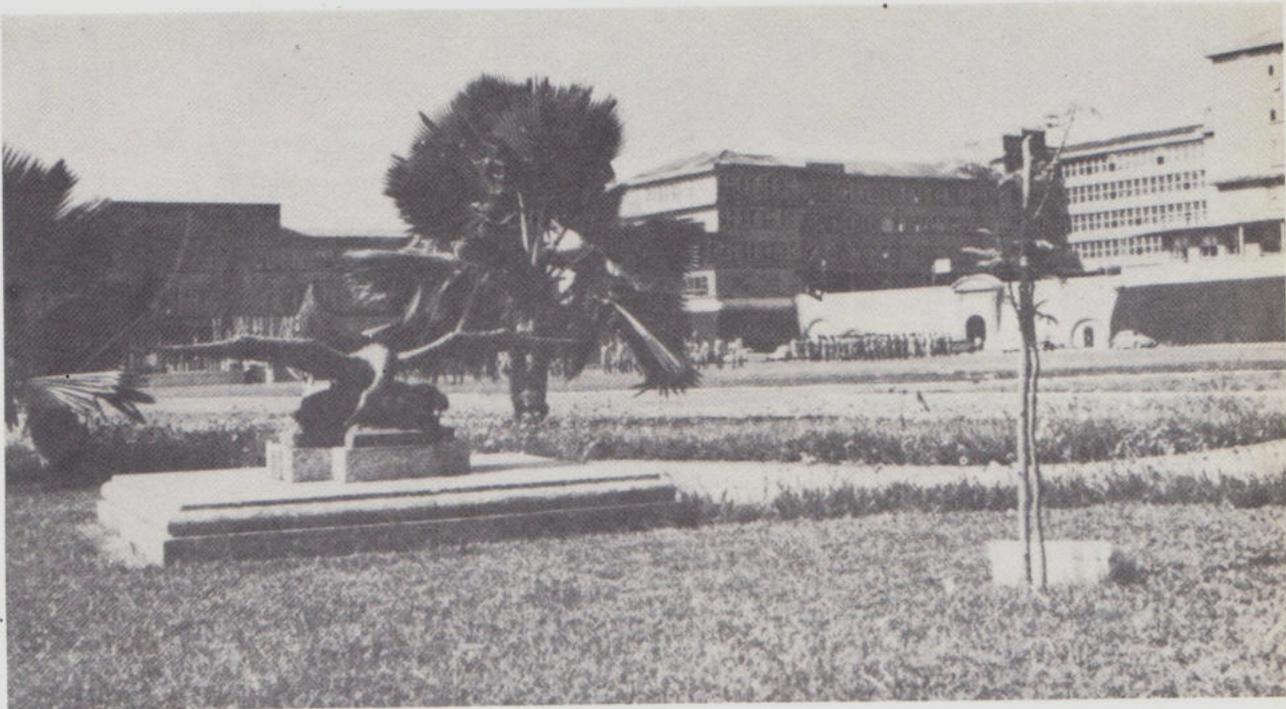
A duração do curso é de 4 anos ou de 8 semestres, atendendo ao sistema moderno, adotado em diversas universidades do Brasil, nos quais o Aspirante cursa as matérias de engenharia e de cunho profissional.

Mas não só de estudo vivem os Aspirantes. Existe um órgão interno, a Sociedade Acadêmica Phoenix Naval ("SAPN"), que representa a manifestação de interesse dos Aspirantes pelas atividades culturais e artísticas.

Essa sociedade é integrada por vários Grêmios, que reúnem os que se dedicam a determinados passatempos.

Dentre eles, podemos citar os Grêmios de Rádio-Amadores, de Música, o Cultural, o de Caça-Submarina e o de Vela.

O oficial de Marinha de hoje pode dispor de todos os conhecimentos básicos, dentro das con-



ceituações necessárias a formar, não só para a Marinha, como também, em geral, cidadãos brasileiros capazes de ser úteis à Nação, em todos os setores.

O FUTURO

Pelo projeto do nosso atual Ministro da Marinha, Almirante Adalberto de Barros Nunes, será construída uma nova Escola Naval próxima a Ubatuba, no Estado de São Paulo, com

maior capacidade para alunos e instalações ultramodernas, a fim de atender a todos os brasileiros que desejam ingressar em nossa Marinha de Guerra.



Assim é a Escola Naval: rica em tradições, detentora de um passado glorioso e construtora de um futuro ainda maior. 

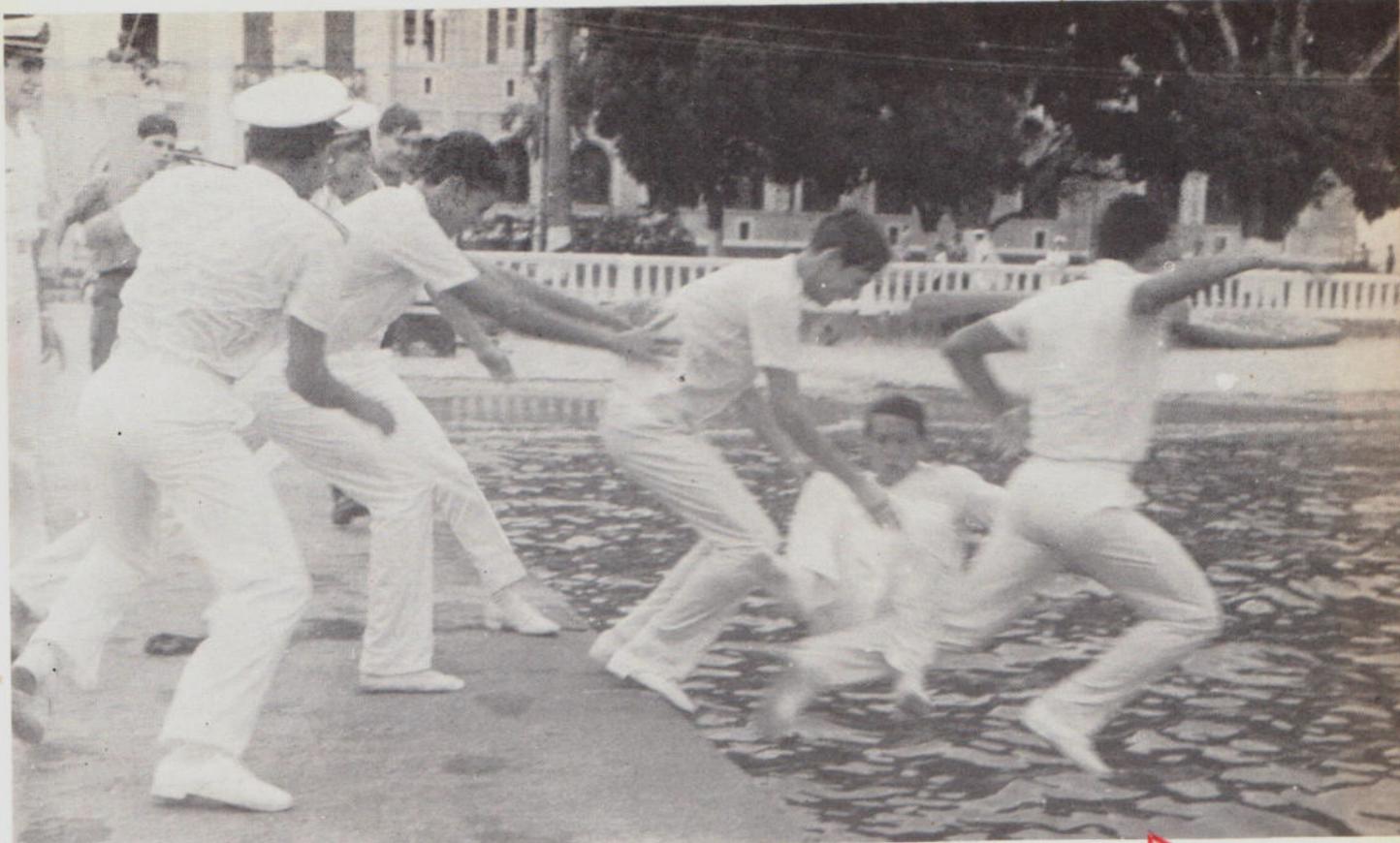




Parte da Turma 21, tendo ao centro
nosso paraninfo — o Prof. SOUTO.



Em cima: VIELLAS, LOURENÇO, GILSON e NEVES; Sentados: ASTOR, JUAREZ, TERRA e STANKIEWICZ. Encostados: ADOLFO, PINA, JACOBY, DE PAULA, ROBERTO MEDEIROS, PAULO, ÁLVARO e MAIA DE OLIVEIRA; Sentado. TEMER.



O "BACALHAU": um merecido banho para os que passaram, mas onde todo o mundo cai junto.

A TURMA QUE SAI

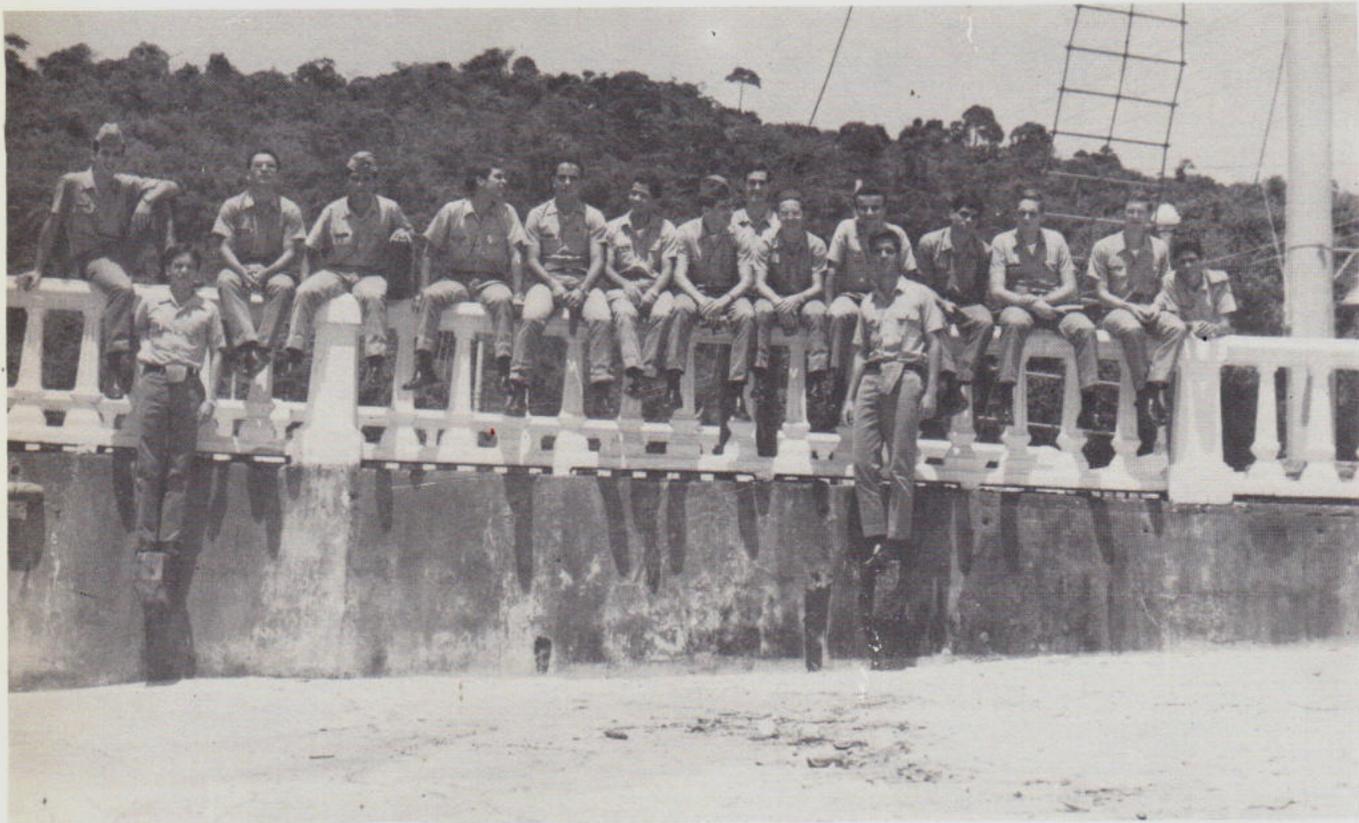
AL. FRANCISCO EDUARDO NOVELLINO

DOIS de Março de mil novecentos e setenta e dois. Éramos aproximadamente 150 alunos e provínhamos de várias partes do Brasil, oriundos de concurso e de Colégios Militares. Nosso único objetivo era o de concluir o curso do Colégio e seguir para a Escola Naval, onde após quatro anos sairíamos oficiais de Marinha.

Para a maioria, aquele tipo de vida inspirava um certo temor e várias das expressões usadas nos eram inteiramente estranhas. Mas logo passada a primeira semana, utilizava-se justamente para a integração do

aluno nas atividades e rotina do Colégio, e por isso chamada de adaptação, já estávamos sabendo perfeitamente os regulamentos e "mace-tes" que guiariam nosso procedimento durante o tempo seguinte.

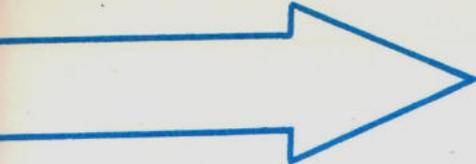
A TURMA QUE SAI



Grupo: PEIXOTO, PEREIRA NETO, ALONSO, BODNAR, SABOIA, ROSSATO, VILLELA, RONCESVALLES, RÉGULA, WANDERLEY NUNES, LEITE BARBOZA, BARRETO, MALVAR, LYRA, TORRES DOS SANTOS e OSMAR.



Em pé: SOUZA, BERTHO, ROSSATO, GUERRA, LARA, QUARESMA, CORDEIRO, SOARES JUNIOR, SILVA COSTA, PALMIRO. Agachados: BEZERRA, MAYER, MURILLO, FURTADO, LUIZ AUGUSTO e WALDEMIRO.



Após a chegada do pessoal excedente completou-se o 1.º ano, e com ele, a turma de 72, a nossa turma. Então começaram as aulas. A parada era dura, para dizer a verdade, e quem quisesse ficar despreocupado no final do ano letivo teria que estudar. Alguns foram infelizes no transcorrer das provas, porém muita gente conseguiu alcançar o 2.º ano, estudando pausadamente, praticando esportes nas horas de folga e cumprindo com perfeição suas obrigações militares.

Logo no primeiro fim-de-semana em que não fomos para casa, ficamos conhecendo Angra, uma cidade que possui recantos maravilhosos e gente muito acolhedora, principalmente as garotas, que souberam nos receber muito bem durante esses dois anos. Aqui os alunos formaram uma outra vida e "amizades" que possivelmente vão durar após nossa saída para a Escola.

Ao passar para o 2.º ano recebemos a incumbência de instruir os novos "calouros" que chegam. Para nós foi uma tarefa levada realmente a sério, visando principalmente à formação do futuro segundoanista e a perfeita homogeneidade das turmas dentro do CN, pois de uma forma ou de outra, o trabalho da precedente sempre influencia o modo de agir da turma seguinte.

E agora somos novamente calouros. Nada importa mais do que seguir para Villegagnon e portar o espadim como verdadeiros aspirantes. E num gesto de afetuosa despedida e despreocupação, jogamos os "queps" para o alto e gritamos ARREGO, querendo dizer, com isso, que conseguimos nossa primeira vitória.



Em pé: COSTA BRAGA, AILTON, DE PAULA e ZAMBÃO. Sentados: ORLANDO, SONILON, ASCH e ESPINOSA.



Atrás: SIDNEY, SIMÕES, FRANCISCO PAIS, GENIVALDO, MELLO e MUREB.
Na frente: SEÑORANS, FRANKLIN e MARÇAL.

A TURMA QUE SAI



Em pé: Pereira Santos, Carreiro, Otero, Zanatta, Rogério e Chater.

Sentados: Pinto de Almeida, Mazini, Bahiense, Costa Oliveira, Chaves, Luiz Alberto e Dilermano.

Deitados: Dantas Neto, Pêgas e Trajano.



1.ª fileira: FRANCINET,
GARCIA, COUTINHO,
MARIO LUIZ e
AIRTON; 2.ª fileira:
FIORITO, DANIEL,
VINÍCIUS COSME
e NOVELLINO; 3.ª fileira:
PAULO CÉSAR,
VELASQUES, DEL
ÂNGELO E IGREJA.

A TURMA QUE SAI



Em pé: PIERRE, SÉRGIO
RICARDO, DE LUIGGI,
FREDERICO, JOSÉ
CARLOS, CARLOS SILVA,
OSWALDO, SIQUEIRA
e AUZIER.
Sentados: LAURISTON,
LANDER, AMATO, SEGOND,
HORA, LINDEBERG,
ARAÚJO e TOREZANI.

A TURMA QUE SAI



Em pé: CAETANO DA SILVA, LUIZ, FIDELIS, ROCHA, LOPES, PAULO ROBERTO, JUNQUEIRA, DETANA, GUSTAVO, SALES, IORCO, ROBERTO e MARCO ANTÔNIO; Agachados: MITRANO, DIAS, CARELLI e MIRANDA.



Em pé: HERALDO e COSTA; Sentado no banco: RIBAMAR, RIBEIRO, MARTINHO, RIVALDO, ROTH e AYRES; Sentados no chão: ALMIR e ODAIR.



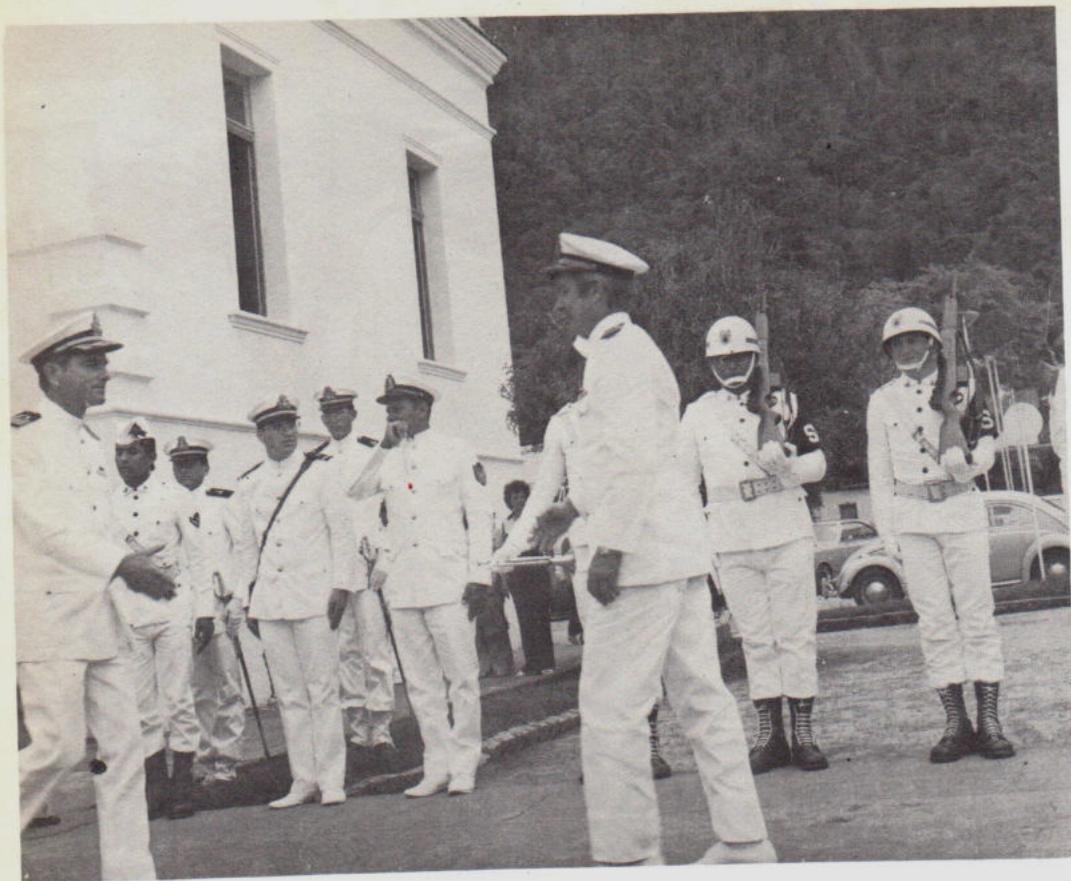
ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO

PASSAGEM da Guarda-Bandeira de 1973 para a de 1974. O aluno 2001 — De Paula — entrega o Pavilhão Nacional ao Sr. Diretor do Colégio, que por sua vez o passa ao atual 2001, aluno Mauro.

O estandarte do Colégio também é entregue pelo aluno Silva Costa ao atual 2002, aluno Ranna, por intermédio do CC Cabral.

No dia anterior havia sido feita a passagem da cana-do-leme. Os três alunos mais modernos do 2.º ano entrégaram-na aos três mais modernos do 1.º ano. Esta cerimônia simboliza a passagem de comando da turma que sai para a turma que fica.



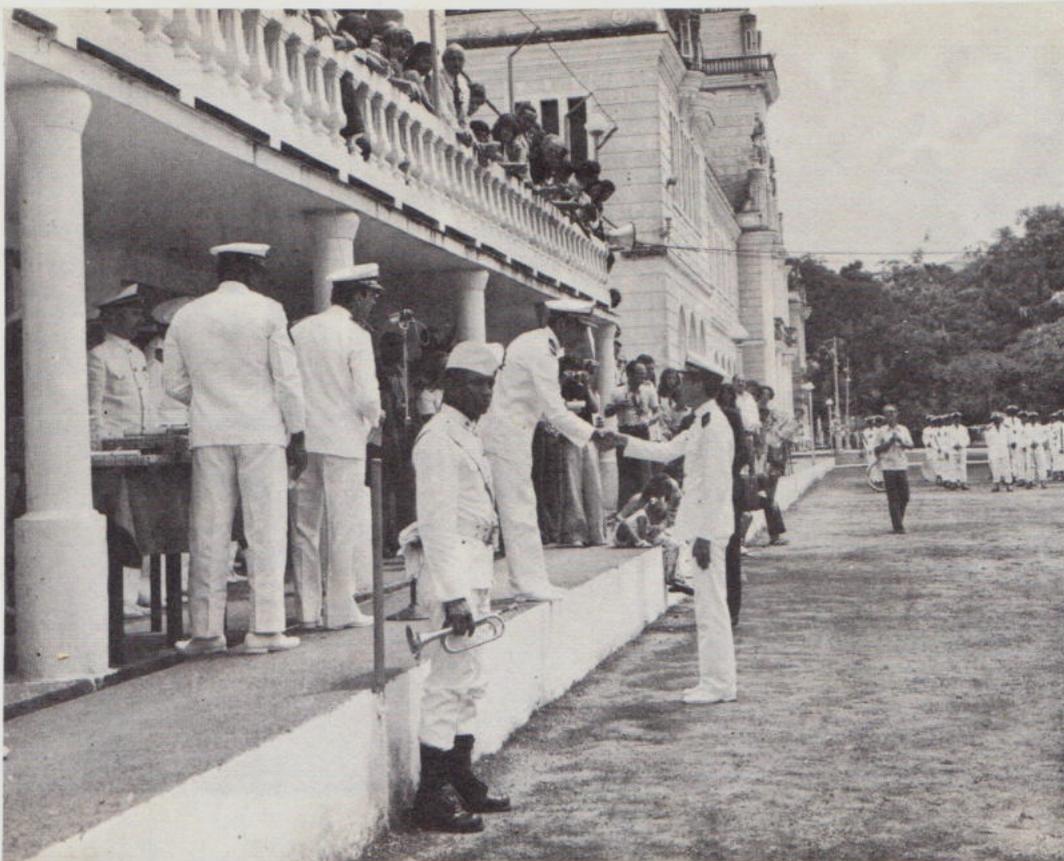


Representando o Exmo. Sr. Diretor de Ensino da Marinha, é recebido no CN o CMG ALFREDO DE VASCONCELLOS CUNHA para participar de cerimônia de encerramento do ano letivo.

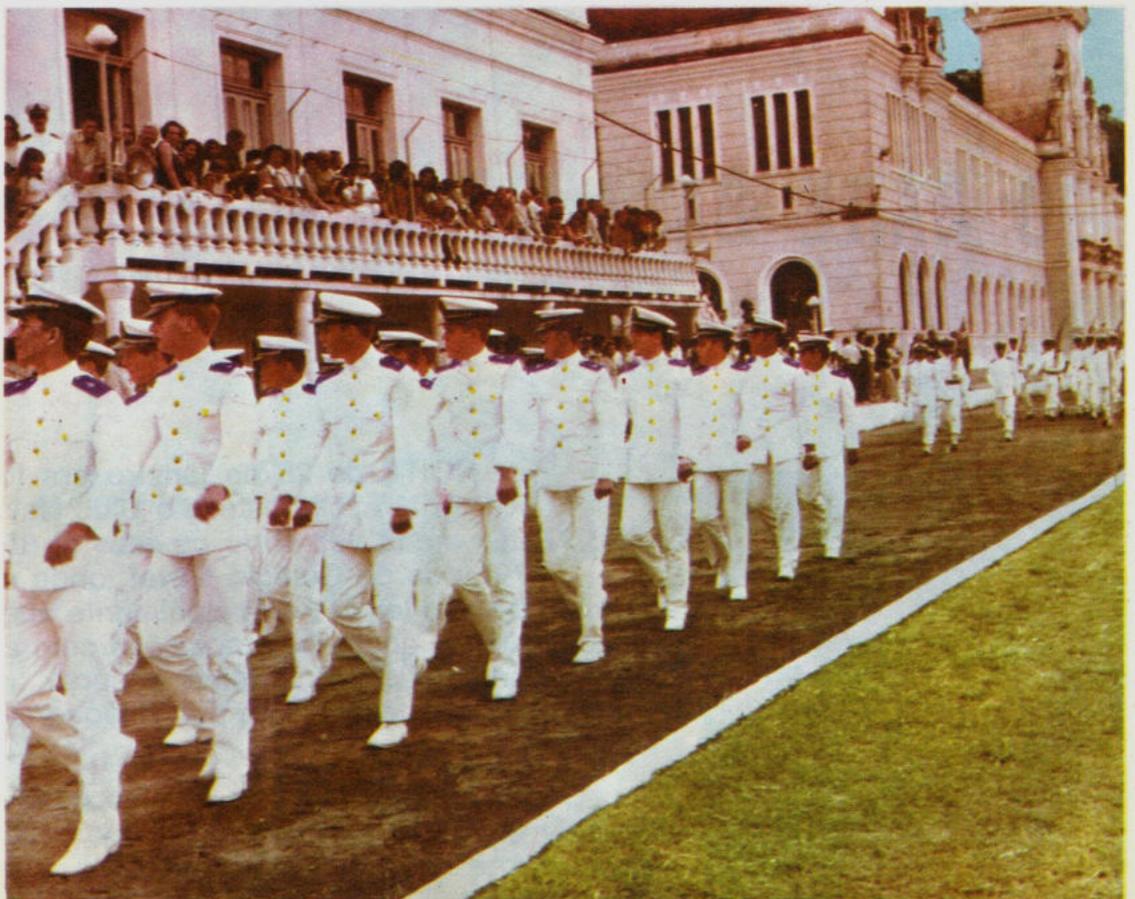
ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO



O Aluno 2007 LYRA, recebendo das mãos do Comandante Belbino o prêmio a que fez juz.



O CMG HUGO STOFFEL entrega um dos prêmios ao aluno 2004 FRANCISCO PAIS.



Os novos aspirantes em continência ao Sr. Diretor.



ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO

O BAILE DA ÂNCORA NO CLUBE NAVAL

AL. LUIZ CARLOS DE CARVALHO ROTH



A NOITE de 25 de janeiro era toda risos e alegria. Assim esteve o Club Naval, que pela primeira vez abriu os seus portões para os alunos do Colégio Naval, onde comemoramos o término do ano letivo e principalmente quando nós, os segundo anistas, enchemos os salões com a felicidade despreocupada de quem termina o curso, com a felicidade maior de quem deixa Angra por Villegagnon, o Colégio pela Escola.

Sentia-se a alegria boa de uma noite de festas transparecer em cada gesto de todos que souberam sentir conosco o prazer de terminar um curso, o prazer da vitória e do sucesso.

HOMENAGEM

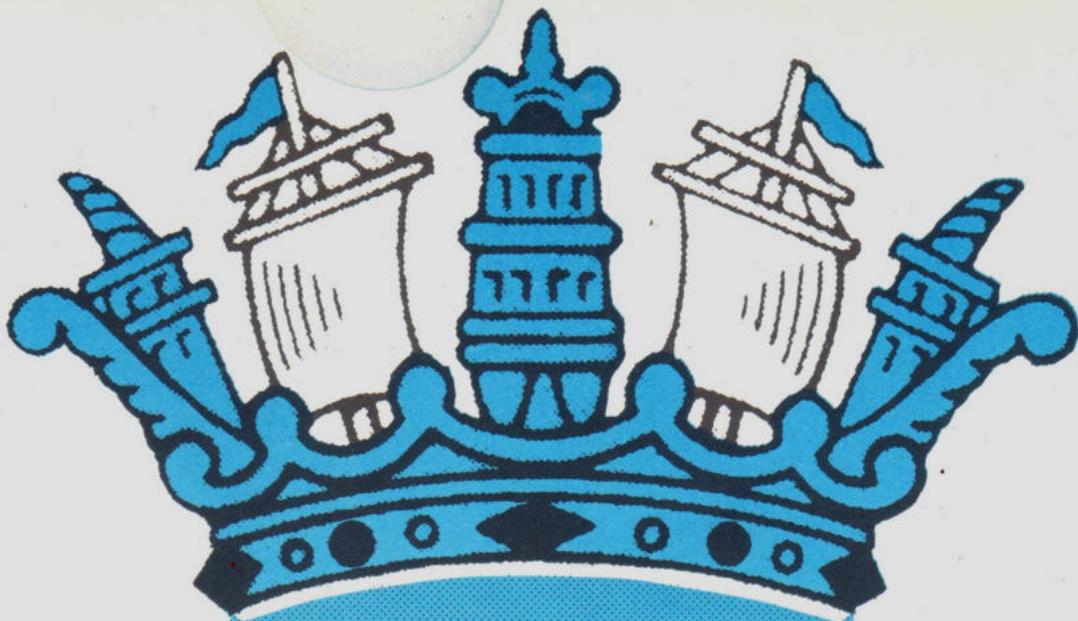


CMG Hugo Stoffel

ALÉM DE EFICIENTE
DIRETOR,
UM GRANDE AMIGO







AGRADECIMENTOS

Ao Exmo. Sr. Vice-Presidente da República, Almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald, pela presteza e simpatia com que acolheu a solicitação dos alunos da "Fragata".

Ao C.M.G. Hugo Stoffel, o irrestrito apoio material e a confiança em nosso trabalho.

Ao C.M.G. Dolmar Fernandes Natário, pela gentileza com que recebeu nosso representante em Brasília.

Ao Serviço de Documentação da Marinha na pessoa do C.M.G. Max Justo Guedes.

Ao Serviço de Relações Públicas do Ministro da Marinha na pessoa do CC(IM) — Burgos.

Ao CT — Carlos Balthazar da Silveira Junior, oficial responsável pela "Fragata" pelo seu apoio dinâmico e decisivo.

Aos Membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pela boa vontade demonstrada.

Ao Sr. Eduardo José Gonçalves por sua grande experiência e o carinho com que diagramou esta "FRAGATA".

Ao Sr. Décio Brian da Silva, pelos inúmeros favores prestados.

Ao Professor Hugo Bellard.

Ao Professor Affonso Celso Villela de Carvalho.

A Revista MANCHETE

A Sociedade Acadêmica Phoenix Naval e a todos que nos ajudaram e contribuiram para que ao mar fosse lançada mais esta "FRAGATA".

HOMENAGEM ESPECIAL

Ao casal Aulo Ribeiro de Medeiros, pelo apoio moral dado aos alunos nesses dois anos.

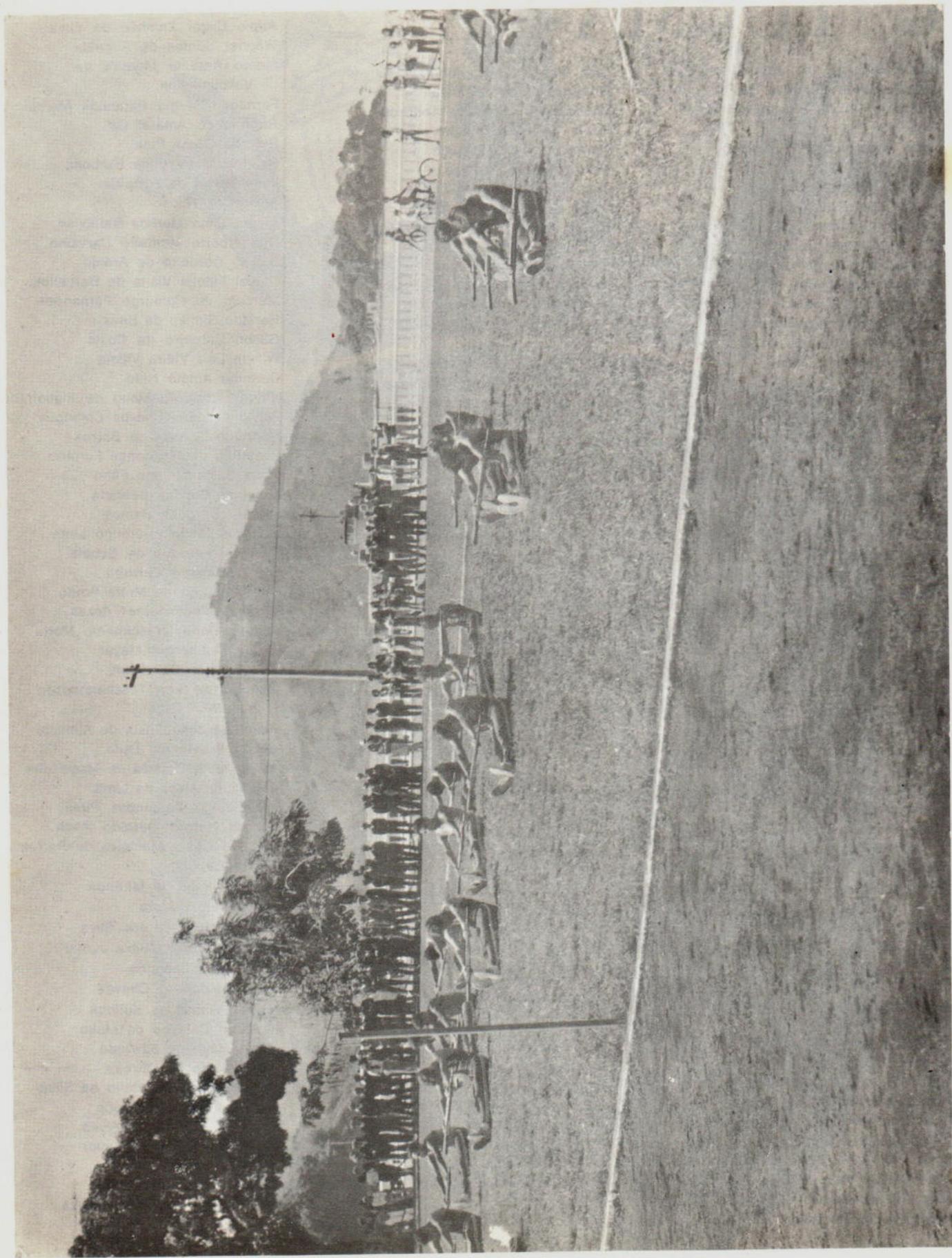


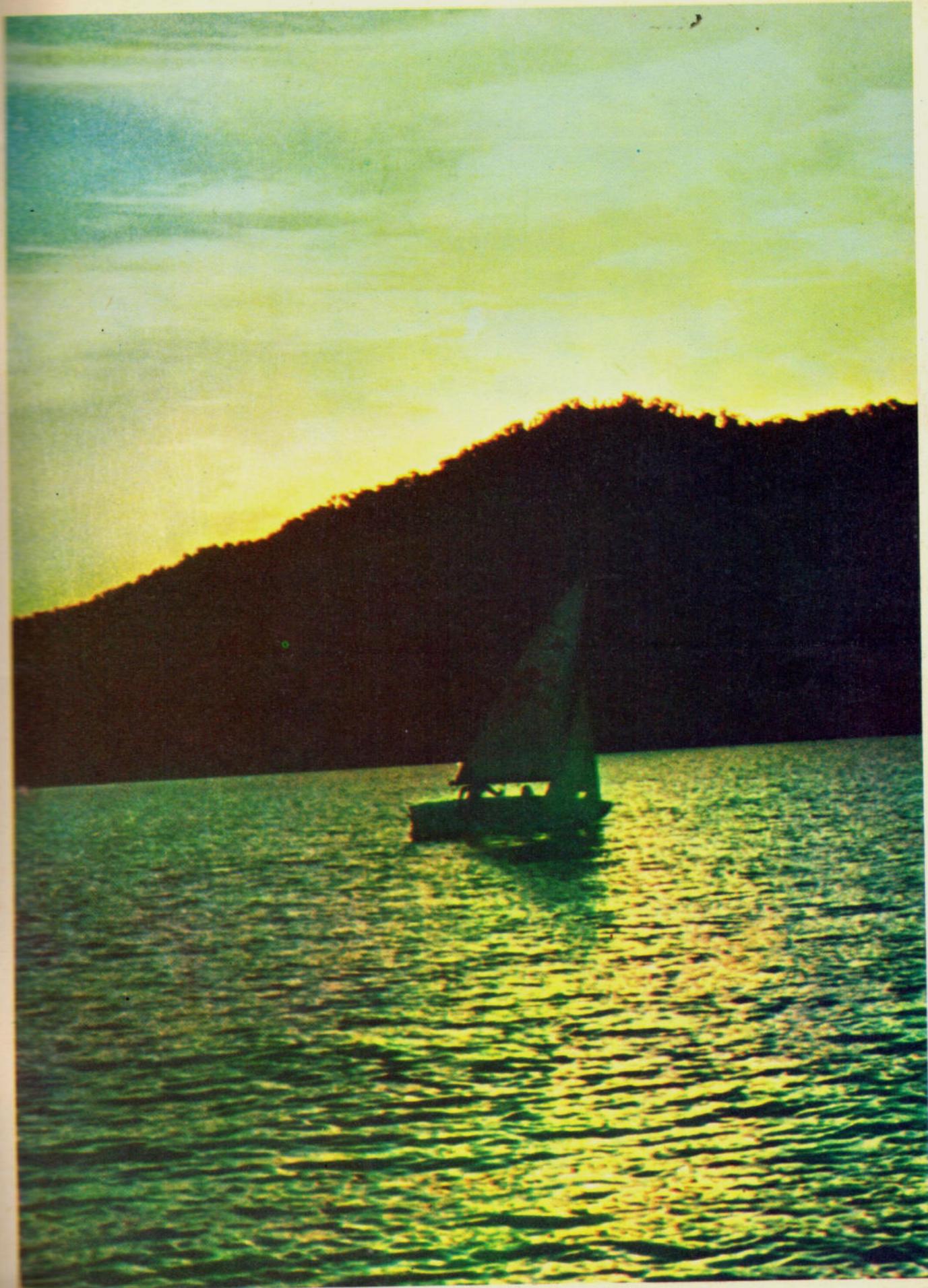
TURMA DE 72

Abdon Baptista de Paula Filho
Luiz Fernando da Silva Costa
Francisco Roberto Portella Deiana
Francisco Pais
Odaí Fernandes Aguiar Filho
Juarez Alves Junior
Marcelo de Lyra Filho
Lander Loureiro da Silva
Francinet Antunes dos Santos
Cláudio Lirange Zanatta
Mauro Joaquim da Costa Braga
Plínio Soares Junior
Wilfredo Carlos Santos Junior
Jorge Marques de Menezes
José Ribamar Freitas da Motta
Álvaro de Castro Neto
Armando Alonso Filho
Pierre Matias da Silva
Sérgio Luiz Coutinho
Dilermando Ribeiro Lima
Paulo Sérgio Espinosa da Silva
Carlos Alberto Guerra
Carlos Alberto Ferreira da Rocha
Jair Leal Señorans
Almir Ribeiro Guimarães Junior
Paolo Stanzioffa Neto
Luiz Antonio Torres dos Santos
Edson da Silva Siqueira
José Fernandes Del Angelo
Rogério Almeida Manso da Costa Reis
Orlando Couto Júnior
Palmiro Ferreira da Costa
Carlos Eduardo Junqueira
Jorge Cascardo Amarante
Frederico Ayres Pereira Corrêa da
Silva
Roberto Pereira Terra
Luiz Miguel Régua
Sérgio Deluiggi
Paulo Vinicius Correa Rodrigues
Júnior
Sérgio Más Souza Braga
Ailton Bispo dos Santos
Murilo Moreira Barros
Gustavo Silveira Carvalho de Souza
José Guido de Castro Pacheco
Erivaldo Edson Carvalho de Almeida
Roberto Carvalho de Medeiros
Alexandre Antônio Barreto de Miranda
Neslsley Figueiredo Torezani
Francisco Eduardo Neves Novellino
Carlos Alberto Pêgas Ferreira
Carlos Renato Seabra de Almeida
Alvaro Maurício Bertho dos Santos
José Dias de Araujo Machado
Ary Cavalieri Brandão Júnior
José Maria Leite de Araújo Castro
José Carlos Maia de Oliveira
Luiz Alexandre Marques Peixoto
Lauriston de Mendonça Furtado
Marcelo Garcia Vaz

Luiz Alberto Branquinho Gonçalves
Roberto Carvalho Costa
Waldemiro Soares de Andrade
Paulo Roberto da Silva Xavier
Carlos Alberto Marques
Mauro Scharth Gomes
João Luiz Viellas de Farias
Paulo Bodnar
Oswaldo Guilherme Schroeter
Sidney Conceição Menezes
Jacinto Fernandes Otero
Alexandre José Barreto de Mattos
José Carlos Quaresma Filho
Antonio Roberto de Oliveira
Hamilton de Carvalho Burd
Roberto Vieira Ferreira Horta
Henrique Stankiewicz Machado
Frank Macedo Roncesvalles Holmes
Edson José Ferreira Araújo
Jorge Mauro Fiorito
Roberto Oliveira Pinto de Almeida
Marco Andrade Brasil de Matos
Antonio Pedro Kasakewitch Souza
Antonio Paulo de Souza Carelli
Franklin de Oliveira Gonçalves
Rui Campos Ribeiro
José Helvécio Moraes de Rezende
Marcus Vinicius de Almeida Malvar
Marcus Segond Carvalho Cruz
Cosme José Alves
Cid Pereira Santos
Luiz Felipe de Paula Perestrello de
Menezes
Antonio Pascoal Fernandes Mitrano
Genivaldo Berto da Silva
Luiz Carlos de Carvalho Roth
Cezar de Alvarenga Jacoby
Wanderley Nunes
Ivan Nascimento Auzier
José Airton dos Santos
Ibrahim Ribeiro Dantas Neto
Sonilon Vieira Leite
Edmilson Sant'ana Corrêa da Costa
Lara
Claudio Iorio Ferraz
Fernando Antônio Machado Mureb
Ricardo Luiz de Sá
Júlio Andrey Facure Neves
Francisco Gonçalves Pereira Neto
Carlos Silva Rodrigues
Rubens da Igreja Ferreira
Florianio Saad Mazini
Rubens de Carvalho Rodrigues
Francisco José Passos Mota
Roberto José Lopes da Cruz
Clóvis Loureiro Lima
Luiz Augusto Lima Vieira da Rocha
João Astor Mendonça Lisboa
Osmar Pedro da Cunha
Frederico José Cavalcanti de Oliveira
e Silva

Daniel Caetano de Figueiredo
José Augusto da Costa Oliveira
Alípio Cezar Zambão da Silva
Wagner Santos de Almeida
Marco Antonio Moreira de
Vasconcellos
Fernando Sérgio Paranhos Marçal
Rogério do Amaral Gil
Ricardo Costa Pina
Ricardo Motta Leite Barbosa
José Carlos de Almeida
Alexandre Veloso
Álvaro Lima Martins Bahiense
Nilo Alberto Monteiro Carvalho
Sidney Cordeiro de Araujo
Daniel Fidelis Viana de Barcellos
Marcelo de Camargo Fernandes
Heraldo Simião da Silva
Gilson Carneiro da Costa
Wilson Luiz Vieira Villela
Carmine Amato Neto
Nilton Sebastião Mello de Figueiredo
Sylvio Gustavo Chaves Chilingue
Henrique Isensee de Barros
Leopoldo de Mendonça Furtado
Enito Sales Moraes Filho
Jefferson Simões Santana
Laercio Barbosa Ramos
Maurício César Lourenço Leite
Rodolfo Henrique de Saboia
Sérgio Ricardo Ferreira
Fernando Luiz da Motta Souto
Jorge Chater Youssef Aroas
Antonio Carlos Nascimento Motta
Carlos Gulherme Mayer
Luiz Antonio Cavalcanti
José Fernão Von Teschenhausen
Eberlin
Alexandre José Costa de Almeida
Renato Braslavsky Leite
Pedro Paulo Gouvêa de Magalhães
Mário Luiz Alves de Lima
Mário Jorge Fernandes Pires
Richard Harold Geraldo Asch
Reinaldo Cesar Monteiro de Barros
Bezerra
Marcos Nunes de Miranda
Elano Correia Mota
Paulo Ricardo Ckless Silva
Adolfo Barros da Silva Junior
João Carlos Langone
Sérgio Lindeberg Chaves
Bahime Velasques Keijock
Arioaldo Carreiro de Mello
Sérgio Maya de Azevedo
Luiz Augusto de Oliveira
Rogério Passos Caetano da Silva
Marcio de Souza Campos
José Carlos Martinho Alves
Omar Amílcar Temer Junior
Osmar Rossato
Moisés Hora Santos
Paulo Cesar de Araujo Souza
Carlos Magalhães Trajano
Alan Gomes Omar







RENDIÇÃO DA CORVETA GOVERNADOR DORREGO

Óleo de Eduardo De Martino
Museu Histórico Nacional